



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

TÂNIA CRISTINA ARAÚJO SERIQUE

**PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE LEITURA E A FORMAÇÃO ESTÉTICA NA
EDUCAÇÃO ESCOLAR**

**SANTARÉM-PA
2024**

TÂNIA CRISTINA ARAÚJO SERIQUE

**PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE LEITURA E A FORMAÇÃO ESTÉTICA NA
EDUCAÇÃO ESCOLAR**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), do Instituto de Ciências da Educação (ICED), da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), como requisito parcial para a obtenção de título de mestre.

Orientador: Professor Dr. Zair Henrique Santos

**SANTARÉM
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

S485p Serique, Tânia Cristina Araújo
 Produção audiovisual de leitura e a formação estética na educação escolar./ Tânia Cristina Araújo Serique. – Santarém, 2025.
 137 p. : il.
 Inclui bibliografias.

Dissertação defendida em 2024 e depositada em 2025.

Orientador: Zair Henrique Santos.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Mestrado Profissional em Letras.

1. Leitura. 2. Literatura. 3. Estética. I. Santos, Zair Henrique, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed.370.1



Aos trinta dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, por meio de videoconferência Google Meet, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) Drs(as). Prof. Dr. Zair Henrique Santos (orientador e presidente), Prof. Dr. Cleidison da Silva Santos (membro externo) e Profa. Dra. Ana Maria Vieira Silva (membro interno) a fim de arguirem a mestranda TANIA CRISTINA ARAUJO SERIQUE, com a dissertação intitulada: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE LEITURA E A FORMAÇÃO ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR". Aberta a sessão pelo presidente, coube a candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

Aprovada, fazendo jus ao título de Mestre em Letras.

Reprovada.

Documento assinado digitalmente
 **CLEIDISON DA SILVA SANTOS**
Data: 12/01/2025 10:45:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. CLEIDISON DA SILVA SANTOS, IFPA

Documento assinado digitalmente
 **ANA MARIA VIEIRA SILVA**
Data: 30/12/2024 11:18:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. ANA MARIA VIEIRA SILVA, UFOPA

Documento assinado digitalmente
 **ZAIR HENRIQUE SANTOS**
Data: 23/01/2025 12:37:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. ZAIR HENRIQUE SANTOS, UFOPA

Documento assinado digitalmente
 **TANIA CRISTINA ARAUJO SERIQUE**
Data: 23/01/2025 13:10:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

TANIA CRISTINA ARAUJO SERIQUE

Mestranda

À minha família, em especial à minha mãe
Célia Serique e à minha filha Clara Serique,
por toda compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos mentores espirituais, por me guiarem espiritualmente nessa jornada.

À minha mãe, Célia Maria Araújo Serique, pela paciência comigo sempre.

À minha filha, Clara Serique Massaranduba e Silva, por compreender meu jeito e dar conselhos para ter mais paciência com as pessoas.

Aos demais familiares, principalmente minha irmã Dejacélia, sobrinho Luide, que, mesmo distantes, apoiaram-me de forma significativa, e sobrinha Jade que, além de apoio, foi inspiração para o vídeo “A Bailarina”.

Aos colegas de mestrado da turma 8 do Profletras pelas trocas de experiências e conhecimento no decorrer do curso, em especial à Francisca Oliveira da Cruz, que aplicou as produções audiovisuais por mim produzidas em sua intervenção com seus alunos.

Ao Grupo de Pesquisa, Estudos e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na escola (Lelit) que me acolheu de volta e pelo suporte no desenvolvimento deste trabalho. Aos amigos deste grupo de pesquisa, em especial ao Francisco Egon, que muito me ajudou nas escolhas de imagens, músicas, revisão de edição dos vídeos. E à Cristiane Moreira, pelas indicações de leituras, além das dicas para e na construção do texto dessa dissertação.

Aos professores que ministraram as disciplinas do mestrado pelo conhecimento repassado que foram além dos conteúdos destas.

À minha Coach, Clarisse Martine, que, na reta final desse mestrado, me fez ver e saber que sou capaz, que somos nós que fazemos, construímos nosso futuro.

À Thaiza Oliveira pelas correções, revisão textual e formatação deste trabalho.

Agradeço, de forma especial, ao Professor Dr. Luiz Percival que me trouxe ao mundo da leitura de literatura quando fiz parte da primeira turma de formação do Lelit, incentivando e elogiando minha arte de leitura pública, e que, no mestrado, junto ao meu orientador, deu luz ao meu objeto de pesquisa.

Ao Professor Dr. Zair Henrique Santos, meu orientador, é mais que agradecimento. Você é uma pessoa muito especial, humano, compreensível. Faz tempo que conheço esse seu jeito brincalhão, desde a graduação, mas que existe uma preocupação com cada discente, por trás. Eterna gratidão, meu Mestre.

É nas raízes das heranças culturais que encontro força e inspiração, abrindo portas para inovação e crescimento com as tecnologias.

Tânia Serique

RESUMO

Esta pesquisa buscou desenvolver uma metodologia pedagógica que integrasse recursos audiovisuais no ensino da leitura literária, com o intuito de enriquecer a formação estética dos alunos. As produções audiovisuais foram inseridas na intervenção da professora Francisca Oliveira da Cruz, nas suas aulas de Língua Portuguesa, para duas turmas do 6º ano, com um total de cerca de 70 alunos da escola Ulysses Guimarães, na cidade de Altamira. O estudo é fundamentado na premissa de que a leitura vá além da mera decodificação de textos, sendo uma prática que envolve interpretação, conexão com experiências pessoais e desenvolvimento do pensamento crítico. A pesquisa é motivada pela observação das dificuldades enfrentadas pelos alunos na compreensão e interpretação de textos, especialmente nas regiões do Oeste do Pará, onde o acesso a recursos artísticos é limitado. A proposta foi de criar vídeos que complementassem a leitura de obras literárias, proporcionando uma experiência de aprendizado mais dinâmica e interativa, alinhada às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A pergunta central da pesquisa é: como as produções audiovisuais podem impactar a formação estética e a recepção da literatura entre os alunos do 6º ano? Para responder a essa questão, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e descritiva, documentando o processo de elaboração dos vídeos e analisando a recepção dos alunos por meio de relatos da professora responsável pela aplicação das produções. O objetivo não é apenas promover a leitura, mas também estimular o interesse dos alunos por diferentes formas de expressão artística, integrando a literatura com outras linguagens, como a visual e a sonora. A pesquisa se insere em um contexto mais amplo de transformação das práticas educacionais, reconhecendo a importância de incorporar novas tecnologias e metodologias que valorizem a experiência estética e a criatividade dos estudantes.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Estética. Educação Escolar. Produção Audiovisual.

ABSTRACT

This research sought to develop a pedagogical methodology that integrated audiovisual resources into the teaching of literary reading, with the aim of enriching students' aesthetic education. The audiovisual productions were included in the intervention of teacher Francisca Oliveira da Cruz, in her Portuguese language classes, for two 6th grade classes, with a total of around 70 students from the Ulysses Guimarães school, in the city of Altamira. The study is based on the premise that reading goes beyond the mere decoding of texts, being a practice that involves interpretation, connection with personal experiences and the development of critical thinking. The research is motivated by the observation of the difficulties faced by students in understanding and interpreting texts, especially in the regions of western Pará, where access to artistic resources is limited. The proposal was to create videos that complemented the reading of literary works, providing a more dynamic and interactive learning experience, in line with the guidelines of the National Common Core Curriculum (BNCC). The central question of the research is: how can audiovisual productions have an impact on the aesthetic formation and reception of literature among 6th grade students? In order to answer this question, the research adopts a qualitative and descriptive approach, documenting the process of making the videos and analyzing the students' reception through reports from the teacher responsible for applying the productions. The aim is not only to promote reading, but also to stimulate students' interest in different forms of artistic expression, integrating literature with other languages, such as visual and audio. The research is part of a broader context of transforming educational practices, recognizing the importance of incorporating new technologies and methodologies that value the aesthetic experience and creativity of students.

Keywords: Reading. Literature. Aesthetics. School education. Audiovisual production.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa do livro “Ou isto ou aquilo”.....	54
Figura 2 – Slide 1 da produção A Bailarina.....	56
Figura 3 – Slide 2 da produção A Bailarina.....	57
Figura 4 – Slide 3 da produção A Bailarina.....	58
Figura 5 – Slide 4 da produção A Bailarina.....	58
Figura 6 – Slide 5 da produção A Bailarina.....	59
Figura 7 – Slide 6 da produção A Bailarina.....	59
Figura 8 – Slide 7 da produção A Bailarina.....	60
Figura 9 – Slide 8 da produção A Bailarina.....	60
Figura 10 – Slide 9 da produção A Bailarina.....	61
Figura 11 – Slide 10 da produção A Bailarina.....	62
Figura 12 – Slide 11 da produção A Bailarina.....	62
Figura 13 – Slide 12 da produção A Bailarina.....	63
Figura 14 – Slide 13 da produção A Bailarina.....	63
Figura 15 – Slide 14 da produção A Bailarina.....	64
Figura 16 – Slide 15 da produção A Bailarina.....	64
Figura 17 – Slide 16 da produção A Bailarina.....	65
Figura 18 – Slide 1 da produção Leilão de jardim.....	68
Figura 19 – Slide 2 da produção Leilão de jardim.....	69
Figura 20 – Slide 3 da produção Leilão de jardim.....	70
Figura 21 – Slide 4 da produção Leilão de jardim.....	70
Figura 22 – Slide 5 da produção Leilão de jardim.....	71
Figura 23 – Slide 6 da produção Leilão de jardim.....	71
Figura 24 – Slide 7 da produção Leilão de jardim.....	72
Figura 25 – Slide 8 da produção Leilão de jardim.....	73
Figura 26 – Slide 9 da produção Leilão de jardim.....	74
Figura 27 – Slide 10 da produção Leilão de jardim.....	74
Figura 28 – Slide 11 da produção Leilão de jardim.....	75
Figura 29 – Slide 12 da produção Leilão de jardim.....	75

Figura 30 – Slide 13 da produção Leilão de jardim.....	76
Figura 31 – Slide 14 da produção Leilão de jardim.....	76
Figura 32 – Slide 1 da produção A Rosa de Hiroshima.....	79
Figura 33 – Slide 2 da produção A Rosa de Hiroshima.....	80
Figura 34 – Slide 3 da produção A Rosa de Hiroshima.....	80
Figura 35 – Slide 4 da produção A Rosa de Hiroshima.....	81
Figura 36 – Slide 5 da produção A Rosa de Hiroshima.....	82
Figura 37 – Slide 6 da produção A Rosa de Hiroshima.....	83
Figura 38 – Slide 7 da produção A Rosa de Hiroshima.....	84
Figura 39 – Slide 8 da produção A Rosa de Hiroshima.....	84
Figura 40 – Slide 9 da produção A Rosa de Hiroshima.....	85
Figura 41 – Slide 10 da produção A Rosa de Hiroshima.....	86
Figura 42 – Slide 11 da produção A Rosa de Hiroshima.....	86
Figura 43 – Slide 12 da produção A Rosa de Hiroshima.....	87
Figura 44 – Slide 13 da produção A Rosa de Hiroshima.....	88
Figura 45 – Slide 14 da produção A Rosa de Hiroshima.....	89
Figura 46 – Slide 15 da produção A Rosa de Hiroshima.....	90
Figura 47 – Slide 1 da produção Da minha janela.....	92
Figura 48 – Slide 2 da produção Da minha janela.....	92
Figura 49 – Slide 3 da produção Da minha janela.....	93
Figura 50 – Slide 4 da produção Da minha janela.....	94
Figura 51 – Slide 5 da produção Da minha janela.....	94
Figura 52 – Slide 6 da produção Da minha janela.....	95
Figura 53 – Slide 7 da produção Da minha janela.....	95
Figura 54 – Slide 8 da produção Da minha janela.....	96
Figura 55 – Slide 9 da produção Da minha janela.....	96
Figura 56 – Slide 10 da produção Da minha janela.....	97
Figura 57 – Slide 11 da produção Da minha janela.....	97
Figura 58 – Slide 12 da produção Da minha janela.....	98
Figura 59 – Slide 13 da produção Da minha janela.....	99
Figura 60 – Slide 14 da produção Da minha janela.....	99

Figura 61	– Slide 15 da produção Da minha janela.....	100
Figura 62	– Slide 16 da produção Da minha janela.....	100
Figura 63	– Slide 17 da produção Da minha janela.....	101
Figura 64	– Slide 18 da produção Da minha janela.....	101
Figura 65	– Slide 19 da produção Da minha janela.....	102
Figura 66	– Slide 20 da produção Da minha janela.....	102
Figura 67	– Slide 21 da produção Da minha janela.....	103
Figura 68	– Slide 21 da produção Da minha janela.....	103
Figura 69	– Capa do livro Contos de enganar a morte.....	105
Figura 70	– <i>Slide</i> 1 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	106
Figura 71	– Slide 2 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	107
Figura 72	– Slide 3 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	108
Figura 73	– Slide 4 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	108
Figura 74	– Slide 5 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	109
Figura 75	– Slide 6 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	109
Figura 76	– Slide 7 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	110
Figura 77	– Slide 8 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	110
Figura 78	– Slide 9 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	111
Figura 79	– Slide 10 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	111
Figura 80	– Slide 11 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	112
Figura 81	– Slide 12 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	112
Figura 82	– Slide 13 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	113
Figura 83	– Slide 14 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	113
Figura 84	– Slide 15 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	114
Figura 85	– Slide 16 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”.....	114
Figura 86	– Print da transcrição da professora de relato oral de um dos seus estudantes.....	121
Figura 87	– Foto do Diário de bordo de aluno da professora Francisca.....	122
Figura 88	– Slide 8 de Leilão de Jardim.....	123
Figura 89	– Print da transcrição do relato oral.....	123
Figura 90	– Print da transcrição da professora de relato oral de seu aluno.....	124
Figura 91	– Relato em diário de bordo de discente.....	125

Figura 92 – Relato em diário de bordo de outro discente.....	125
Figura 93 – Relato em diário de bordo de discente sobre A Rosa de Hiroshima.....	127
Figura 94 – Relato sobre as atividades de “A Rosa de Hiroshima”	128
Figura 95 – Relato oral de discente colhido pela professora Francisca.....	128
Figura 96 – Relato oral transcrito pela professora Francisca.....	128
Figura 97 – Relato em diário de bordo de outro discente.....	130
Figura 98 – Prints do relato da Professora Francisca Oliveira que aplicou os vídeos (1).....	132
Figura 99 – Prints do relato da Professora Francisca Oliveira que aplicou os vídeos (2).....	133

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 A ESTÉTICA, A LEITURA E O AUDIOVISUAL.....	21
2.1 Estética: um percurso histórico do termo.....	21
2.1.1 Formação Estética: considerações e desafios.....	30
2.2 Leitura: mais que mera decodificação, é conhecimento.....	37
2.3 Audiovisual: as mais variadas manifestações.....	42
3 PERCURSOS E PERCALÇOS DA PESQUISA.....	48
4 ELABORAÇÃO DO MATERIAL AUDIOVISUAL DIDÁTICO.....	51
4.1 Do sonho à organização das produções.....	51
4.2 Vídeo a vídeo.....	54
4.2.1 A Bailarina.....	54
4.2.2 Leilão de jardim.....	66
4.2.3 A Rosa de Hiroshima.....	77
4.2.4 Da minha janela.....	90
4.2.5 Contos de enganar a morte.....	104
5 INTERVENÇÃO E IMPACTOS.....	116
5.1 Intervenção.....	116
5.2 Impactos.....	121
6 APRENDIZAGENS E RESSONÂNCIAS.....	131
REFERÊNCIAS.....	135

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, estamos vivenciando a era das tecnologias digitais, e é imperativo que as escolas não se dissociem ou se distanciem dessas tecnologias. É essencial que as instituições de ensino estejam na vanguarda dessas mudanças. A escola não pode negligenciar o potencial das tecnologias digitais no processo educacional.

A tradição positivista de nossa educação valorizou a linguagem escrita como única forma de legitimar os pensamentos, as ideias, enfim, os saberes. Mas na contemporaneidade os valores dessa tradição foram postos em xeque, o que não quer dizer que foram substituídos por outros, num *continuum* da história. Ao contrário, de forma descontínua, ao lado dos valores tradicionais reconhece-se, cada vez mais, em uma sociedade midiaticizada, a possibilidade de apropriação de outros códigos – visual, oral, audiovisual – como formas de leitura e escritura do mundo (Pires, 2009, p. 1).

Levar aos alunos maneiras diversificadas de trabalhar a literatura em sala de aula, como declamação, ou seja, dizer em voz alta, com entonação e gestos próprios, ou leituras públicas, são recursos que valem a pena serem explorados por professores desde a pré-escola.

Desde a minha adolescência, sempre tive uma habilidade natural para memorizar poemas e declamá-los com eficácia. Para mim, essa arte sempre foi uma forma de questionar a vida e as questões que permeiam a nossa existência. Quando me tornei acadêmica do curso de letras, na Universidade Federal do Pará – Campus Santarém – Núcleo de Itaituba, em 1999, aprendi mais sobre a interpretação de literatura e, conseqüentemente, pude aprimorar ainda mais a minha habilidade de declamação.

Anos após, durante o Seminário do Lelit, em 2011 e 2012, tive a valiosa oportunidade de conhecer autores que ainda não havia descoberto, como Bartolomeu de Queirós, Ricardo Azevedo e Lygia Bojunga. A partir da leitura das obras desses autores, percebi claramente a minha habilidade para a declamação e, posteriormente, para a leitura pública. Em outras palavras, para a leitura interpretativa de textos literários.

Após concluir a formação no Lelit, comecei a realizar leituras de literatura mais frequentemente em sala de aula. A minha abordagem pedagógica se baseia em momentos singulares, planejados com cuidado, mas sem a intenção de usar os textos como pretexto para o ensino de aspectos gramaticais normativos. Ao contrário, meu objetivo é incentivar os estudantes a desenvolverem o interesse por determinado livro ou autor.

Durante minha experiência em sala de aula, pude observar a dificuldade dos alunos de compreender e interpretar as questões avaliativas propostas em diferentes disciplinas, uma situação também relatada por outros professores.

Essa trajetória foi vivenciada na cidade de Santarém, uma cidade do Oeste do Pará, no interior da Amazônia, encontra-se geograficamente afastadas dos grandes centros urbanos do país. Há, portanto, uma necessidade mais pungente de incentivar a leitura nessa cidade e regiões circunvizinhas.

Ao longo desses quase 20 anos de sala aula, pude constatar uma necessidade de explorar e incorporar novas tecnologias e metodologias de ensino-aprendizagem inovadoras. Com esse propósito em mente, surgiu a ideia de desenvolver este trabalho como uma ferramenta metodológica, um recurso a ser utilizado pelos profissionais da educação para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem da leitura de obras literárias.

Para proporcionar melhores oportunidades de leitura, é necessário dispor de um acervo bibliográfico acessível, por meio do qual os alunos possam ter contato com obras literárias que ampliem seu repertório histórico-social.

Assim, surgiu a possibilidade de criar vídeos a partir da leitura de algumas obras literárias e disponibilizar essas produções para os profissionais, de modo que possam proporcionar aos alunos momentos de literatura diferenciados da simples leitura do livro. No entanto, é importante ressaltar que o vídeo não deve substituir completamente a experiência de ler o livro. As produções audiovisuais vêm complementar e expandir o contato das crianças com a arte, uma vez que proporcionam outras formas de manifestações artísticas, como pintura e música.

Esta dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), do Instituto de Ciências da Educação (ICED), da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) visou à elaboração de uma metodologia pedagógica para a leitura literária dispondo de recursos audiovisuais, permitindo a utilização de artifícios estéticos que unissem as artes visuais, sonoras e literárias, além de analisar a maneira como os alunos receberam os vídeos.

É importante salientar que este estudo está associado a outro, também desenvolvido no âmbito do Profletras/Ufopa, chamado “A Formação Estética Literária com estudantes do 6º ano: Limites e Possibilidades”, conduzido pela professora Francisca Oliveira da Cruz, que implementou a intervenção por meio das produções audiovisuais, resultado desta investigação. Vale frisar que ambos seguem uma grande parte do referencial teórico comum.

Assim, foram implementados estudos relevantes que auxiliaram a pesquisadora a alcançar seus objetivos na criação de um produto, neste caso, vídeos de leitura literária. Também pôde auxiliá-la a responder se tais produções contribuíram para a formação estética

dos discentes, quando da análise dos relatos da professora sobre a aplicação das produções assistidas e o que ela transmitiu sobre a recepção dos alunos.

Na primeira seção deste estudo, é relatada a importância da leitura, enfatizando que ela vai além do mero entretenimento e se configura como uma ferramenta essencial para o empoderamento individual e o progresso social. A leitura é apresentada como um processo cognitivo complexo que envolve atenção, interpretação e conexão com as experiências pessoais do leitor, conforme discutido por Bértolo (2014) e outros autores. Esta seção, também tece uma crítica à abordagem atual da educação brasileira em relação à leitura, que tem se concentrado no estímulo ao hábito de ler, sem promover experiências literárias enriquecedoras e momentos de catarse. Valendo-se de críticos como Machado (2011) e Castrillón (2011), que destacam a necessidade de repensar essa abordagem, enfatiza que a leitura deve ser considerada um direito e uma prática social que contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Além disso, o trabalho menciona a importância do acesso à literatura e à educação estética como meios para desenvolver a sensibilidade e a capacidade de apreciação artística, ressaltando o papel fundamental da escola nesse processo. A literatura é vista como uma arte que enriquece a experiência humana, permitindo uma compreensão mais profunda da realidade e promovendo a humanização. Britto (no prelo) e outros autores reforçam essa perspectiva, ao afirmarem que a literatura não apenas educa, mas também proporciona uma oportunidade de vivenciar a vida em sua plenitude.

É afirmado que a promoção da leitura deve ser uma responsabilidade coletiva, envolvendo não apenas a escola, mas também a sociedade como um todo, para que a leitura seja reconhecida como uma ferramenta poderosa de transformação social e desenvolvimento humano.

Abordam-se a evolução e a importância da linguagem audiovisual no contexto educacional contemporâneo, destacando a transformação das práticas de leitura e a interação com o conhecimento na era digital. Com base em autores como Pires (2010) e Coutinho (2006), é enfatizado que a crescente midiaticização e o advento da Web 2.0 têm promovido uma reavaliação das abordagens pedagógicas tradicionais, que historicamente priorizavam a linguagem escrita como o único meio de legitimar o conhecimento.

Ressalta-se a necessidade de integrar diferentes formas de linguagem – verbal, visual e sonora – para facilitar a compreensão e a interação dos estudantes com o conteúdo curricular. Segundo Pires (2010), a linguagem audiovisual, especialmente o vídeo, é considerada uma ferramenta pedagógica essencial, pois combina elementos visuais e verbais,

potencializando a experiência de aprendizado e promovendo um ambiente educacional mais dinâmico e interativo.

Esta seção também menciona a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece a leitura como um processo abrangente, que vai além da decodificação de textos escritos e inclui a interpretação de imagens e sons. Essa abordagem visa a desenvolver a capacidade crítica e reflexiva dos alunos, adaptando-se às demandas de uma sociedade hiperconectada e em constante evolução (Coutinho, 2006; Pires, 2010). A valorização das diferentes modalidades de linguagem não apenas enriquece o processo educativo, mas também responde aos desafios contemporâneos, promovendo uma educação mais eficaz e relevante.

Na seção de percursos metodológico, a pesquisa em questão, assim como toda pesquisa científica, inicia-se a partir de uma pergunta ou dúvida que motiva a busca por respostas (Gerhardt; Silveira, 2009). O estudo, realizado em colaboração com a professora Francisca Oliveira da Cruz, focou a aplicação de produções audiovisuais de obras literárias em duas turmas do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ulysses Guimarães, em Altamira, Pará. O objetivo foi investigar os impactos dessas produções nas crianças, inserindo-se no campo das pesquisas aplicadas, que possuem implicações práticas diretas (Silva; Menezes, 2005).

De cunho qualitativo, esta pesquisa enfatiza a relação dinâmica entre o pesquisador e o objeto de estudo, e também é descritiva, uma vez que documenta o processo de elaboração das produções e os impactos estéticos observados. Além disso, pode ser enquadrada como experimental, conforme Silva (2015), que define esse tipo de pesquisa como aquela que envolve experimentos e controle de variáveis.

Também esta pesquisa vale-se dos estudos de Helder Pinheiro (2011) que destaca a importância da atitude investigativa do pesquisador, especialmente no campo da literatura, no qual, questões como a influência estética das obras, são fundamentais. A pesquisa também se diferencia de outras ciências pelo seu objeto de estudo, que são as obras literárias, definidas por sua dimensão estética e conotativa.

Durante a investigação, foi realizada uma pesquisa nos bancos de dissertações do Proletras, revelando uma escassez de trabalhos que abordassem o uso de recursos audiovisuais na literatura. Apenas cinco dissertações mencionaram o audiovisual, evidenciando uma lacuna que este estudo busca preencher. A seleção das obras para as produções audiovisuais foi feita com rigor, garantindo que os conteúdos fossem alinhados com os objetivos educacionais.

A análise dos resultados dos vídeos foi realizada através do relato da professora colaboradora e dos comentários dos alunos, permitindo uma avaliação qualitativa das produções audiovisuais e seu efeito na formação estética dos estudantes.

A terceira seção contextualiza a produção audiovisual didática, enfatizando a importância de integrar novas tecnologias e metodologias de ensino-aprendizagem que valorizem o papel do aluno em sua formação acadêmica. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) de 2018 é citada como referência para a adoção de práticas de linguagem contemporâneas, que incluem textos multissemióticos e multimidiáticos.

Nessa seção, detalha-se a elaboração de cinco vídeos baseados em obras literárias, incluindo poemas de Cecília Meireles e Vinícius de Moraes. O processo de criação envolveu a seleção cuidadosa de imagens e trilhas sonoras, bem como a utilização do aplicativo *Impress do LibreOffice* para a montagem dos *slides*.

O autor Otávio Júnior, com o seu trabalho “Da Minha Janela”, inspirou uma das produções audiovisuais; também ilustradores como Odilon Moraes e Vanina Starkoff são referenciados. Destaca-se também a importância das artes visuais, música e literatura como ferramentas educativas que promovem uma experiência de aprendizado mais rica e envolvente. Os autores Soutto Mayor e Soares (2010) são citados por enfatizarem o potencial educativo do trabalho com audiovisual, criticando a sua utilização meramente documental nas escolas.

A quarta seção, intitulada “Intervenção e impactos”, apresenta uma intervenção pedagógica dirigida pela mestrandia Francisca Oliveira da Cruz, direcionada a, aproximadamente, 70 alunos do 6º ano da Escola Municipal Dr. Ulysses Guimarães, em Altamira, Pará. A intervenção, realizada no segundo semestre de 2023, focou no ensino de Língua Portuguesa através de atividades que exploraram textos literários, como poemas e contos, desenvolvendo a experiência estética dos alunos.

A intervenção foi estruturada em 20 etapas, incluindo a exibição de vídeos que complementavam as atividades. Os vídeos foram utilizados para enriquecer o aprendizado, abordando temas, como a linguagem poética, a produção textual e a análise crítica de obras literárias. A metodologia adotada buscou integrar teoria e prática, promovendo a visão artística e cultural, além de estimular a criatividade e a expressão pessoal dos alunos.

Os conteúdos incluíram a análise de elementos da linguagem, como rimas e figuras de linguagem e a produção de poemas originais. A intervenção também enfatizou a importância da oralidade e da leitura crítica, utilizando produções audiovisuais para facilitar a compreensão e o envolvimento dos alunos.

A seção de “Impactos” analisa a recepção de vídeos pelos alunos, destacando a preferência por materiais audiovisuais em relação ao texto escrito tradicional. Os alunos dizem que a combinação de elementos visuais e sonoros nas produções audiovisuais contribuiu para uma experiência de aprendizagem mais rica e envolvente. No entanto, foram feitas algumas críticas sobre a adequação de certas imagens em relação ao conteúdo textual.

Em suma, a seção evidencia a importância da integração de recursos multimídias no ensino da Língua Portuguesa, destacando como essa abordagem pode enriquecer a experiência educacional e promover uma compreensão mais profunda da literatura e da linguagem. A intervenção não buscou apenas o desenvolvimento de habilidades linguísticas, mas também a formação de cidadãos críticos e sensíveis ao contexto cultural e histórico.

Como última unidade, traz-se “Aprendizagens e Ressonâncias” em que se retoma o exposto em cada seção, e se discute a importância da Estética, da leitura literária e do audiovisual na formação educacional dos estudantes, destacando como esses elementos vão além da simples instrução escolar. A Estética é apresentada como uma ciência que estuda a beleza e sua evolução ao longo da história, sendo fundamental para a compreensão do conceito de Belo em diferentes contextos. Enfatiza a relevância da leitura, não apenas como uma habilidade de decodificação, mas como um meio de adquirir conhecimento e pensamento crítico, além de criticar a abordagem educacional brasileira que prioriza o hábito de leitura em detrimento de experiências literárias enriquecedoras.

A linguagem audiovisual é abordada como uma ferramenta crucial na educação contemporânea, posto que permite uma comunicação mais abrangente e engajadora. O uso de recursos audiovisuais é defendido como um complemento valioso para o aprendizado, que estimula a criatividade e a compreensão dos alunos. É mencionada também a experiência de uma professora que utilizou vídeos em sua prática pedagógica, mostrando que esses recursos foram desenvolvidos para uma formação estética mais sólida e ampliaram a capacidade dos estudantes de refletir criticamente sobre temas complexos.

Além disso, destaca-se a importância de uma abordagem equilibrada entre o educativo e o lúdico, promovendo não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o bem-estar emocional dos alunos. A integração das artes por meio de produções audiovisuais é apresentada como uma prática transformadora, que valoriza a interdisciplinaridade e a criatividade, contribuindo para a formação integral de estudantes como indivíduos críticos e conscientes.

2 A ESTÉTICA, A LEITURA E O AUDIOVISUAL

2.1 Estética: um percurso histórico do termo

De onde vem o termo estética? Quando surgiu? Como a “estética” era vista na antiguidade e no decorrer dos anos/tempos?

A palavra estética vem do termo grego *aisthetike*, que significa percepção através dos sentidos. Segundo Moisés (1999, p. 201): vem do grego *aisthetikê* significando sensitivo, sensível; *aisthesis*, significando sensação, percepção.

Neologismo criado por Alexander Baumgarten (1714-1762) e que lhe serviu de título à obra com a qual principiou os estudos modernos na matéria (*Asthetic*, 1750). O vocábulo designa, *lato sensu*, o conhecimento da beleza na Arte e na Natureza, ou seja, a teoria ou filosofia do Belo, entendendo-se por Belo todo conjunto de sensações experimentadas no contacto com a obra de arte ou manifestação da Natureza. *Stricto sensu*, equivale a teoria ou filosofia da Arte (Moisés, 1999, p. 201).

Conforme se verifica, é importante ressaltar que o termo “estética” foi cunhado pela primeira vez por Alexander Gottlieb Baumgarten. No entanto, isso não implica dizer que seus antecessores não tenham realizado estudos sobre o Belo ou sua aplicação no mundo da arte.

Na realidade, o termo “estética” só veio a ser cunhado na Modernidade por Alexander Gottlieb Baumgarten (séc. XVIII), para designar a “lógica ou ciência do belo”. De forma que, a rigor, não se encontra tal conceito nos escritos dos pensadores antigos, medievais e renascentistas, o que não significa dizer que tais pensadores não se detiveram no estudo do belo, ou não tenham teorizado acerca do belo e sua aplicabilidade no mundo da arte. Antes pelo contrário, nas entrelinhas da Filosofia, da Teologia e das demais Disciplinas Gerais, que os antigos e medievais chamavam de “Artes Liberais”, ou no famoso *Trivium* e *Quadrivium*, notadamente na Gramática, na Música e na Retórica, encontram-se muitas e profundas reflexões acerca do Belo, e da arte dele decorrente (Costa, 2011, p. 11-12).

Pretende-se neste trabalho realizar um levantamento histórico sobre Estética, abrangendo desde os primeiros indícios até a contemporaneidade, com o objetivo de explorar a evolução do tema, mas privilegiando tanto épocas quanto pensadores, filósofos, sabendo que no início não utilizavam o termo.

Ao se fazer um levantamento a respeito do que é Estética, nota-se que desde os sofistas – pensadores que viveram entre os séculos V e IV a. C., na Grécia Antiga – já se especulava algo a respeito, pois debatiam o Belo e o estudo da sociedade e da cultura com o ponto de vista reflexivo-crítico que caracteriza a Filosofia, mas foi a partir de Sócrates que o tema tornou-se mais conhecido, pois ele adentra em uma pormenorização de valores morais e o comportamento social indagando sobre a essência da pintura.

Levando em conta o caráter representativo da pintura e da escultura, Platão (427-347 a. C.), que foi discípulo de Sócrates, considera que essas artes são menores que a Beleza verdadeira, e que a atividade dos pintores e escultores é supérflua se comparada aos objetivos da ciência, pelo fato de a produção ser ilusória e inconsciente, diferentemente da poesia e da Música, que afetam de alguma forma o homem. A partir desse momento, as produções artísticas passam a ser objeto de investigação teórica e não simples fruição, pois o pensamento racional as questiona “sobre seu valor, sua razão de ser e o seu lugar de existência na existência humana” (Nunes, 1991, p. 8). Os artistas, portanto, deveriam ser instrumentos transmissores do ideal da cidade, da república (Costa, 2016, p. 9).

Aristóteles (384-322 a. C.), por sua vez, adepto de Platão, foi o primeiro a tecer uma teoria explícita da arte, quando aborda a origem da poesia e a conceituação dos gêneros poéticos; contribuindo para a Estética ao retirar a beleza do campo das ideias e trazendo mais para a realidade, mostrando que existe beleza no caos.

(...) o tratado que Aristóteles deixou sobre a Tragédia é ainda povoado de sugestões valiosas de toda espécie, para a Estética. Assim, dentro da linha do que vínhamos dizendo, é sabido que os pensadores antigos excluía o Feio de suas cogitações sobre a Beleza e a Arte, considerando-o estranho ao campo estético. Não deixa, portanto, de ser admirável que Aristóteles tenha se referido expressamente à Comédia, Arte do feio, como fazendo, -legitimamente, parte do campo estético. (Suassuna, 2013, p. 28).

Em resumo, tanto a Beleza artística quanto a Beleza da natureza são interesse da Estética, reflexo das visões gerais cujos filósofos tecem suas opiniões; como Platão, para o qual a Beleza natural era superior, era ideal (campo das ideias); já para Aristóteles a Beleza artística e a Beleza da natureza eram igualmente importantes, sendo esta considerada como a dos seres vivos e aquela como a beleza de objetos, de coisas, como por exemplo, um quadro ou uma escultura.

Já Aristóteles atribuía igual importância à Beleza artística e à da Natureza. Ou melhor: procurava refletir sobre a Beleza, de um modo e através de conceitos que alcançassem as duas ao mesmo tempo. Recorde-se que, quando ele fala sobre o assunto, refere-se, tanto à Beleza dos seres vivos — Beleza natural — quanto à de “qualquer coisa que se componha de partes” — o que, sem dúvida, inclui a Beleza artística, isto é, a Beleza realizada através de um quadro, uma cerâmica, uma novela, uma escultura, um poema, uma tragédia ou uma comédia. (Suassuna, 2013, p. 109).

Há uma lacuna temporal entre os discípulos de Aristóteles e Plotino, pois quase nada de fundamental das especulações sobre Arte foi acrescentado à *Poética*. Este filósofo do século III e pessoa muito importante na renovação do platonismo, viu a Arte com uma importância metafísica e espiritual que os pensadores cristãos não viam mais. Para eles, a Arte

era considerada algo terreno, distante das questões religiosas que os preocupavam. Além disso, era vista como indigna de conhecimento, já que ia contra o estilo de vida ascético recomendado pelo evangelho, que rejeitava o mundo, seus prazeres e tentações carnis.

Abstraindo os escritos sobre Poesia e Música dos discípulos de Aristóteles, dos *estóicos* e dos *epicúreos*, que se perderam, e que, a julgar pelo que deles incorporaram os gramáticos e retóricos gregos e romanos, nada de fundamental acrescentaram à *Poética*, nenhuma especulação de importância acerca da Arte encontramos antes de Plotino (204-270 d. C.), a não ser o pequeno *Tratado sobre sublime*, atribuído a Longino (século I a. C.). (...) Plotino, conforme veremos, concebeu à Arte uma importância metafísica e espiritual que ela não poderia mais ter para os pensadores cristão, propensos a considerá-la objeto mundano, estranho à índole das questões religiosas que os preocupavam, quando não indigna de conhecimento, porque contrária, ao ascetismo evangélico, infenso ao mundo e suas pompas, à carne e suas solicitações sensíveis (Nunes, 1991, p. 9).

Em sua crítica ao conceito de beleza de Aristóteles, Plotino apresenta uma perspectiva diferente. Segundo ele, a Beleza é composta por uma luz em movimento da qual emana harmonia, indo além da harmonia das partes de um todo. Além disso, o filósofo conecta a beleza à participação em uma beleza absoluta e à conexão com um *logos* divino. Ele também explora a importância da visão e da audição como sentidos estéticos, bem como a necessidade de se estudar tanto a beleza quanto o feio e o mal.

Ao se fazer uma comparação entre as filosofias antiga e medieval, pode-se constatar que as concepções estéticas predominantes na Idade Média (aproximadamente 476 a. C. – 1453 d. C.) foram influenciadas pelos ideais e valores da Antiguidade Clássica. Durante este período, os pensadores medievais cultivaram uma estética que integrava aspectos cosmológicos, filosóficos e religiosos, voltando-se para a natureza não apenas como fonte de inspiração artística, mas como meio de conexão e reflexão sobre a ordem divina. Esta abordagem contrastava com as inclinações sensuais e imanentistas da Antiguidade, propondo, ao invés disso, uma elevação do espírito humano em direção ao divino, por meio da expressão artística. A natureza, neste contexto, era percebida como uma manifestação tangível da divindade, um “livro” escrito por Deus, cuja compreensão e imitação se faziam fundamentais para a criação artística.

Contra o “sensualismo” e “imanentismo” dos Antigos e “corrigindo” a concepção filosófico-especulativo-racional dos platônicos, dos aristotélicos e dos neoplatônicos, os medievais imprimem uma concepção de estética de cunho cosmológico-filosófico-religiosa voltada para o inteligível enquanto ser transcendental – Deus, promovendo uma apropriação/superação da estética cosmológico-filosófico-racional dos gregos.

Assim sendo, fazer arte na Idade Média significa contemplar (copiar ou imitar) a natureza e o homem não enquanto fins em si mesmos ou como especulação racional, mas como meio ou caminho para elevar o homem a Deus, visto que seguir as regras

da natureza é o mesmo que seguir a Ordem divina impressa nela por Deus (...) (Costa, 2011, p. 14).

Outra concepção que se verifica na Idade Média é que há uma interconexão indissociável entre estética, ética e moral, visto que a arte da época buscava não apenas refletir o mundo visual, mas também guiar o espectador em uma jornada espiritual em direção ao transcendental. A representação do belo, portanto, transcendia a mera estética sensorial, apontando para uma dimensão inteligível e divina. Isso conduziu a uma diferenciação peculiar no pensamento medieval: a distinção entre a beleza acessível aos sentidos e a beleza que dialoga com a essência do belo em si. Nessa perspectiva, a arte não se configurava meramente como uma busca pela beleza sensível, mas sim como um veículo de ensino e reflexão espiritual, apontando para verdades mais profundas reveladas nas Escrituras Sagradas.

Além desses fatores, observa-se também que a estética da proporção matemático-transcendental na Idade Média foi inspirada no princípio cosmológico-metafísico-agostiniano de que Deus inscreveu número, peso e medida em tudo o que criou; os medievais desenvolveram uma “estética da proporção” na qual as partes de um todo harmonizavam-se para formar uma unidade. O objetivo era conduzir o ser humano a uma harmonia consigo mesmo, com o universo e com Deus. Os antigos também se baseavam na proporção e simetria em sua estética, e os medievais transformaram esse princípio em um método artístico para avaliar e criar obras de arte. A simetria desempenhava um papel tão crucial na estética medieval que algumas representações de cenas bíblicas eram adaptadas para se adequarem aos critérios desse princípio. Adicionalmente, os medievais examinavam minuciosamente a linguagem para assegurar que a poesia fosse rimada, métrica e musicada. A luta contra a falsidade e a sofisticação era uma preocupação tanto dos medievais quanto dos antigos.

No período renascentista (séculos XIV – XVI d. C.), que marcou a transição da Idade Média para a Idade Moderna, há um retorno ao classicismo grego, mas com um novo olhar, e a revolução antropocêntrica teve um impacto significativo na cultura da época, substituindo a visão teocêntrica medieval por uma cultura laica. O enfoque central passou a ser o homem, não mais Deus. Isso levou a uma valorização do subjetivismo cartesiano e kantiano, marcando uma mudança na estética e na visão do mundo, na qual natureza e o homem foram celebrados e colocados como inspiração para a criação artística.

A cultura pronunciadamente religiosa e teocêntrica do período medieval cede lugar, a partir do Renascimento, a uma cultura predominantemente laica, e onde o centro de gravidade passa a ser já não Deus, mas o próprio homem. O subjetivismo cartesiano e kantiano são talvez os pontos mais paradigmáticos deste processo, que

inevitavelmente se manifestará também no domínio estético (Castro, 2014, p. 237-238).

Nessa época, a reflexão estética não é produzida por teólogos ou filósofos, mas pelos próprios artistas que inseriam, de forma natural, suas reflexões a respeito da beleza, da criação ou arte em geral quando produziam os tratados sobre pintura, arquitetura, escultura. Não faz sentido, então, indagar a estética desvinculada do fazer artístico. Os artistas eram donos do fazer artístico, então passam a assinar suas obras.

Segundo Nunes (1991), a reflexão filosófica em torno da Arte tornou-se uma ciência que tem como tema central a apreciação da Beleza. Essa ciência surgiu a partir de certas ideias que foram expressas no pensamento teórico desde o século XVII e culmina com a publicação, em 1750, de *Aesthetica sive theoria liberalium artium* (Estética ou Teoria das Artes Liberais), de Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762), que a denominou “Estética”, e concebe a Arte como um produto da atividade humana que, seguindo certos princípios, tem como objetivo criar artificialmente os diversos aspectos de uma única beleza universal, que é característica das coisas naturais.

Nunes (1991), também traz a colaborações de Immanuel Kant (1724-1804) que impulsionou a Estética por estabelecer a autonomia do domínio do Belo, afirmando três modalidades de experiência que se imbricam, se misturam: o conhecimento intelectual e o conceito das coisas; os objetivos morais e a experiência estética. Segundo ele, desta não importa a sua natureza real, posto que é baseada na intuição e no sentimento dos objetos satisfatório a nós; satisfação essa que parte e retorna ao objeto. Para Kant, o Belo é o objeto da experiência estética, que se caracteriza por ser contemplativa e ter uma finalidade intrínseca.

Em outras palavras, seria o conceito em si com base nas propriedades do objeto, o qual é comum a todos (nomear um objeto de cadeira, por exemplo), aliado ao que se pode chamar de “gosto”, o qual varia de pessoa para pessoa, não tendo conceito, é o que agrada ou não (achar a cadeira bela ou não).

De acordo com Kant, os juízos de conhecimento emitem conceitos que possuem *validade geral*, por se basearem em propriedades *do objeto*. Quando eu digo: “Esta rosa é branca”, estou emitindo um juízo de conhecimento: o resultado dele é um *conceito* indiscutível, válido para todo mundo, de validade geral, porque baseado em propriedades objetivas da rosa.

Já os juízos estéticos não emitem conceitos: decorrem de uma simples *reação pessoal do contemplador* diante do objeto, e não de propriedades deste. Por isso, quando eu digo “Esta rosa é bela”, este juízo exprime somente o fato de que tal rosa me agrada: eu não posso exigir, para ele, como para o outro, o assentimento, a concordância geral, validade geral para aquilo que é resultado de uma simples reação pessoal minha (Suassuna, 2013, p. 37).

A Beleza livre e a Beleza aderente, que são influenciadas pelo que sabemos sobre as coisas, são outras contribuições significativas de Kant para a Estética; o conceito que temos sobre o que é algo, quando pensamos em uma pintura de um objeto específico, interfere na obra. Por outro lado, se olharmos para uma obra com mais abstração e pinceladas menos realistas relacionadas ao mesmo assunto, podemos admirá-la sem interesse – vemos a Beleza livre, o que os kantianos consideram a única Beleza estética pura.

Para Kant, Beleza artística e natural dependem fundamentalmente da distinção entre Belo e Sublime, o que para ele era o sentimento de terror experimentado diante de catástrofes da natureza, sendo ligado à natureza bruta; já a Beleza artística estava ligada a criações da arte e ao uso artificial das coisas da natureza, como a jardinagem.

Ainda nos séculos XVIII e XIX, os próximos a especularem a Estética são idealistas alemães, com as contribuições de Schelling (1775-1854), que viu, na oposição entre Natureza e Espírito, as duas facetas do Absoluto, em que o Espírito é a ordem interna da liberdade, o sujeito do conhecimento, e a Natureza é externa aos fenômenos, o objeto do conhecimento. São aspectos parciais que se completam. É o homem fixado como liberdade e sujeito, colocado no mundo como necessidade e objeto. O ser humano é, ao mesmo tempo, livre para agir, mas também está sujeito às necessidades e limitações do mundo ao seu redor. Essa concepção contribuiu de forma fundamental para a Estética, pois ajuda a entender como o homem interage com a Beleza e a Arte, utilizando sua liberdade para apreciar e criar, mas também é influenciado pelas necessidades e objetos presentes na realidade.

Explorando as contribuições de Hegel (1770-1831), nota-se a Estética passa a ser a “Filosofia da Arte”, pois a Beleza da Arte passa a ser mais digna que a Beleza da Natureza, afinal esta nasce apenas uma vez, enquanto aquela parece nascer duas vezes do Espírito.

Hegel acreditava que a Arte era superior à Beleza natural, a Arte era como algo criado pelo absoluto e recriada pelo espírito humano. Este filósofo defendia que a Estética deveria se limitar ao campo da Arte, e essa ideia influenciou o esteticismo e a escola da “Arte pela Arte”. A Arte era uma etapa fundamental na busca do homem pelo Ideal, que era a essência do Real.

Portanto, as reflexões sobre a Beleza abrangem as duas vertentes: a artística e a da natureza, porém a Filosofia da Arte é o ponto central da Estética, uma vez que a Arte tem a capacidade de transformar o feio em algo belo, de cicatrizar as feridas do mundo, trazendo uma “salvação estética” para a vida e o mundo como um todo. Nas palavras de Suassuna, (2012, p. 112):

(...) a Filosofia da Arte é o núcleo da Estética; é como se a Arte não se conformasse com aquilo que, na Natureza, é feio e informe; um assassinato que, na vida, é feio e repugnante, torna-se motivo de Beleza numa obra de arte como *Macbeth*; e é assim que a Arte parece cicatrizar o que existe de chaga no mundo, chamando a vida e o mundo inteiro, como um todo, a uma espécie de “salvação estética”.

Nunes (1991, p. 18) corrobora com esse fato, ao discorrer sobre as acepções do Belo:

No sentido estético, o Belo é a qualidade de certos elementos em estado de pureza, como sons e cores agradáveis... de toda espécie de relação harmoniosa. (...) Belo é o que agrada ver e ouvir. O agrado estético, prazer de ordem superior, decorre mormente da atividade privilegiada desses dois sentidos, de natureza intelectual, a vista e o ouvido, que estariam mais próximos da essência imaterial da alma.

Para Ramon (2020), os filósofos Hegel e Kant, além de outros da mesma época, compartilhavam um objetivo comum: a busca pela sistematização da prática artística através da reflexão estética. Tal esforço visava a estabelecer diretrizes claras para a criação artística, instituindo, de certa forma, uma “hierarquia da arte”. Entretanto, essa perspectiva começa a sofrer transformações significativas no final do século XIX, período marcado por revoluções em diversas esferas da sociedade, incluindo a arte, nas quais as mudanças foram impulsionadas pelos próprios artistas, sem o paralelismo de uma reflexão filosófica consistente sobre a Arte.

No final do século XIX, a perspectiva estética sofreu transformações substantivas, incluindo a busca pela sistematização da prática artística através da reflexão estética, a instauração de diretrizes claras para a criação artística e o início de transformações marcadas por revoluções em diversas esferas da sociedade, impulsionadas pelos próprios artistas. Essas mudanças culminaram em uma perspectiva crítica, pessimista em relação à incerteza da existência, levando ao questionamento das normas preexistentes na arte e da necessidade de estabelecer padrões imutáveis para sua prática.

Este momento da história é caracterizado pelo surgimento de movimentos artísticos disruptivos, destacando-se o Pré-impressionismo. Tal movimento permitiu que os artistas, especialmente os pintores, rompessem com as barreiras de seus ateliês e partissem para as ruas, com o objetivo de capturar a essência do cotidiano através de suas vivências e impressões. Esta abordagem significou um afastamento das convenções estabelecidas, promovendo uma revolução na forma como a arte era concebida e apreciada.

A progressão dessas inovações facilitou o surgimento de movimentos de vanguarda ainda mais radicais – o movimento vanguardista – que pode ser definido como um conjunto de movimentos artísticos que surgiram no início do século XX e que se caracterizaram por sua

postura inovadora, experimental e revolucionária em relação à arte tradicional. Os artistas vanguardistas buscavam romper com as convenções estabelecidas, questionar as normas vigentes e explorar novas formas de expressão artística. Eles tinham como objetivo promover a liberdade criativa, a originalidade e a ruptura com o passado, buscando assim criar uma arte mais autêntica e impactante. Os vanguardistas foram pioneiros em introduzir novas técnicas, temas e conceitos na arte, contribuindo para a diversificação e evolução do cenário artístico da época.

De modo geral, a arte moderna trilhou um caminho independente, liberando-se dos constrangimentos impostos pelas academias artísticas e pela crítica especializada. Distanciando-se da Filosofia da Arte e de debates estéticos tradicionais, os artistas desse período raramente incorporavam tais discussões em suas obras. Da mesma forma, a reflexão filosófica da época pouco se debruçava sobre as contribuições específicas desses artistas, marcando uma era de significativa autonomia na esfera artística.

Historicamente, a filosofia se ocupava principalmente de reflexões voltadas para o passado. No entanto, influenciada pela inovação dos artistas vanguardistas, começa a adotar uma nova perspectiva que valoriza a velocidade, o efêmero e o contemporâneo, sem se prender exclusivamente ao passado. Essa transformação filosófica ganha contornos mais definidos com os pensadores da Escola de Frankfurt, como Adorno e Benjamin, que direcionam o olhar para a análise crítica do mundo contemporâneo, abordando temas, como arte, cultura, sociedade e trabalho.

No contexto da modernidade, a arte evolui para além da representação idealizada do mundo, passando a refletir as complexas realidades da vida moderna. Dessa forma, estabelece-se a concepção de que a arte não pode ser considerada neutra, seja do ponto de vista histórico ou ideológico. O artista vanguardista, então, assume uma postura ativa e engajada, posicionando-se como um ser intrinsecamente ligado ao contexto social, histórico e ideológico em que está inserido.

No Modernismo, temos ainda a contribuição de Mikhail Bakhtin, com sua visão vanguardista, enfatiza a inseparabilidade dos elementos sociais, históricos e culturais do estudo do objeto estético. Esta perspectiva contrapõe-se à tradição prevalecente até então, que preconizava a necessidade de uma clara separação entre a análise imanente da arte e a investigação de sua história, bem como de sua inserção social e cultural. Bakhtin propõe uma compreensão mais holística da arte, que reconhece e valoriza as interações entre o objeto estético e o contexto em que ele se insere. Dessa forma, Bakhtin contribuiu para a expansão

dos horizontes teóricos do Modernismo, ao desafiar os paradigmas estabelecidos e ao enfatizar a relevância dos fatores sociais, históricos e culturais na análise de obras artísticas.

Realmente, o estético, de certo modo, encontra-se na própria obra de arte, o filósofo não o inventa, mas para compreender cientificamente a sua singularidade, a sua relação com o ético e o cognitivo, seu lugar no todo da cultura humana, e, enfim, os limites de sua aplicação, necessita-se da filosofia sistemática com os seus métodos. O conceito de estético não pode ser extraído da obra de arte pela via intuitiva ou empírica: ele será ingênuo, subjetivo e instável; para se definir de forma segura e precisa esse conceito, há a necessidade de uma definição recíproca com os outros domínios, na unidade da cultura humana (Bakhtin, 2010, p. 16).

Uma outra contribuição significativa desse estudioso reside na premissa de que, para a elaboração de uma estética particular, é imprescindível considerar tanto os fundamentos da estética em geral quanto a essência do material em questão. Além disso, ele defende que a poética deve ser compreendida como a estética da arte literária, desde que seja conceituada de maneira sistemática. Nesse contexto, a natureza material da arte literária é composta pelo vocabulário, tornando, assim, a linguística uma disciplina essencial e complementar.

A Estética, como campo de estudo profissional, dedica-se à análise do valor intrínseco que a arte exerce e de como esta se relaciona com a experiência humana. Pode-se afirmar que a Estética é uma das principais vertentes da teoria do valor na esfera filosófica.

Ao ter a arte como foco de estudo, a estética deve abranger um amplo e diversificado espectro de formas de expressão e comunicação. Isso engloba, mas não se limita, a pintura, a escultura, a música, a literatura e as artes performáticas, como dança, ópera e teatro.

Neste cenário, é relevante destacar que o estudo da estética, intimamente ligado ao universo das linguagens artísticas, visa a alcançar uma compreensão profunda e precisa do significado subjetivo que a arte proporciona, comunica e transmite.

Assim, ao contemplarmos a essência da Estética, é possível inferir que ela sempre esteve intrinsecamente ligada ao Belo, à Beleza em si; envolve, de forma íntima, a sensibilidade humana diante da arte, a reação que uma obra específica desperta no observador, as sensações provocadas em quem a contemplam e interpretam. Portanto, pode facilitar um caminho para educadores proporcionarem uma formação integral para crianças e adolescentes.

2.1.1 Formação Estética: considerações e desafios

Inicialmente, cabe questionar: Qual é a definição de formar ou de formação? No contexto da formação estética, compreende-se que é um processo contínuo, uma vez que a perspectiva de mundo se transforma à medida que o indivíduo constrói sua trajetória e adquire conhecimento, alterando, assim, a sua postura diante da existência.

É por meio das práticas sociais que “as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos” (Brasil, 2018, p. 63).

(...) a ideia de leitor formado seja, para além de utópica, cientificamente ingênua. Nenhum de nós é, será ou conhecerá um leitor formado. Por outro lado, faz todo o sentido falarmos em leitor em formação, formação leitora, ou ainda **formação de leitores** — e foi esta última expressão a escolhida pela BNCC para trazer ao debate e às práticas escolares, pela primeira vez, um conjunto de ações, entre estudantes e professores, cuja meta é desenvolver e fortalecer a leitura (Reyes *et al.*, 2024, p. 9).

Os estudos estéticos são uma linha educacional que abordam a fruição, ou seja, refere-se ao processo de extrair prazer a partir de obras que apresentam um caráter artístico, quer seja pela sua beleza intrínseca, quer pelos sentimentos que são capazes de despertar nos indivíduos que as apreciam. Esta experiência, que transcende o mero ato de observação, permite uma conexão emocional e intelectual com as manifestações artísticas, elevando seu nível de apreciação e entendimento. A educação estética também corrobora para que o humano aumente suas habilidades, como as de interpretação, síntese e análise; além disso, pode ainda ampliar a competência criativa.

Para que ocorra uma formação estética na educação escolar, é fundamental levar aos educandos um maior e mais amplo contato com as mais diversas formas de arte, dentre elas a literatura e as imagens dos livros literários.

A discussão sobre a formação da sensibilidade humana remete à educação em geral e, mais especificamente, à escola. É no ambiente escolar que as artes mais ricas devem ser ensinadas. Assim, os indivíduos vão aos poucos desenvolvendo a sensibilidade, tornando-se indivíduos educados esteticamente e capazes de atingirem a catarse (Assumpção; Duarte, 2016, p. 213).

É no componente curricular de Língua Portuguesa que o aluno do ensino fundamental tem contato com a literatura, fazendo parte do eixo leitura. Então, a escola é o principal lugar de convivência com a literatura, talvez até o único, para grande parte dos alunos. É este ambiente que fornece conhecimento de maneira sistematizada, organizada; que ensina coisas que não se aprende no cotidiano.

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias (Brasil, 2018, p. 71).

É na escola que esses conhecimentos e outros próprios da produção intelectual organizada encontram espaço para expandir-se e sistematizar-se principalmente quando se enfrentam temas e conteúdos que transcendem o senso comum e que não se prendem ao pragmatismo (Britto, 2015, p. 34).

Portanto, é a escola que deve ter a intencionalidade de ampliar o repertório artístico do aluno. Logo, é por meio da produção artística que a criança tem a possibilidade de desenvolver o senso de fruição, que é a capacidade de apreciar, sentir e refletir sobre o objeto artístico e, com o tempo, o infante poderá enriquecer seus conhecimentos e “entrelaçá-los” com sua vivência.

Em verdade seria difícil conceber uma escola onde o ato de ler não estivesse presente – isto ocorre porque o patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade se encontra fixado em diferentes tipos de livros. Assim, o acesso aos bens culturais, proporcionado por uma educação democrática, pode muitas vezes significar o acesso aos veículos onde esses bens se encontram registrados – entre eles, o livro (Silva, 2011, p. 35-36).

É inegável que quanto mais precoce for o envolvimento de uma criança com as diversas formas de arte, maior será a probabilidade de ela desenvolver uma compreensão ampla sobre sua relação na, para e com a sociedade. Nesse sentido, o ambiente escolar é importantíssimo na disseminação da arte como uma ferramenta de aprendizado e desenvolvimento.

A escola desempenha um papel fundamental como um espaço de interação entre o conhecimento estruturado e as experiências adquiridas no cotidiano. Nesse ambiente, os alunos têm a oportunidade de ampliar seus horizontes acadêmicos e aplicar essas informações em sua vida diária. Essa interação entre teoria e prática é essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Aprendemos na escola coisas importantes para serem vividas e pensadas fora dela; o que aprendemos na escola usamos para participar da sociedade, para compreender e indagar as formas de realização e de compreensão da vida... E isso significa sobretudo um processo de intensa interação entre as aprendizagens escolares e as que se adquirem pela ação direta no “mundo lá fora” (Britto, 2015, p. 35).

Neste trabalho, tomou-se a decisão de dar prioridade à arte literária. Essa escolha deve-se ao fato de que a literatura tem uma presença predominante no ambiente educacional, especialmente nas escolas da rede pública. Há uma importância de aprofundar e expandir o conhecimento literário entre os estudantes, dado que essa forma de arte carrega consigo uma

riqueza de ideias, histórias e perspectivas culturais, aproveitando essa presença constante e transformando-a em uma oportunidade de aprendizado mais profundo e enriquecedor para os alunos.

Considerando a literatura, enquanto arte da palavra, e o livro ilustrado, é importante que os educandos tenham circunstâncias favoráveis para analisar e refletir sobre as obras de arte, inclusive, ou principalmente, reconhecer os elementos estéticos de um livro, como textura, formato, cores, disposição do texto na folha, não esquecendo do tema, mensagens. E quando se trata de leituras por outrem, como será o caso quando assistirem aos vídeos, perceber também a entonação, a pontuação, entre outros fatores, ou seja, a prosódia.

A literatura, como uma manifestação de arte, é fundamental para a humanização, por confirmar o homem na sua humanidade. As manifestações ficcionais, poéticas, dramáticas são criadas pelas diversas sociedades, de acordo com seus impulsos, crenças, sentimentos, normas para reforçar a presença e a ação de cada um. Nesse sentido, a literatura é uma ferramenta de ensino preponderante.

Viver a literatura é um ato introspectivo que permite ao leitor ditar seu próprio ritmo de recepção. A literatura convida a reviver a vida, explorando-a com uma variedade de emoções e possibilidades. Portanto, a literatura propõe uma oportunidade para adquirir conhecimento.

A literatura é um convite para re-viver a vida, indagá-la, sabê-la, admirá-la, sofrê-la, gozá-la: todas essas possibilidades ao mesmo tempo e com tremenda potência. Daí que toda a proposta da literatura é uma proposta de conhecimento (Britto, no prelo, p. 5).

Considerando a natureza singular da arte literária como bem cultural de valor inestimável, é imperativo reconhecer que a escola desempenha um papel primordial na disseminação da literatura e, conseqüentemente, na promoção da leitura. Neste contexto, o papel do professor transcende a simples facilitação do processo de ensino-aprendizagem; ele se torna um catalisador essencial na interação rica e diversificada com o texto literário. Entretanto, é inegável que os alunos contemporâneos exploram o mundo através de uma variedade de linguagens e meios, que vão além do texto escrito tradicional. Diante desta realidade multifacetada, os educadores confrontam-se com o desafio de não se limitarem a métodos didáticos exclusivamente expositivos. Torna-se imperativo buscar estratégias inovadoras capazes de capturar e sustentar o interesse dos alunos. Caso contrário, os meios de comunicação de massa e as plataformas de redes sociais preencherão este vácuo, dada a sua capacidade de envolver os usuários em um diálogo interativo e constante.

Portanto, a adoção de textos multimodais e multissemióticos, bem como a utilização de vídeos que exploram a literatura de maneira dinâmica, emergem como recursos pedagógicos fundamentais. Estes recursos não apenas capturam a atenção dos alunos, mas também possibilitam a evocação de emoções profundas, desempenhando um papel crucial na humanização do processo de aprendizagem. Ao possibilitar que os alunos se relacionem de forma afetiva e cognitiva com o conteúdo literário, estimula-se o desenvolvimento de uma consciência crítica e empática. Este processo de engajamento com a cultura, entendida como produto da atividade humana, é essencial para a plena realização humana. Sem este reconhecimento e envolvimento, a verdadeira humanização dos indivíduos permanece uma aspiração distante. Conseqüentemente, a responsabilidade dos educadores é não apenas ensinar literatura, mas usar a literatura como uma ponte para o entendimento mais amplo da condição humana, promovendo assim uma sociedade mais consciente e emocionalmente engajada.

Mas, não se pode restringir somente à escola a observação de como se dá a leitura de literatura. Precisamos pensar também como nossa sociedade está organizada, comprometida no processo de acesso ao livro de literatura, que ainda se apresenta de forma contida tanto ao acesso quanto à mediação. A escola e a família são os pilares no incentivo da aproximação de crianças e adolescentes com as leituras literárias, mas que nem sempre atendem tais necessidades. “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos níveis é um direito inalienável” (Candido, 2011, p. 193).

Ler e escrever são processos que se aprendem na escola, e devem ir muito além de decodificar signos linguísticos e colocá-los no papel; estes sistemas fazem parte do humano para levá-lo a participar da sociedade e da cultura letrada.

A leitura é uma prática social de suma importância, que vai além da simples decodificação da linguagem escrita. Ela transcende os limites da alfabetização, representando uma interação cultural que, em conjunto com a escrita, possibilita o livre fluxo do pensamento. Além disso, a leitura proporciona um aprimoramento do domínio intelectual, permitindo a interrupção e a retomada da atividade a qualquer momento.

No entanto, entendida como prática social, a leitura não se limita à capacidade de decifração, mesmo que se suponha neste gesto o entendimento do que se decifra. Na perspectiva de Soares (2004), alfabetização se distingue de letramento, de modo que ser letrado pressupõe, além do conhecimento do código, o uso do ler e escrever para responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente e agir conforme determinam as circunstâncias. O que esta concepção capta, ainda que de modo genérico, é que a participação na sociedade urbano-industrial exige dos

indivíduos determinadas disposições estruturais, entre as quais se inclui certa capacidade de ler e de escrever que suplanta a simples condição de alfabetizado (Britto, 2012, p. 38-39).

É de extrema importância garantir a integração efetiva e atraente da arte no currículo escolar, com especial destaque à literatura, a fim de promover o desenvolvimento holístico das crianças e prepará-las adequadamente para enfrentar as exigências e desafios da sociedade contemporânea. Para alcançar este objetivo, há uma necessidade imperativa de desenvolver projetos verdadeiramente integradores que favoreçam a promoção real da leitura, destacando a importância desta atividade, que não é apenas um mero prazer ou um lazer passivo.

Uma solução para democratizar a leitura e demonstrar seu valor transformador e organizativo nas diversas comunidades é promovê-la em diferentes ambientes fora do ambiente escolar, onde a sociedade civil possa se organizar. Isso ajudará a aproximar ainda mais as pessoas da literatura e, conseqüentemente, contribuirá para a formação de uma sociedade mais crítica e participativa.

Os novos espaços para leitura, em países com tantas dívidas e tantas transformações pendentes, devem ser os espaços onde a sociedade civil se organiza. Os projetos de leitura precisam dar a mão a esses processos de organização, acompanhá-los, demonstrar que a leitura não é um adorno nem um passatempo e que seu valor não está em oferecer apenas alguns momentos prazerosos, mas sim que a leitura é um instrumento extremamente útil na transformação e organização de suas vidas. (...) Implica reconhecer que em algum momento, tanto a escola como a leitura devem tomar partido por transformação social que acabe com desequilíbrios e desigualdade. Implica também aceitar que a leitura, em especial a leitura literária, não é um meio de lazer passivo, ao contrário, tem profundo sentido e valor (Castrillón, 2011, p. 64-65).

Assim, a arte, e por conseguinte a literatura, deveria ser um direito humano, ou seja, um bem fundamental, assim como casa, comida, saúde, instrução, mas muitas vezes não é bem assim, pois os menos favorecidos quase ou não têm acesso às obras de Mozart, Picasso, Dostoiévski, ou mesmo Ziraldo, Bartolomeu Campos de Queirós. O acesso a essa arte, à cultura, deveria ser considerado um bem que não pode ser negado.

O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra. (...) Do ponto de vista individual, é importante a consciência de cada um a respeito, sendo indispensável fazer sentir desde a infância que os pobres e desvalidos têm direito aos bens materiais ... assim como as minorias têm direito a igualdade de tratamento. Do ponto de vista social é preciso haver leis específicas garantindo este modo de ver (Candido, 2011, p. 175).

Devido ao fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, a literatura atende a uma necessidade universal que não pode ser atendida sem mexer com a personalidade, pois

nos organiza, nos liberta do caos e nos humaniza. Pelo fato de a literatura abordar as situações de misérias, servidão, negação de direitos, serve de instrumento para tirar a máscara daqueles que detêm o poder.

Por isso, a luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de tais problemas, e chegando mais perto do tema eu lembraria que são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São bens incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (Candido, 2011, p. 176).

A arte está intimamente conectada ao cotidiano, destacando elementos que muitas vezes passam despercebidos, relegados à sua mera utilidade imediata, como evidenciado no tic-tac dos relógios ou nos padrões requeridos para a arte da manufatura. A verdadeira excelência artística está em resgatar esses elementos do mundo tangível, conferindo-lhes novas formas e significados artísticos; em essência, recriando-os.

Como se dá essa metamorfose, esse avanço dinâmico que transforma os aspectos ordinários da vida em prismas estéticos? A intensificação ativa e amplificada dos detalhes obscurecidos na rotina diária propicia tal mudança. Essa é a essência singular do reflexo estético. Ao realçar os elementos evidentes da interação entre os indivíduos e sua sociedade, a obra de arte conduz o autor a uma conexão com a essência da humanidade.

De fato, essa recriação só será esteticamente válida se o receptor e o criador confrontarem os aspectos alienantes do cotidiano. Esse embate elevará tais subjetividades a uma esfera superior de autoconsciência sobre a condição humana. A esfera estética é considerada um espelho do presente histórico e, simultaneamente, uma totalidade regida por leis e características próprias. Por exemplo, uma obra literária deve possuir unidade de tempo, ação e lugar, ou seja, deve apresentar um enredo distinto, com personagens que experimentam emoções singulares e cujas ações criam situações únicas.

A obra de arte é um produto humano que expressa as características essenciais do ser humano. Tem a capacidade de transformar intencionalmente a natureza e a si mesmo e criar um mundo social ao longo do tempo. A arte proporciona a oportunidade de vivenciar os grandes dramas da história de forma condensada e intensificada, representando a humanidade diante de si mesma como um objeto externo.

As manifestações artísticas têm existido ao longo da história da humanidade, desempenhando um papel crucial. A arte auxilia as pessoas a abstraírem o pensamento e interpretarem simbolicamente o mundo que as cerca. Além disso, a estética é essencial para

explicar a forte necessidade da humanidade de visualizar o mundo de uma maneira diferente e clara ao longo dos tempos.

Para Assumpção e Duarte (2016, p. 208): “A arte é o resultado de um longo processo de desenvolvimento da humanidade, no qual a atividade, além de gerar produtos que atendessem às necessidades básicas de existência, também gerou necessidades não materiais e os objetos de satisfação”.

A importância da formação estética no ambiente escolar é inegavelmente um aspecto crucial no desenvolvimento integral do ser humano. Esta formação, ao transcender os limites da mera transmissão de conhecimento técnico, exercita um papel de autoridade e influência no aprimoramento das capacidades humanas em sua totalidade. A estética, ao possibilitar o acesso e a apreciação das mais diversas manifestações artísticas, não apenas enriquece o espírito, mas também fomenta um profundo desenvolvimento intelectual e emocional.

No contexto educacional, a integração da formação estética, particularmente aquela focada na literatura, manifesta-se como uma necessidade imediata. Esta exigência não é meramente caprichosa, mas fundamenta-se no reconhecimento do valor indiscutível que a arte literária detém dentro do processo pedagógico. A literatura, com sua riqueza de formas, temas e estilos, oferece uma experiência estética singular que tem o poder de favorecer o desenvolvimento cognitivo e emocional do estudante. Por meio dela, é possível estimular a criação e a imaginação, elementos vitais na formação de indivíduos criativos, críticos e reflexivos.

Ademais, a fruição literária no ambiente escolar propicia um enriquecimento cultural e linguístico. Através da exploração de textos literários, os estudantes são introduzidos a uma diversidade de culturas, perspectivas e vocabulários, o que contribui significativamente para o alargamento de seus horizontes intelectuais e a ampliação de sua competência comunicativa. Portanto, a literatura se estabelece não apenas como um meio de fruição estética, mas também como uma ponte para o entendimento e a apreciação das complexidades humanas e sociais.

Cabe destacar, ainda, que o engajamento com a literatura e outras formas de expressão estética prepara o terreno para o desenvolvimento de uma sensibilidade artística apurada, capaz de reconhecer e valorizar a beleza nas suas mais variadas expressões. Desta maneira, a formação estética no âmbito escolar deve ser encarada não como um complemento, mas como componente fundamental na edificação de uma estrutura educacional holística, que visa à formação de seres humanos plenos, capazes de contribuir de forma significativa para a sociedade.

Através da valorização das artes e da literatura no processo de aprendizagem, é possível não apenas enriquecer a experiência educacional dos estudantes, mas também promover uma transformação cultural profunda, que reconhece e celebra a importância da beleza, da criação e da imaginação no desenvolvimento humano.

2.2 Leitura: mais que mera decodificação, é conhecimento

Há ações que apenas o ser humano é capaz de experimentar, e entre elas estão a comunicação verbal e, nesse contexto, a escrita e a leitura, pois são atos conscientes. Como meios de comunicação essenciais, elas desempenham um papel fundamental na transmissão de informações e na expressão de ideias.

A escrita e a leitura são habilidades intrínsecas ao ser humano que desempenham um papel crucial na comunicação verbal. Além de transmitirem informações e expressarem ideias, elas moldam nossa percepção do mundo, nossa conexão com os outros e nosso entendimento de nós mesmos. A leitura nos possibilita participar ativamente na sociedade, acessar conhecimentos e perspectivas diversas e contribuir para o acervo de conhecimento da humanidade. Em resumo, a escrita e a leitura constituem ferramentas essenciais que nos capacitam a ultrapassar as fronteiras do nosso conhecimento e contribuir para a comunidade humana.

Sendo um tipo específico de comunicação, a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural; o livro (ou qualquer outro tipo de material escrito) é sempre uma emersão do homem do processo histórico, é sempre a encarnação de uma intencionalidade e, por isso mesmo, “sempre reflete o humano”. Daí a necessidade de um enfoque mais específico sobre os aspectos da comunicação humana, inerentes à leitura (Silva, 2011, p. 47).

A obtenção de conhecimento, que resulta da interação do indivíduo com o mundo, bem como o acesso à cultura, são facilitados através da leitura. A prática de ler transcende a mera existência, proporcionando aprendizado; conforme expresso pelo lema do Lelit (Ler Literatura, aprender e viver), evidenciando que a leitura não está unicamente atrelada ao prazer, à ludicidade ou ao lazer, contrariamente à associação comum feita pela sociedade.

É imperativo destacar que a leitura aqui mencionada não se limita simplesmente à decodificação de signos linguísticos. Ela engloba um espectro muito mais amplo. Tal modalidade de leitura não é objeto de preocupação neste contexto, dado que sua relevância para propósitos imediatos não é questionada. A leitura aqui analisada envolve a interpretação e a interação entre o leitor e o texto, bem como o conhecimento e o valor que ele agrega à

vida do indivíduo. Esta está intrinsecamente ligada ao processo de aprendizagem e à expansão do conhecimento acerca do mundo.

A instituição escolar representa o palco principal para a manifestação da prática leitora. É no âmbito escolar que somos inicialmente instruídos a ler e escrever, e a atividade leitora se estende por todos os níveis educacionais. Isso significa que o processo de aprendizagem da leitura inicia-se nas séries iniciais, abrangendo a pré-escola, em muitos casos, e se perpetua através do ensino fundamental, médio, graduação e pós-graduação. Assim, fica evidente a importância da leitura como um pilar fundamental no processo educacional em suas diversas etapas.

No contexto brasileiro atual, observa-se que uma vasta gama de projetos, iniciativas e ações, sejam eles originários de esferas governamentais, não governamentais, ou mesmo do setor privado, direcionados à fomentação e à promoção da prática da leitura entre a população; tendem a enfatizar, predominantemente, a dimensão do prazer intrínseco à atividade de ler. Essa abordagem coloca em destaque a leitura realizada a título de lazer, tratando-a como um sinônimo de entretenimento e diversão.

Essa tendência é reflexo de uma visão que considera a leitura como uma forma de escapismo ou de recreação, negligenciando, muitas vezes, as potencialidades educativas, críticas e transformadoras que esta prática pode gerar no indivíduo e, por extensão, na sociedade. Ao focar na leitura como uma atividade essencialmente prazerosa e descompromissada, corre-se o risco de relegar a segundo plano o desenvolvimento de habilidades de interpretação, a capacidade de análise crítica e a construção de um pensamento autônomo e reflexivo nos leitores.

É imperativo, portanto, que se reconsidere e se expanda o escopo dessas iniciativas, transcendendo a mera apreciação da leitura como uma atividade de tempo livre. Deve-se buscar a instituição de programas e projetos que, além de valorizar o prazer que a leitura pode proporcionar, também estimulem a compreensão crítica, a sensibilidade cultural, o aumento do senso crítico e a capacidade de empatia dos indivíduos. Tais programas devem almejar o fortalecimento da leitura enquanto ferramenta de emancipação pessoal e coletiva, promovendo, assim, uma sociedade mais informada, crítica e participativa.

A construção de uma cultura leitora plural no Brasil demanda, portanto, uma abordagem multifacetada, que não apenas reconheça, mas também integre as diversas finalidades e potencialidades da leitura. Isso envolve a implementação de políticas públicas inclusivas e acessíveis, o desenvolvimento de projetos pedagógicos inovadores nas escolas, o apoio a iniciativas de fomento à leitura em todos os níveis da sociedade. Quem sabe assim,

seja possível cultivar, em solo brasileiro, um terreno fértil para o florescimento de leitores críticos, conscientes do que a leitura pode agregar às suas vidas e à sociedade em seu conjunto.

(...) o ensino e a promoção da leitura de literatura não se justificam pela diversão, alegria ou gozo que a arte cause e que tampouco é essa a forma apropriada de aproximação do objeto literário, como, infelizmente, verifica-se com frequência. Para nós, a experiência estética promovida pela arte deve, em sua essência, ser motivo de vida e aprendizagem (Britto, no prelo, p. 1).

A leitura literária não é apenas uma atividade prazerosa, mas também um instrumento poderoso para expandir horizontes e afetar positivamente a sociedade. É imperativo destacar a importância da leitura como um meio de adquirir conhecimento, desenvolver habilidades de pensamento crítico e obter uma compreensão mais ampla do mundo. Ao mergulharmos nas palavras dos escritores e permitirmos que suas histórias nos inspirem, abrimos espaço para a reflexão e a transformação pessoal. Além disso, a leitura nos conecta com diferentes épocas, culturas e perspectivas, enriquecendo nosso repertório e promovendo uma maior empatia pelo próximo.

Diante disso, é imprescindível que sejam criadas estratégias eficazes para incentivar e fomentar a leitura em todas as esferas da sociedade. Desde o ambiente escolar, onde a leitura deve ser integrada ao currículo e estimulada por meio de atividades dinâmicas, até a conscientização pública sobre os benefícios da leitura. É papel de educadores, bibliotecários, pais e governantes trabalharem juntos na construção de uma cultura leitora sólida, que valorize a literatura e sua capacidade de transformar vidas.

Por fim, é essencial reconhecermos e difundirmos a verdadeira essência da leitura. Ela vai além do entretenimento superficial e do escapismo momentâneo. A leitura é uma ferramenta de empoderamento, capaz de moldar e fortalecer indivíduos, além de contribuir para o progresso social e intelectual de uma nação. Portanto, cabe a cada um de nós valorizar e promover a leitura como um pilar fundamental da educação e do desenvolvimento humano.

Há várias décadas, três ou quatro, o mundo inteiro tem promovido a leitura por meio de campanhas, planos e projetos que acabam por desviar a atenção do verdadeiro problema, criando a ilusão de que se está fazendo algo pela leitura.

Tais campanhas, em geral, baseiam-se em palavras de ordem que pretendem nos convencer da necessidade dessa prática, sem levar em conta que nada se torna necessário – e muito menos a leitura, que é um exercício difícil, que exige um tempo cada vez mais escasso e um esforço que poucos estão dispostos a realizar – se não se tiver a íntima convicção de que ler pode ser um meio para melhorar as condições de vida e as possibilidades de ser, de estar e de atuar no mundo (Castrillón, 2011, p. 19-20).

Ao analisar atentamente a situação atual da educação brasileira em relação à leitura de literatura, torna-se claramente perceptível a ausência de uma postura verdadeiramente comprometida com a questão. É possível observar que o enfoque principal tem sido o estímulo ao hábito de leitura por parte dos alunos, negligenciando, porém, a relevância de proporcionar momentos de catarse, de encantamento por meio das obras literárias.

Nesse sentido, torna-se imperativo repensar a abordagem adotada pela educação brasileira quando se trata da leitura de literatura. É fundamental que se ultrapasse a mera promoção do hábito de leitura e se empenhe em fornecer experiências literárias que sejam genuinamente enriquecedoras para os estudantes.

De modo geral, a atitude da educação brasileira em relação à leitura de literatura não têm sido capaz de permitir que os alunos vislumbrem as riquíssimas possibilidades dessa algazarra silenciosa e alegre, guardada nas estantes. No máximo, os responsáveis estão preocupados em desenvolver o “hábito da leitura”, como se se tratasse de algo semelhante a escovar os dentes ou levantar às seis da manhã (Machado, 2011, p. 22).

Realizar a leitura de um texto envolve um processo cognitivo complexo que demanda atenção e interpretação. De acordo com Bértolo (2014), a leitura de um texto narrativo pode ser analisada em quatro níveis distintos que se desenrolam de forma simultânea. Esses níveis, denominados pelo autor, são: o nível textual, responsável pela decodificação do código linguístico e atribuição de significado; o nível autobiográfico, que remete à conexão do leitor com suas próprias experiências; o nível metaliterário, que diz respeito à reflexão sobre o próprio ato de leitura e escrita; e, por fim, o nível ideológico, que aborda as ideias e valores presentes no texto e como influenciam o leitor. A interação entre esses quatro níveis enriquece a experiência de leitura e permite uma compreensão mais profunda e abrangente do texto.

Ler um texto não é tarefa simples, requer competência. Requer atenção, memória, concentração, capacidade de relação e associação, visão espacial, certo domínio do léxico e sintático da língua, conhecimento dos códigos narrativos, paciência, imaginação, pensamento lógico, capacidade para formular hipóteses e construir expectativas, tempo e trabalho (Bértolo, 2014, p. 48).

A prática da leitura é uma habilidade que demanda um nível de compreensão que transcende a mera capacidade de decifrar o significado das palavras estampadas em um suporte físico, como um pedaço de papel. Esta habilidade envolve uma interação entre o leitor e o texto, ocasionando transformações significativas tanto na estrutura do texto quanto na essência do leitor.

Engajar-se na leitura é, portanto, um processo intrincado, que estabelece uma ponte entre a consciência do indivíduo e sua existência, viabilizando a compreensão e a interpretação do conteúdo escrito. Por conseguinte, este processo enriquece o leitor, tornando-o mais perspicaz e ciente em relação às nuances do mundo que o envolve.

Ademais, a prática de ler emerge como uma ferramenta indispensável no acesso à cultura e na aquisição de conhecimento, facilitando o estabelecimento de conexões com o mundo externo através das experiências e percepções pessoais. Assim, a leitura não apenas confere ao indivíduo a capacidade de compreender e interpretar o mundo de maneira mais ampla, mas também o capacita a se integrar e a contribuir de forma mais significativa para o tecido social em que está inserido.

Toda forma de conhecimento é importante e significativa. Como todas elas, a literatura também têm relevância. Mas, sendo uma arte – e uma arte que utiliza um meio que está ao alcance de todos os indivíduos, ou seja, as palavras, a linguagem –, ela é uma forma de conhecimento muito particular. Permite perceber os aspectos mais sutis da realidade e aos poucos vai habilitando a expressar essa percepção. Pode não ensinar a ver o mundo, porém ajuda a compreender de que maneira ele existe. Mais ainda, possibilita perceber de que outras maneiras diversas essa realidade pode ou poderia existir. Permite entender outras formas de encarar o mundo, mas também, concreta e afetivamente, permite entender as pessoas que o encaram de modo diferente do nosso (Machado, 2011, p. 18-19).

O acesso à leitura deveria ser considerado um recurso essencial, uma vez que a leitura vai além do simples prazer de ler. Ela ultrapassa a ludicidade e o lazer, transformando-se em um portal para o conhecimento. No entanto, é possível que, devido à sua histórica utilização como instrumento de poder e exclusão social, a verdadeira importância da leitura ainda não tenha sido plenamente compreendida. Talvez a solução para o problema da falta de leitura só possa ser alcançada por meio de uma distribuição de riqueza mais justa e igualitária.

A leitura, cito novamente Emília Ferreiro (2002), é um direito, não é um luxo, nem uma obrigação. Não é um luxo das elites que possa ser associado ao prazer ou à recreação, tampouco uma obrigação imposta pela escola. É um direito de todos que, além disso, permite um exercício pleno da democracia (Castrillón, 2011, p. 19).

Em suma, a leitura desempenha um papel de extrema relevância na comunicação e na transmissão de informações. No entanto, a abordagem da educação brasileira em relação à leitura tem sido equivocada, limitando-se a estimular o hábito de ler. A leitura vai muito além da mera decodificação de palavras, envolvendo compreensão e interpretação. Ela é um meio fundamental para adquirir conhecimento, desenvolver habilidades críticas e obter uma compreensão mais abrangente do mundo.

A fim de solucionar o problema da escassez de leitura, é imprescindível buscar uma distribuição mais equitativa da riqueza e criar espaços acessíveis para o ato de ler. Além disso, é necessário investir em programas de incentivo e capacitação de professores qualificados. A promoção da leitura fortalece a sociedade como um todo e contribui para o crescimento intelectual e a formação de cidadãos conscientes. A leitura deve ser reconhecida e valorizada como uma poderosa ferramenta de transformação social.

2.3 Audiovisual: as mais variadas manifestações

O ser humano é agraciado com um conjunto vasto e complexo de habilidades comunicativas, indispensáveis para a construção e manutenção das relações sociais. Essa capacidade inata para a comunicação revela-se não apenas através da fala, mas também por meio de uma diversidade de linguagens, que se configuram como ferramentas essenciais para o intercâmbio de ideias, sentimentos, conhecimentos e informações. Segundo Coutinho (2006, p. 16), linguagem pode ser definida como “todo e qualquer meio sistematizado usado para comunicar, transmitir, receber e repassar ideias, informações, conhecimentos”.

Esta definição enfatiza a importância da linguagem como pilar fundamental na conexão entre os seres humanos, possibilitando a partilha de conhecimentos, experiências e a construção de vínculos significativos, através do uso de variadas formas de expressão – sejam elas verbais, escritas, visuais, ou não verbais. Estas nos permitem transmitir e captar mensagens de maneira clara e precisa, enriquecendo o processo comunicativo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda a leitura em seu sentido mais lato, considerando-a não somente como a decifração do texto escrito, mas também a interpretação de imagens estáticas (fotos, pinturas, desenhos, esquemas, gráficos, diagramas) ou em movimento (filmes, vídeos etc.), além da apreciação do som (música), elementos que, em muitos gêneros digitais, coexistem e se complementam para conferir significado à mensagem.

Dentro deste espectro de linguagens, a combinação de som e imagem, também conhecida como comunicação audiovisual, destaca-se por sua capacidade de transmitir mensagens de maneira simultaneamente auditiva e visual. Este formato, ao qual também se aplica o termo “vídeo” como representação dessa linguagem híbrida, engloba a utilização de elementos áudio (som) e visual (imagem) de forma integrada, com o objetivo de veicular uma mensagem de maneira mais completa e imersiva.

Em nosso entendimento, o conceito de produção audiovisual abrange qualquer obra originada desse ramo particular de comunicação, destacando a sua natureza versátil e global. Além disso, essa terminologia pode ainda fazer alusão à tecnologia específica utilizada na regulação minuciosa, na gravação precisa, na exibição sincronizada e na manipulação cuidadosa do áudio e da imagem. Esta definição sublinha o papel crítico da tecnologia na facilitação e aprimoramento da comunicação audiovisual, possibilitando a produção de conteúdos que são não apenas ricos em informação, mas também capazes de engajar, educar e entreter o público de maneira profunda.

Em resumo, o termo ‘audiovisual’ engloba a convergência entre arte e tecnologia, resultando na concepção de produtos de comunicação que possuem a capacidade de informar, educar, entreter e emocionar o público. Com a utilização de elementos audiovisuais, como imagens, sons, cores, textos e diferentes técnicas de edição, é possível transmitir mensagens de maneira impactante e cativante. A arte do audiovisual vai além do entretenimento, tornando-se uma poderosa ferramenta de comunicação, capaz de transmitir ideias, despertar sentimentos e promover reflexões. Dessa forma, o audiovisual se consolida como uma forma de expressão artística e uma ferramenta de comunicação, que tem o potencial de alcançar e envolver públicos diversos.

Considerando a linguagem audiovisual como um conjunto de códigos compartilhados baseados no som e nas imagens em movimento, atualmente, a vemos ampliando-se em um processo de convergência de tecnologias, que culminam na tecnologia digital, enveredando por diversos caminhos – virtuais, simulatórios, interativos, hipertextuais, etc, buscando manter através de seus sistemas de signos a possibilidade de codificação e conseqüentemente, de sistematização pelo espectador (Muanis, 2005, p. 12).

A modalidade de comunicação em questão revela-se como um vetor para aprimorar a transmissão de conhecimento no contexto educacional, principalmente ao ser aplicada no ambiente de sala de aula. Este método apresenta-se como uma alternativa que tem o potencial de captar a atenção dos estudantes, oferecendo-lhes uma estratégia diferenciada para a assimilação de informações. Em um mundo no qual a monotonia das aulas expositivas tradicionais frequentemente não consegue manter o engajamento dos jovens, a inclusão de recursos audiovisuais emerge como uma solução notável. Os jovens contemporâneos, dotados de uma capacidade adaptativa para compreender e absorver informações através de múltiplas formas de linguagem, incluindo aquelas de natureza audiovisual, beneficiam-se significativamente desta abordagem.

A integração de recursos audiovisuais no processo educativo não apenas fomenta um ambiente de aprendizado mais dinâmico e participativo, mas também pode promover uma interação mais profunda com o conteúdo curricular. Esta abordagem pode estimular o interesse dos alunos, incentivando uma postura mais ativa e engajada em relação ao seu próprio processo de aprendizagem.

É importante ressaltar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no âmbito do ensino da Língua Portuguesa, já contempla a relevância de tratar as práticas de leitura de forma abrangente, reconhecendo a importância de incluir dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão sobre a linguagem. Neste contexto, a BNCC enfatiza a necessidade de adotar estratégias pedagógicas que transcendam a leitura como mera decodificação textual, incentivando uma leitura crítica e reflexiva, capaz de englobar as diversas modalidades de linguagem, incluindo a linguagem audiovisual.

1-Reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos de atividade humana:

* Refletir sobre as transformações ocorridas nos campos de atividades em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, do uso do hipertexto e da hiperídia e do surgimento da *Web 2.0*: novos gêneros do discurso e novas práticas de linguagem próprias da cultura digital, transmutação ou reelaboração dos gêneros em função das transformações pelas quais passam o texto (de formatação e em função da convergência de mídias e do funcionamento hipertextual), novas formas de interação e de compartilhamento de textos/conteúdos/informações, reconfiguração do papel de leitor, que passa a ser também produtor, dentre outros, como forma de ampliar as possibilidades de participação na cultura digital e contemplar os novos e os multiletramentos.

* Fazer apreciações e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas, dentre outras, envolvidas na leitura crítica de textos verbais e de outras produções culturais.

2-Compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos:

* Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas e formatação de imagens (enquadramento, ângulo/vetor, cor, brilho, contraste), de sua sequenciação (disposição e transição, movimentos de câmera, remix) e da performance – movimentos do corpo, gestos, ocupação do espaço cênico e elementos sonoros (entonação, trilha sonora, sampleamento etc.) que nela se relacionam

* Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização etc. em artefatos sonoros.

3-Estratégias e procedimentos de leitura

* Articular o verbal com outras linguagens – diagramas, ilustrações, fotografias, vídeos, arquivos sonoros etc. – reconhecendo relações de reiteração, complementaridade ou contradição entre o verbal e as outras linguagens (Brasil, 2018, p. 72-74).

O sistema convencional de educação é fortemente influenciado pelos princípios do positivismo, uma filosofia que sempre deu grande importância à escrita como um dispositivo fundamental para legitimar e validar os conhecimentos adquiridos. Essa ênfase na escrita

como forma de conhecimento é uma característica notável do nosso sistema pedagógico tradicional e, ao longo dos anos, tem sido um pilar essencial no processo educativo.

No entanto, à medida que avançamos no século XXI, somos testemunhas de uma transformação contínua, impulsionada por uma sociedade profundamente imersa em conteúdo digital e mídia. Esse cenário de crescente midiaticização tem levado a uma reavaliação das abordagens tradicionais de ensino, abrindo caminho para a exploração de novas maneiras de assimilar e interagir com diversos tipos de conhecimento.

Nesse contexto, estão sendo exploradas e integradas outras formas de linguagem e comunicação – visual, oral e audiovisual – como meios viáveis e relevantes para “ler” e interpretar o mundo que nos cerca. Essas diferentes modalidades de código não apenas têm o potencial de aprimorar as habilidades de compreensão dos alunos, mas também de tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico e interativo, acompanhando as demandas de uma sociedade em constante evolução.

Assim, essa evolução no campo da educação representa uma resposta aos desafios apresentados pela atual sociedade hiperconectada, para a qual a capacidade de adaptar e inovar se torna cada vez mais crucial para garantir uma educação eficaz e relevante.

A importância da linguagem como instrumento capaz de desenvolver o pensamento aprofunda-se, em seus aspectos mais amplos, com a apropriação de novas mídias. Estabelece-se um diálogo entre a imagem e o discurso, apesar de, durante muito tempo, em nome da razão, a tradição positivista de nossa educação ter valorizado a linguagem escrita como única forma de legitimar os pensamentos, as ideias, enfim, os saberes, não reconhecendo outros códigos – visual, oral, audiovisual – como formas de leitura e escritura do mundo (Pires, 2010, p. 293).

Conforme Pires (2010), o vídeo é reconhecido como uma ferramenta pedagógica de extrema importância no contexto da sala de aula, uma vez que apresenta uma linguagem multifacetada que viabiliza a produção de imagens em constante movimento, acompanhadas de um discurso verbal articulado. A sinergia entre esses elementos visuais e verbais se funde de maneira orgânica em um único meio, revelando-se imprescindível para o meio educacional. Ademais, a presença de elementos lúdicos e técnicos na utilização do vídeo propicia uma abordagem educativa mais dinâmica e cativante, promovendo, assim, uma experiência de aprendizado mais significativa.

Nos dias atuais, os meios híbridos possibilitaram a criação de imagens falantes e em movimento. Os elementos da linguagem verbal e da linguagem visual podem hoje coexistir num mesmo espaço.

(...) O vídeo constitui uma ferramenta e um dispositivo pedagógico importante para os adolescentes por sua capacidade de visualizar os próprios conflitos e o dos outros, por sua ludicidade e tecnicidade (Pires, 2010, p. 284-291).

A estética no âmbito do audiovisual, assim como em outras manifestações artísticas, atua no domínio da sensibilidade humana, um território que frequentemente ultrapassa os limites da razão puramente lógica, abarcando significados mais amplos e profundos. Para além de servir meramente como adorno superficial, essa dimensão da arte visual e sonora tem o poder de evocar respostas emocionais que, por sua vez, impactam nossa percepção e compreensão de maneira substancial e perdurável. Trata-se de um campo que transcende a linguagem racional, oferecendo assim uma forma de comunicação que se manifesta na essência mais pura do ser humano – sua faculdade de sentir e experienciar o mundo. Conforme discutido por Coutinho (2006):

Os audiovisuais participam desse grande motor que é a indústria cultural. E, em estética, política e magia, vão povoando o mundo de histórias..Em estética porque os audiovisuais atuam fortemente naquilo que, no homem, é sensível, constituinte do fenômeno artístico, falando mais aos sentidos do que à razão (Coutinho, 2006, p. 24).

[...] Os audiovisuais constituem uma forma peculiar de se contar histórias que se revelam e se escondem nas narrativas que cada filme, cada programa de televisão, a seu gosto e a seu modo (Coutinho, 2006, p. 24).

[...] a linguagem cinematográfica, os filmes que vemos – na escola ou fora dela – as situações que imaginamos depois dos filmes, irão compor, em estética e magia, a memória de cada um (Coutinho, 2006, p. 77).

Muanis (2005) explora a evolução da estética cinematográfica em quatro fases históricas e estéticas distintas, sendo a primeira fase o cinema mudo, chegando até a era dourada do cinema de estúdio, iniciando a segunda fase histórica que vai de 1930 a 1950 e é denominada como modernidade clássica. Cada período representa uma transformação significativa na maneira como o cinema é percebido e concebido, com destaque para a importância da expressão visual e corporal durante o cinema mudo e a introdução da cor como um marco na representação mais idealizada e glamorosa do real.

O cinema passou por diversas transformações estéticas ao longo de sua história, buscando novas formas de expressão e representação da realidade. A terceira fase privilegiou uma estética mais livre e emancipada, rompendo com as narrativas lineares e adotando a fragmentação e a descontinuidade. Já a quarta fase é marcada por inovações tecnológicas e pela apropriação de várias linguagens estéticas, tornando o cinema um instrumento de globalização e universalização das imagens em movimento, sem fronteiras espaciais ou estéticas.

A quarta fase é marcada pelas inovações tecnológicas e por apropriações de múltiplas linguagens estéticas que vão desde metamorfoses e anamorfoses de imagens às sobreposições imagéticas de toda ordem, em prol do dinamismo tanto no

campo criativo, quanto de difusão e consumo. Esta é a era da pós-modernidade, que desde os anos de 1980 faz do cinema um instrumento da globalização e da universalização das imagens-movimento e de seus códigos expressivos. Este é o cinema sem fronteiras espaciais, estéticas, de veiculação, de difusão (TV, vídeo, aparelhos portáteis, etc) e interação (possibilidade de pausa no filme em caso dos aparelhos de veiculação domésticos, escolha do final do filme, edição ao vivo, etc) (Muanis, 2005, p. 36-37).

Desta maneira, a linguagem audiovisual desempenha um papel de extrema relevância na comunicação e no processo educacional em geral. Conforme o campo educacional avança, torna-se essencial explorar outras modalidades linguísticas, tais como a linguagem visual, oral e audiovisual, como ferramentas viáveis e pertinentes para promover a compreensão e a interação dos estudantes. A fusão entre som e imagem no âmbito audiovisual possibilita a transmissão de mensagens de forma abrangente e impactante, proporcionando uma experiência que transcende a mera racionalidade, capaz de evocar respostas emocionais e criar vivências singulares para os envolvidos, enriquecendo, assim, o processo educativo.

3 PERCURSOS E PERCALÇOS DA PESQUISA

Só se inicia uma pesquisa se existir uma pergunta, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa (Gerhardt e Silveira, 2009, p. 12).

A pesquisa não pode ser categorizada de forma exclusiva. Ao invés disso, existe uma predominância de um método em relação a outro, principalmente devido à ampla variedade de classificações na metodologia de pesquisa.

É importante destacar que este trabalho foi realizado em colaboração mútua com professora/pesquisadora Francisca Oliveira da Cruz, que realizou a parte de intervenção, e isto teve um impacto significativo na coleta de dados.

A pesquisa em si começa com a elaboração de produções audiovisuais de obras literárias cuidadosamente selecionadas. Essas produções foram aplicadas pela colaboradora em duas turmas do 6º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ulysses Guimarães, na cidade de Altamira, no Oeste do Pará, na região amazônica, com o objetivo de verificar os impactos que elas tiveram nas crianças.

Portanto, no âmbito da classificação da pesquisa, este estudo se insere no campo das pesquisas aplicadas, caracterizadas pela sua implicação prática direta na realidade que o pesquisador observa. Sob a perspectiva do método de abordagem, o trabalho em questão se configura como uma pesquisa qualitativa, um formato de investigação que valoriza a interação dinâmica e inseparável entre o objeto de estudo – o mundo real – e o pesquisador. De acordo com Silva e Menezes (2005, p. 20), isso ocorre quando “[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Também esta pesquisa pode ser enquadrada como descritiva, pois fez-se uma descrição de como se elaborou as produções; ocorreu um registro por parte da professora/pesquisadora/colaboradora de como se deu a análise desses registros e quais os impactos estéticos causados pelos vídeos. E ainda, experimental, posto que, para Silva (2015, p. 51), “é toda pesquisa que envolve algum tipo de experimento. Consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis e definir as formas de controle e de observação dos efeitos”.

Para o professor e pesquisador Helder Pinheiro (2011), a atitude do pesquisador deve ser sempre investigativa; perguntar é essencial. E, no campo da literatura, mais ainda, podendo ser o ponto de partida da pesquisa perguntas, como: “O que me encanta nessa obra?”

“O que ela tem de diferente das outras?”. No caso deste estudo, poderia ter sido: “Qual a influência que esta obra pode ter na formação estética dos estudantes?”

Fazer pesquisa em literatura é diferente das outras ciências:

A primeira diferença está no *objeto* e no modo como tratá-lo. O objeto do estudioso da literatura são as obras literárias: contos, poemas, peças de teatro, narrativas populares ou, mais especificamente, um tema ou a personagem de um romance (...) Trata-se, como todos sabem, de um objeto com características peculiares: tem um forte apelo conotativo, está investido de uma dimensão estética essencial. Toda obra artística é a simbolização de uma experiência humana e está ligada – queira ou não o autor – a um contexto histórico, mantém relações – de consonância ou não – com a tradição, dentre outros traços. É relevante lembrar que o que define mesmo uma obra é seu caráter artístico, sua dimensão estética, isto é, o que faz uma obra de arte (sua literariedade, para usar um conceito central dos formalistas russos, com a devida consciência de que ele apresenta algumas limitações) e não um documento histórico (Pinheiro, 2011, p. 25-26).

Para o desenvolvimento deste trabalho, procedeu-se a uma pesquisa nos bancos de dissertações disponíveis no âmbito nacional do Profletras. Durante o processo, constatou-se a existência de trabalhos que exploram a utilização de recursos audiovisuais. No entanto, observou-se que a maioria desses trabalhos está direcionada para obras específicas, não abrangendo leituras de livros ou declamações de poemas, por exemplo, e tampouco produzindo vídeos desses momentos. Vale destacar que este estudo aborda essa falta, constituindo um exemplo nesse panorama.

No banco de dados das dissertações do Profletras, existem aproximadamente 2.750 (dois mil setecentos e cinquenta) trabalhos. Dentre estes, apenas 5 (cinco) abordam o audiovisual, sendo 2 (dois) com a temática de Reportagem, 1 (um) sobre Notícia, 1 (um) de Resenha no “booktube” e um que explora a leitura do conto de fadas, partindo da escrita e chegando ao audiovisual. Esses dados evidenciam as oportunidades significativas que existem para explorar o audiovisual como uma ferramenta para aprimorar o ensino da literatura, permitindo que os alunos tenham contato com a arte literária de uma maneira inovadora.

Para a elaboração das produções audiovisuais, foi conduzido um levantamento no intuito de identificar quais leituras seriam as mais apropriadas e pertinentes para a criação dos vídeos. Esse estudo foi centralizado na biblioteca Moronguetá, que faz parte do Lelit. Este processo foi conduzido com atenção necessária para garantir que os conteúdos selecionados estivessem alinhados com os objetivos do projeto, proporcionando conhecimento e valor educativo aos alunos.

Para além desta coleta de dados, a produção destas obras também se ancorou em um suporte teórico que engloba as áreas de Estética, leitura e audiovisual. Outros recursos que

foram empregados no decorrer do processo de investigação incluíram a procura por imagens, fotografias, gravuras e composições musicais, a fim de incrementar e intensificar a experiência visual e sonora proporcionada pelos vídeos, de maneira individual.

Após uma intervenção didática, ministrada pela professora/pesquisadora colaboradora desta pesquisa, já citada no início desta seção, houve uma análise sobre o seu relato acerca dos impactos dos vídeos nos alunos, bem como a avaliação dos comentários de alguns estudantes acerca de suas impressões em relação às produções audiovisuais; estes também relatados pela aplicadora dos vídeos.

4 ELABORAÇÃO DO MATERIAL AUDIOVISUAL DIDÁTICO

4.1 Do sonho à organização das produções

Há uma premente necessidade de explorar novas tecnologias e metodologias de ensino-aprendizagem que enalteçam o discente, permitindo que assuma o papel principal em sua própria formação acadêmica. Essas abordagens profissionais têm como objetivo fornecer aos educandos uma experiência de aprendizado mais eficaz e contemporânea.

No contexto do ensino de Língua Portuguesa, a BNCC (Brasil, 2018) aborda essas tecnologias e metodologias de forma mais generalizada, tratando de textos multissemióticos e/ou multimidiáticos.

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da *Web*. [...] Em tese, a *Web* é democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente. Mas se esse espaço é livre e bastante familiar para crianças, adolescentes e jovens de hoje, por que a escola teria que, de alguma forma, considerá-lo? (Brasil, 2018, p. 69).

Também quanto trata de leitura, este documento norteador da educação brasileira aborda a temática:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (Brasil, 2018, p. 71).

Porém no que se refere ao audiovisual, a BNCC (Brasil, 2018, p. 198) aborda essa temática nos conteúdos de Artes, como é o caso do item 2: “Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo **audiovisual**, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações” (p. 198 – grifo nosso). Ou na habilidade: (EF69AR03) Analisar situações nas quais as linguagens das artes visuais se integram às linguagens audiovisuais (cinema, animações, vídeos etc.), gráficas (capas de livros, ilustrações de textos diversos etc.), cenográficas, coreográficas, musicais etc. (p. 206-207).

Por intermédio da execução de diversas estratégias voltadas para fomentar o contato dos alunos com a literatura, tais como a organização de sessões de leitura públicas, recitações

e leituras em voz alta, almeja-se que as produções audiovisuais, concebidas por mim e sob a orientação do educador em sala de aula, ofereçam a esses educandos a oportunidade de explorar narrativas, poemas, contos e outras formas literárias que, anteriormente, lhes eram inacessíveis. Desta maneira, pretende-se contribuir para a ampliação do vocabulário dos estudantes, o aprimoramento de sua expressão verbal, a expansão de seu repertório literário e o estímulo para que se interessem cada vez mais pelo universo da literatura e pelas mudanças que a arte literária pode suscitar em suas vidas.

Conforme Soutto Mayor e Soares (2010) ressaltam, a produção audiovisual no ambiente escolar muitas vezes se restringe a um mero registro de atividades acadêmicas, sem explorar plenamente a linguagem audiovisual apropriada. No entanto, enfatizam a importância de reconhecer o potencial educativo do trabalho com audiovisual, encorajando a sistematização de experiências que enalteçam a produção audiovisual como fruto de uma proposta formativa.

A produção audiovisual no contexto da escola, tradicionalmente, encontra-se vinculada ora ao registro das diversas atividades acadêmicas (ou não...) que fazem parte do cotidiano escolar, ora a propostas (quase sempre em caráter de ‘exercício’) de finalização de experiências pedagógicas. Estas se veem, muitas vezes, ‘tentadas’ a assegurar – na forma da linguagem audiovisual – uma espécie de “documento”, no qual se materializem, em imagens, palavras e sons, os aspectos centrais do percurso feito ao longo do desenvolvimento das atividades propostas por essas experiências (Soutto Mayor; Soares, 2010, p. 209-210).

O presente estudo almeja abordar de forma mais abrangente os aspectos da linguagem audiovisual, não se limitando apenas aos aspectos técnicos, os quais, aliás, serão praticamente negligenciados, especialmente no que se refere à captura direta das atividades pedagógicas. Demonstrar que é viável realizar produções no âmbito de uma proposta formativa, levando em consideração os conhecimentos adquiridos no processo, foi o propósito das produções audiovisuais realizadas no âmbito deste trabalho.

O desdobramento da produção audiovisual teve início mediante a seleção dos textos destinados a integrar o acervo dos vídeos a serem concebidos. Este acervo englobava peças de natureza narrativa, bem como composições poéticas. Após um criterioso processo de seleção, um total de 5 (cinco) vídeos foram meticulosamente produzidos e aplicados aos alunos.

Inicialmente, cogitou-se a elaboração dos vídeos em conformidade com diversas abordagens, como a captação em vídeo de uma pessoa recitando poesia em um cenário preestabelecido que, de certa forma, guardasse relação com o conteúdo textual. Entretanto, constatou-se que a adoção de uma única abordagem seria mais eficaz, sendo a captura de tela de apresentações de *slides* a alternativa selecionada.

Posteriormente, dedicou-se à seleção de imagens e trilhas sonoras (sempre instrumentais, prescindindo da presença de letras, a fim de não interferir na narrativa/recitação) destinadas a cada produção, sempre considerando a estética do material e assegurando que dialogassem de forma congruente com a obra abordada.

Cabe ressaltar que foi utilizado como aplicativo o *Impress* do *LibreOffice*, que é semelhante ao *PowerPoint*, do *Office*. Tal aplicativo possui recursos de animação dividido em categoria, podendo ser “entrada”, “ênfase”, “saída”. E está subdividida em “efeito”, “iniciar”, “direção”, “duração” e “atraso”. Tudo isso se refere à maneira como imagem se movimenta na apresentação.

Em continuação à elaboração das produções audiovisuais, procedeu-se à seleção das configurações dos arquivos em relação ao “formato” (tela 16:9) e à “orientação” (paisagem), estabelecendo este padrão para todos os vídeos; contudo, o “plano de fundo” varia a cada página do arquivo. Em seguida, deu-se início à edição das imagens e dos textos incorporados, seguindo-se pela introdução da animação em cada elemento das lâminas. Posteriormente, definiu-se com precisão a transição de *slides*, assegurando sua aplicação a todas as lâminas, todavia, optou-se por configurar o avanço de *slide* para o próximo, “ao clicar” do usuário. Para concluir o processo de montagem, inseriu-se a trilha sonora na primeira lâmina, selecionando a opção “Reproduzir até o próximo som”. Ressalta-se que em determinadas produções foi necessário empregar mais de uma faixa musical ou repetir a mesma, procedimento este realizado ao longo dos *slides*.

No primeiro *slide*, sempre foi inserido o título do poema ou da narrativa juntamente ao nome do seu autor, acompanhados por uma imagem apropriada. A partir do segundo, as imagens e os textos foram integrados, levando em consideração a tipologia textual.

Após a elaboração dos *slides*, a apresentação foi configurada para o modo de tela cheia e foi realizada a captura de tela (por meio do recurso do próprio computador), momento em que ocorre a “leitura” do texto.

Cumprе salientar que nenhuma dessas produções pode ser abordada de forma isolada. Antes de exibir o vídeo, o professor deve proferir uma introdução, apresentar o livro relacionado, explorar a temática, fazer uso de uma variedade de materiais disponíveis sobre cada vídeo, discorrer sobre a música e o compositor, as imagens utilizadas, seus pintores e ilustradores, transmitir o máximo de conhecimento aos alunos, a fim de que estes possam verdadeiramente vivenciar a arte em todas as suas manifestações. Abrindo, assim, novos horizontes artísticos.

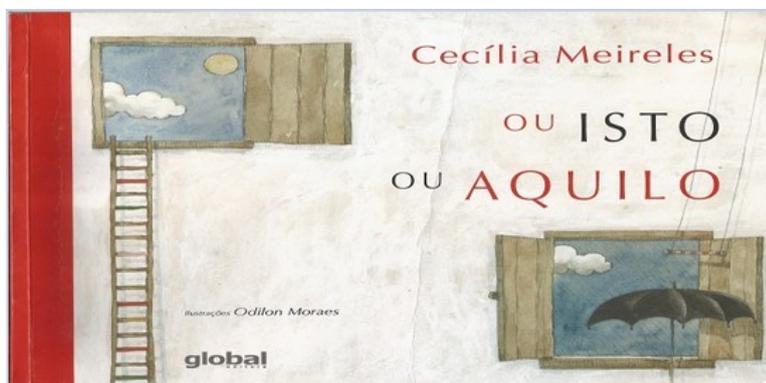
4.2 Vídeo a vídeo

A partir deste ponto em diante, o processo de criação de cada vídeo será meticulosamente descrito, respeitando a ordem cronológica de produção e com grande atenção aos detalhes.

4.2.1 A Bailarina

Este vídeo foi produzido com base no poema de título homônimo, de autoria de Cecília Meireles¹, presente na obra “Ou isto ou aquilo”, publicada pela Editora Global em 2012, em sua 7ª edição e ilustrada por Odilon Moraes².

Figura 1 – Capa do livro “Ou isto ou aquilo”



Fonte: Meireles (2010)

O exemplar em questão tem forma retangular horizontal, apresenta uma capa dura com ilustrações de textura palpável, enquanto suas páginas internas são feitas de papel *couché*, conferindo um leve brilho às imagens.

¹ **Cecília Meireles** ou **Cecília Benevides de Carvalho Meireles** (Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1901 — Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1964) foi uma jornalista, pintora, poeta, escritora e professora brasileira. É um nome canônico do modernismo brasileiro, uma das grandes poetas da língua portuguesa e é amplamente considerada a melhor poeta do Brasil, pois que tenha combatido a palavra *poetisa* por causa da discriminação de gênero que apenas depunha outras artistas, como se houvesse caminhos distintos para um poeta. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cec%C3%ADlia_Meireles&oldid=68114403. Acesso em: 13 jun. 2024.

² **Odilon Moraes** nasceu em 1966, em São Paulo. Com poucos meses de idade, mudou-se com a família para o interior do estado. Lá viveu até entrar na faculdade, quando voltou à capital. cursou arquitetura, mas sua paixão por livros e desenhos (bem como uma boa dose de acasos) o levou a trabalhar com ilustração de livros. Já recebeu prêmios como o Jabuti e o Adolfo Aizen, prêmio da União Brasileira de Escritores. Em 2002, a Companhia das Letrinhas publicou *A princesinha medrosa*, o primeiro livro que Odilon, além de ilustrar, escreveu. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/00762/odilon-moraes>.

A Bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.
Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
Mas inclina o corpo para cá e para lá

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda, com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.

Cecília Meireles

O presente texto fala a respeito de uma criança aspirante à bailarina, a qual, apesar de não possuir conhecimento formal sobre notas musicais, demonstra proficiência em posições de balé e familiaridade com os adereços utilizados por profissionais da dança. Esta narrativa poética é enriquecida por uma seleção de imagens, cuidadosamente escolhidas, que ilustram o universo do balé com uma ênfase particular nos bastidores e apresentações, capturando a essência e a delicadeza dos movimentos e indumentárias característicos desta arte.

Para a realização deste projeto, a captura de tela teve um tempo de 3 minutos e 22 segundos e empregou-se uma série de 16 *slides*, que foram elaborados utilizando-se imagens de quadros e esculturas de Edgar Degas³, que é reconhecido por sua habilidade em capturar a essência do balé, através de suas obras, e oferece um pano de fundo estético e simbólico que complementa e dialoga de maneira harmoniosa com o poema, sem incorrer na obviedade.

A trilha sonora escolhida para acompanhar a apresentação foi “Suíte O Lago dos Cisnes (Scene I)”, uma obra clássica e consagrada de P. I. Tchaikovsky⁴, interpretada pela

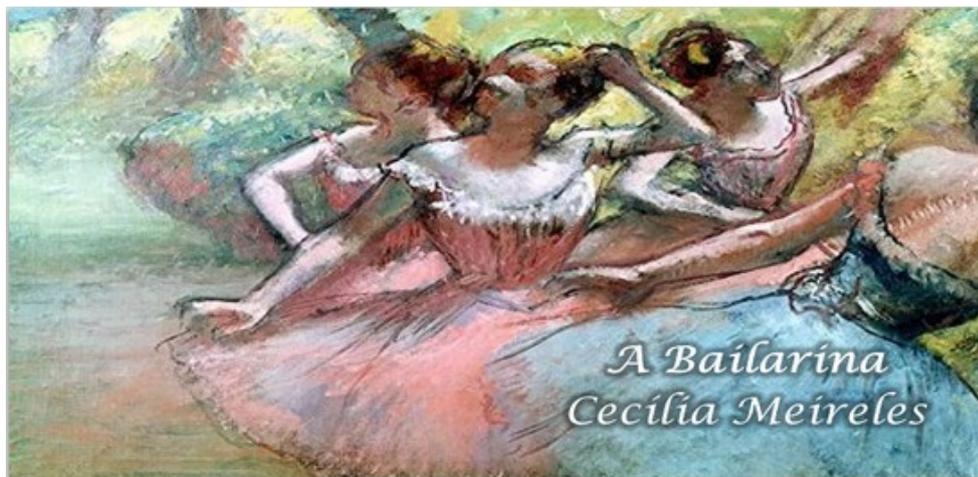
³ **Hilaire Germain Edgar Degas:** conhecido como Edgar Degas (Paris, 19 de julho de 1834 — Paris, 27 de setembro de 1917), foi um pintor, gravurista, escultor e fotógrafo francês. É conhecido, sobretudo, pela sua visão particular do mundo do balé, sabendo captar os mais belos e sutis cenários. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Degas

⁴ **Piotr Ilitch Tchaikovski:** Nasceu em Vótkinsk, 7 de maio de 1840 – faleceu em São Petersburgo, 6 de novembro de 1893 (segundo o calendário gregoriano), foi um compositor russo do período romântico, cujas obras estão entre as mais populares do repertório clássico. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Piotr_Ilitch_Tchaikovski

Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte. Esta peça, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Od2uV2kX7E0>, foi selecionada tendo em vista sua relevância no repertório clássico de balé, ressoando com os temas e emoções retratados pelo poema. A escolha desta composição visa a não apenas enriquecer a experiência auditiva dos espectadores, mas também estabelecer um vínculo educativo, incentivando os alunos a explorarem a intersecção entre música e poesia, além de promover um apreço pela composição musical.

No que se refere à técnica utilizada para a transição entre *slides*, optou-se pelo efeito “dividir” na modalidade “vertical”. Este efeito particular permite que a tela se divida ao meio verticalmente, movendo-se em direção as laterais. Nos *slides* que apresentam textos, as imagens ficam fixas, apenas o elemento com texto, que foi inserido em todas as lâminas como “figura com transparência”, recebeu animação que para todos eles segue a “categoria” de “entrada”, com uma subdivisão de “iniciar”, configurada para “após anterior”, e uma duração estabelecida entre 2 e 3 segundos. Este método garante uma apresentação fluida e coesa dos *slides*, em que cada elemento é revelado, sequencialmente, após a transição do *slide* anterior ou o movimento do elemento precedente. É importante ressaltar que, para páginas que não contêm texto, optou-se pela mesma mecânica de animação, proporcionando uniformidade e coesão ao conjunto da apresentação. Importante mencionar que cada lâmina apresenta um modelo de “efeito” na animação.

Figura 2 – *Slide 1* da produção *A Bailarina*



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/edgar-degas-e-as-bailarinas/>

A figura contendo o texto recebeu animação de “efeito” na modalidade “catavento”, que é assim chamado devido à sua semelhança com o movimento giratório do objeto homônimo. A fim de criar um momento de antecipação e aumentar o impacto visual da apresentação, foi introduzido um “atraso” deliberado de 3 segundos. Este intervalo foi

cuidadosamente calculado para possibilitar que, inicialmente, a atenção do espectador seja capturada pela imagem de fundo, estabelecendo, assim, um contexto visual. Após este período, o texto emerge de forma dinâmica, completando a composição.

A fonte de onde se originou tal achado visual informa o nome da obra como sendo “Desenhar uma composição em movimento”. Esta escolha não foi somente estética, mas também conceitual, refletindo o desejo de evocar a sensação de movimento e fluidez dentro do espaço digital, em harmonia com o tema escolhido.

Figura 3 – *Slide 2* da produção A Bailarina



Fonte: <http://www.artenarede.com/cecilia-a-bailarina-que-nao-gostava-de-sol/>

A imagem escolhida recebe o título de “Danseuse en blanc”, ilustrando uma técnica de desenho e pastel datada de 1877, conforme especificado no *website* de onde foi extraída. No presente *slide*, uma figura de tonalidade similar ao fundo da imagem à esquerda foi estrategicamente posicionada à direita, com o propósito de ampliar as dimensões do desenho no plano horizontal. A animação foi exclusivamente aplicada ao texto, utilizando o mesmo “efeito” presente no slide inicial.

Figura 4 – Slide 3 da produção A Bailarina



Fonte:

https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEhTguCUkTPJVmusMs2IZkrpx8YRKi_JLCSPQz6ohmDbw8LfwUZEKzOVnrxyE3PtK_9y1ZdxEBjPmxtYZdScww3mbX2x8v0e6wQdDKVzTqjZTYNxcnho12guRKT3Y4UGSglqKKo27rhd2hG/s1600/b0.jpg

O recorte exibido focaliza exclusivamente as duas esculturas – que fazem parte da trilogia de Degas – posicionadas à direita na obra. A representação da bailarina de costas, que também integra a composição, foi deliberadamente omitida nesta apresentação. É importante ressaltar que neste slide, em particular, não foi empregada nenhuma forma de animação.

Figura 5 – Slide 4 da produção A Bailarina



Fonte: <https://santhatela.com.br/edgar-degas/degas-bailarinas-de-rosa/>

No âmbito da obra intitulada “Bailarinas de rosa”, destaca-se, no quarto slide, a figura central da pintura. Neste contexto, foi implementada uma animação com o efeito de “expandir”, mediante o elemento em questão, que aumenta, progressivamente, de tamanho. É relevante salientar que esse efeito não contempla a possibilidade de seleção de uma “direção” específica.

Figura 6 – Slide 5 da produção A Bailarina



Fonte: <https://www.posterlounge.pt/artistas/edgar-degas/>

Outra imagem recortada da obra original foi selecionada, desta vez com foco na parte inferior para a composição do slide. A animação utilizada foi o “efeito quicar”, proporcionando um efeito de saltos ao entrar, evocando a graça de uma bailarina em movimento, da obra intitulada “Dois dançarinos no palco.”

Figura 7 – Slide 6 da produção A Bailarina



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/26177241579064928/visual-search/?x=16&y=16&w=343&h=468&cropSource=6&surfaceType=flashlight>

No *slide 6*, a montagem foi realizada com precisão em editor de imagem externo, e a figura foi inserida como preenchimento de uma elipse vertical em um fundo preto. Duas categorias foram empregadas: uma de entrada, com o efeito “surgir” vindo da direita superior, e outra de saída, com o efeito “sair” indo para a esquerda superior e com um atraso de 1 segundo. Essas animações sugerem a imagem de uma bailarina executando saltos altos em

uma apresentação, entrando do alto à direita e saindo em seguida para o alto à esquerda. A pintura de Edgar Degas é intitulada “Inclinação”.

Figura 8 – Slide 7 da produção A Bailarina



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fin_d%27arabesque_d%27Edgar_Degas_%28Mus%C3%A9e_d%27Orsay,_Paris%29_%2825454799577%29.jpg?uselang=pt-br

Neste *slide 7*, com a imagem intitulada “Fin d'arabesque”, apresenta-se uma pintura a óleo e pastel sobre tela. A imagem foi duplicada e uma delas foi invertida, criando um reflexo da original, no qual a bailarina segura um buquê com a mão direita. O texto é introduzido com o efeito “surgir” vindo da direita, deslocando-se para a esquerda, ficando centralizado.

Figura 9 – Slide 8 da produção A Bailarina



Fonte: <http://www.artenarede.com/a-bailarina-de-tutu-amarelo/>

A pintura de Degas intitulada “Leçon de dance”. A figura original foi recortada destacando-se a parte superior. O texto é posicionado no canto superior esquerdo para melhor visualização da bailarina. Foi aplicada a animação com efeito de “círculo” direcionado para fora, permitindo que o texto apareça gradualmente, à medida que o círculo se forma, iniciando do centro e se expandindo para as laterais.

Figura 10 – Slide 9 da produção A Bailarina



Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Edgar-Degas/1466413/Ballet-ou-A-Estrela-ou-Bailarina-no-palco.html>

No endereço eletrônico, é possível identificar a pintura que pode ser intitulada por “Ballet” ou “A Estrela” ou “Bailarina no palco”. A seção central da imagem foi escolhida estrategicamente para destacar a graciosa bailarina rodopiando pelo palco. A animação do texto possui o “efeito” de “rotação” com a “direção” na vertical. Essa escolha proporciona ao texto um movimento rotatório, alternando entre a exibição em posição original e a exibição espelhada, fixando-se posteriormente na posição original.

Figura 11 – Slide 10 da produção A Bailarina



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/La_Petite_Danseuse_de_Quatorze_Ans

A representação visual contida neste slide corresponde a uma das esculturas pertencentes à trilogia intitulada “La Petite Danseuse de Quatorze Ans”, cuja tradução é “A pequena dançarina de quatorze anos”. A animação empregada utiliza o recurso visual conhecido como “efeito de cunha”, o qual se caracteriza pela progressiva abertura circular da imagem, tendo seu início no centro superior e sua conclusão na região central inferior da figura.

Figura 12 – Slide 11 da produção A Bailarina



Fonte: <https://www.redbubble.com/es/i/lamina-fotografica/Edgar-Degas-Two-Dancers-amarillo-rosa-de-VintageArchive/73086366.6Q0TX>

No presente slide, foi utilizada a imagem original que identifica a obra como “Dos bailarines de ballet vestidos de amarillo y rosa”. A animação do texto exhibe o “efeito” de emergir com uma “direção” conhecida como “de baixo”. Através deste estilo de animação, o

texto aparece na apresentação ascendendo a partir da parte inferior do slide, de forma gradual e fluida, garantindo uma transição elegante e sincronizada.

Figura 13 – Slide 12 da produção A Bailarina



Fonte: <https://pt.artsdot.com/@/8EWF4W-Edgar-Degas-Dan%C3%A7arino-no-palco-com-um-boquete>

Uma figura foi cuidadosamente selecionada, utilizando-se apenas a parte central, com o intuito de compor a presente lâmina de maneira graciosa e harmoniosa. O título atribuído a essa magnífica obra é “Dançarino no palco com um buquê”, conforme devidamente identificado na página eletrônica mencionada. Para conferir dinamismo e vitalidade ao texto, optou-se pela aplicação do “efeito” de “rotação”, sendo a “direção” selecionada de forma horizontal. Tal escolha resulta na entrada do elemento na imagem, girando suavemente por três vezes – de cima para baixo, de baixo para cima e novamente de cima para baixo – a partir do centro, na posição previamente configurada (alto à esquerda).

Figura 14 – Slide 13 da produção A Bailarina



Fonte: <https://replicarte.com.br/products/dancarina-ajustando-sua-sandel-edgar-degas-5710>

Para a elaboração deste *slide*, procedeu-se com a duplicação da imagem, seguida da inversão horizontal, com o propósito de engendrar um efeito de espelhamento, assemelhando-se a duas bailarinas posicionadas uma em frente à outra. Sob o título “Dançarina ajustando sua sandália”, conforme indicado na referida ligação. No que se refere ao texto, foi empregada a animação com o efeito intitulado “surgir”, sendo a “direção” selecionada a partir da esquerda.

Figura 15 – *Slide* 14 da produção A Bailarina



Fonte: <https://www.posterlounge.pt/artistas/edgar-degas/>

A obra “O descanso de duas bailarinas” foi utilizada na composição deste *slide*. A figura com o texto recebeu a animação de “efeito” chamada “aparecer de relance”, com a “direção” definida como “de cima”. Nessa animação, cada elemento aparece na apresentação, descendo individualmente, linha por linha.

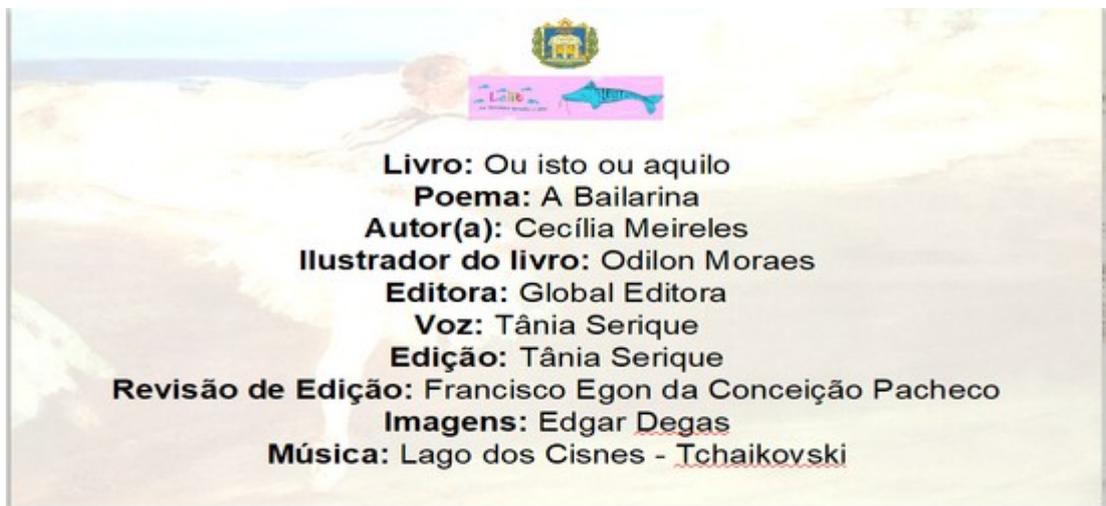
Figura 16 – *Slide* 15 da produção A Bailarina



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/edgar-degas-e-as-bailarinas/>

Encerrando o poema, apresenta-se a notável pintura de Edgar Degas, intitulada “A aula de dança”. A referida imagem foi submetida à edição adicional e incorporada como elemento de preenchimento em uma figura elíptica, disposta horizontalmente sobre um fundo preto. Após a inserção dessa composição no *slide*, procedeu-se com a configuração da animação, utilizando o efeito de “aparecer” com um adicional de “atraso” de 2 segundos. Durante esse intervalo, a tela permanece em negro devido à escolha de plano de fundo para esta apresentação. Este momento assinala o término da recitação, embora não marque o encerramento do vídeo, o qual será concluído somente após a exibição do *slide* contendo os créditos finais.

Figura 17 – *Slide*16 da produção A Bailarina



Fonte: Serique (2023)

O *slide* de encerramento do vídeo constitui uma peça de fundamental importância, servindo como uma homenagem a todos aqueles que desempenharam papéis essenciais na concepção e realização do projeto em questão. Este *slide* se inicia com a exibição de um elemento de suma importância e significado: o brasão da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), simbolizando não apenas a instituição de ensino, mas também o compromisso com a excelência acadêmica e a pesquisa. Em sequência, apresenta-se a logomarca do Lelit, outro elemento de grande relevância, que reflete a dedicação ao estudo, à inovação e à disseminação do conhecimento.

Prosseguindo, o *slide* oferece reconhecimento: ao autor do livro, ao ilustrador, à editora responsável pela publicação e disseminação da obra, e não menos importante, a voz narrativa, cuja interpretação vocal imprimiu vida e emoção à história, contribuindo significativamente para a experiência do ouvinte e aprofundamento da narrativa.

Além disso, é indispensável reconhecer a contribuição do editor, figura-chave na montagem e organização dos *slides*, bem como a do revisor editorial, que engloba desde a

escolha criteriosa de fontes até a atenção aos detalhes técnicos, assegurando a qualidade final do projeto. Estes profissionais são aclamados por seu papel crucial no desenvolvimento e aprimoramento do projeto, evidenciando a importância da colaboração e do rigor técnico na produção de materiais de qualidade.

Por fim, mas não menos relevante, a música, com sua identificação precisa pelo nome e compositor, é destacada por seu impacto na atmosfera e no apelo emocional da apresentação. A escolha musical não é meramente decorativa; ela desempenha um papel fundamental em envolver o espectador, intensificando a experiência narrativa e enriquecendo a apresentação como um todo.

Este *slide* de encerramento, portanto, não se limita a cumprir uma função protocolar ou burocrática; ele serve como um tributo eloquente e um registro formal dos esforços colaborativos e do comprometimento de todos os indivíduos e instituições envolvidos. Ressalta-se que esta prática de reconhecimento e valorização dos colaboradores é uma constante em todas as produções realizadas, evidenciando um padrão, e a importância atribuída ao crédito devido a cada contribuinte indispensável na jornada criativa e educacional.

4.2.2 Leilão de Jardim

A realização da segunda produção audiovisual centrou-se na interpretação e adaptação do poema “Leilão de Jardim”. Este poema, extraído da mesma fonte literária que inspirou o primeiro vídeo, serviu como pedra angular para o desenvolvimento do projeto. A produção estende-se por um período de três minutos e cinco segundos, buscando inovar na apresentação visual e auditiva do conteúdo.

Para tal empreendimento audiovisual, tomou-se a decisão de selecionar como cenário as obras de Van Gogh⁵, cuja estética é amplamente reconhecida e incontestável. Não obstante, a escolha artística não se limitou a este pintor; optou-se também por incorporar obras de Henri Matisse⁶, que é considerado o principal representante do *Fauvismo*, movimento artístico que

⁵ **Vincent Willem Van Gogh:** Nasceu em Zundert, em 30 de março de 1853 (—aleceu em uvers-sur-Oise, 29 de julho de 1890), foi um pintor pós-impressionista neerlandês. Considerado uma das figuras mais famosas e influentes da história da arte ocidental, criou mais de dois mil trabalhos ao longo de pouco mais de uma década, incluindo 860 pinturas a óleo, grande parte das quais, concluídas nos seus últimos dois anos de vida. As suas obras incluem paisagens, natureza-morta, retratos e autorretratos, caracterizados por cores dramáticas e vibrantes, além de pinceladas impulsivas e expressivas, que contribuíram para as fundações da arte moderna e trouxeram distinção para o estilo do pintor. **Disponível em:** https://pt.wikipedia.org/wiki/Vincent_van_Gogh.

⁶ **Henri-Émile-Benoît Matisse:** Nasceu em Le Cateau-Cambrésis, em 31 de dezembro de 1869 e—morreu em Nice (, de novembro de 1954), foi um artista francês, conhecido por seu uso da cor e sua arte de desenhar, fluida e original. Foi um desenhista, gravurista e escultor, mas é principalmente conhecido como um pintor. Matisse é considerado, juntamente com Picasso e Marcel Duchamp, como um dos três artistas seminais do século XX, responsável por uma evolução significativa na pintura e na escultura. **Disponível em** https://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_Matisse.

surgiu no início do século XX, um dos primeiros movimentos de vanguarda, cuja paleta é um arco-íris vívido, e a peculiaridade de suas formas oscila entre o abstrato e o concreto, que complementam a narrativa poética.

No quesito musical, a escolha recaiu sobre a peça “Rancheira”, uma obra do ilustre Sebastião Tapajós⁷, compositor e violonista oriundo de Alenquer, no estado do Pará, cuja reputação transcende as fronteiras do Brasil. Esta composição instrumental, caracterizada pelo dedilhado preciso e melódico do violão, foi selecionada por sua capacidade de, simultaneamente, orquestrar o ritmo do leilão e acompanhar a declamação do poema. A interação entre a música, a poesia de Cecília Meireles e as artes visuais escolhidas promove uma experiência estética única, convidando os alunos a imergirem numa jornada através da arte.

Em suma, este projeto representa um esforço colaborativo e interdisciplinar, visando não apenas à celebração da obra literária de Cecília Meireles, mas também à exploração sinérgica entre poesia, pintura e música. Através desta produção, busca-se não só homenagear o legado dos artistas envolvidos, mas também oferecer aos estudantes uma experiência enriquecedora e reflexiva sobre a arte e sua capacidade de evocar emoções, despertar sensibilidades e transcender as barreiras do convencional.

No que tange à tipologia utilizada, procurou-se uma fonte que não apenas espelhasse o dinamismo e a efervescência de um leilão, mas que também evocasse os encantos velados e a magia intrínseca dos jardins. A escolha orientou-se por uma simulação de escrita manuscrita, conferindo um toque de autenticidade e proximidade ao projeto. Então a favorecida foi a que tem por nome “Mistral”, da qual se alterou a cor, o tamanho e se considerou ter ou não sombra. Além disso, os efeitos visuais e a disposição dos versos ao longo dos *slides* foram cuidadosamente trabalhados, de modo a criar uma experiência imersiva e cativante para o espectador.

Para a produção em questão, tomou-se a decisão de empregar a técnica de transição de slides denominada “brilhar”, selecionando-se uma duração de três segundos para o efeito. Essa escolha meticulosa permite que o efeito visual se manifeste de maneira suave, deslocando-se da esquerda para a direita, e criando uma experiência visual que remete à estrutura hexagonal característica de favos de mel.

⁷ **Sebastião Pena Marcião**: nasceu na cidade de Alenquer, em 16 de abril de 1943 — faleceu na cidade de Santarém, em 2 de outubro de 2021, foi um violonista e compositor brasileiro. **Disponível em:** https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o_Salgado.

Leilão de Jardim

Quem me compra um jardim com flores?
 Borboletas de muitas cores,
 lavadeiras e passarinhos,
 ovos verdes e azuis nos ninhos?

Quem me compra este caracol?
 Quem me compra um raio de sol?
 Um lagarto entre o muro e a hera,
 uma estátua da Primavera?

Quem me compra este formigueiro?
 E este sapo, que é jardineiro?
 E a cigarra e a sua canção?
 E o grilinho dentro do chão?

(Este é o meu leilão.)

Cecília Meireles

O texto em questão explora os elementos distintivos encontrados em um jardim, os quais o eu lírico planeja alienar por meio de um leilão. Ao longo da narrativa, podemos observar a descrição dos detalhes que compõem esse ambiente natural, ressaltando a intenção do protagonista de se desfazer desse patrimônio por meio de uma transação comercial formal e pública.

Um dos propósitos do vídeo é proporcionar aos estudantes a visualização de como deve ser executada a declamação de um poema, assim como promover o desenvolvimento das habilidades de identificação de rimas e percepção do ritmo, fundamentais para a apreciação e produção literária. Espera-se que esse conhecimento leve os alunos a uma compreensão mais aprofundada da estrutura e da essência da poesia.

Figura 18 – Slide 1 da produção Leilão de jardim



Fonte: <https://artecartistas.com.br/biografia-de-henri-matisse-e-sua-obra/>

A abertura da presente produção audiovisual exhibe um recorte preciso da obra de Matisse, que utilizou a técnica de colagem de 1952, intitulada “La Perruche ET la Sirene”. Para o plano de fundo, optou-se por uma tonalidade azul-acinzentada. A figura em destaque passou por ajustes de cor em um *software* de edição externo e foi posicionada à direita. Sua entrada é marcada por uma transição da direita, com duração de 3 segundos e sem atraso. As animações aplicadas aos textos foram essencialmente as mesmas, com a única variação sendo a direção de surgimento, que foi de baixo para cima, e o tempo de exibição do título do poema, fixado em 2 segundos, sem atraso para ambos os textos.

A seleção desta obra se deu em virtude da semelhança das figuras com folhagens, frutas e borboletas. Dessa forma, busca-se que os jovens também percebam esses elementos e mergulhem no universo dos jardins desde os primeiros instantes.

Figura 19 – Slide 2 da produção Leilão de jardim

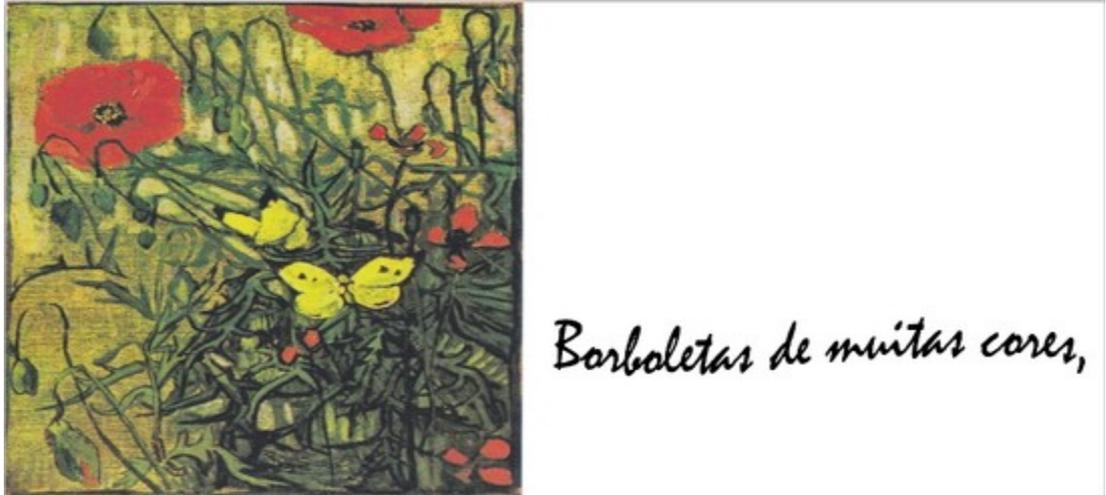


Fonte: <https://arteatevoce.com/henri-matisse-pintando-com-a-tesoura/>

A lâmina número dois da apresentação em foco revela, por meio de uma imagem fotografada, o instante em que uma jovem, dedica-se à contemplação de uma obra de arte previamente introduzida no *slide* número um. E, de acordo com as informações obtidas na fonte em questão, a pintura que captura a atenção da jovem é denominada “O periquito e a sereia”, uma criação do ano de 1952, assinada por Henri Matisse.

No que diz respeito aos aspectos técnicos da apresentação, o texto incorporado nesta mesma lâmina é enriquecido com animações identificadas pelos termos “surgir” e “de baixo”; operam de maneira tal que o texto emerge gradualmente na parte inferior do slide, ascendendo até alcançar a altura da cintura da observadora.

Figura 20 – *Slide 3* da produção *Leilão de jardim*



Fonte: <<https://www.arteeblog.com/2015/01/serie-van-gogh-borboletas.html>>.

A imagem deste *slide* é uma pintura do renomado Vincent Willen Van Gogh, que faz parte de uma série de quadros os quais têm como tema borboletas. Tal figura é formada na apresentação por meio de diversos quadrinhos, com uma duração de 3 segundos. Possuindo uma leve ondulação e tendo também, a mesma duração, o texto surge pela direita embaixo, logo após a imagem anterior ser formada.

Figura 21 – *Slide 4* da produção *Leilão de jardim*



Fonte: <https://www.metropoles.com/entretenimento/exposicao/caixa-cultural-recebera-obras-de-matisse-em-outubro>

A figura que ilustra o quarto *slide* foi concebida utilizando a técnica de colagens em papéis coloridos com guache. Está relacionada, de alguma forma, ao universo do *jazz* e compõe o livro “Jazz”, escrito pelo próprio Matisse. As animações utilizadas, nesse trecho, foram para a figura o efeito quadriculado com uma direção “através”. Enquanto o texto surge

junto à imagem do esquerdo superior seguindo até se posicionar de forma centralizada em posição inferior da página.

Figura 22 – Slide 5 da produção Leilão de jardim



Fonte: <https://pt.wahooart.com/@/8XY7HM-Henri-Matisse-O-caracol>

Denominada “O Caracol”, a obra de Matisse foi utilizada para ilustrar esta lâmina. Com as animações de roda com 4 raios para a figura e surgir com o anterior da direita embaixo, o slide 5 é formado. Nessas animações, imagem e texto adentram simultaneamente ao vídeo. Enquanto a figura vai sendo formada pelos raios que surgem em cruz, o texto vem da direita inferior se posicionando embaixo à esquerda.

Figura 23 – Slide 6 da produção Leilão de jardim



Fonte: <https://pt.wallpapers.com/papeis-de-parede/semeador-van-gogh-com-sol-poente-hp6fhu6wtzldtw9t.html>.

Ao revisitar a obra de Vincent Van Gogh, somos confrontados com a emblemática pintura “Semeador com o sol poente”, um trabalho artístico repleto de significados simbólicos. Em uma análise detalhada da composição, observa-se a imagem, que mantém sua posição estacionária, contrastando com a escrita, que emerge sutilmente do canto superior direito e encontra sua morada final no canto inferior direito da tela.

No que se refere à escolha desta peculiar tela *vangoghiana*, se deve à representação do Astro rei, que, apesar do título nos induzir a contemplar o crepúsculo, a ambiguidade na pintura permite interpretações que vão além, podendo ser vista como a alvorada de um novo dia., sugerindo ciclos de renovação.

O objetivo da escolha desta tela é inspirar uma apreciação e um diálogo contínuo entre o observador e a tela, tornando a experiência estética uma jornada introspectiva e enriquecedora, levando o jovem espectador à percepção do poder transformador da arte.

Figura 24 – Slide 7 da produção Leilão de jardim



Fonte: <https://santhatela.com.br/vincent-van-gogh/van-gogh-jardim-iris/>

No *slide* 6, a apresentação é enriquecida pela inclusão da obra “Jardim-Íris”, de Vincent Van Gogh. Esta imagem é incorporada utilizando a mesma técnica de animação aplicada anteriormente no *slide* 4, o que proporciona uma consistência visual à apresentação. O texto correspondente é introduzido pelo lado direito e se posiciona na parte inferior esquerda, adjacientemente à imagem.

A peça em questão, que pode ser uma representação da primavera, destaca-se por sua paleta de cores atípica, na qual as pétalas azuis das íris agregam uma dimensão de singularidade e originalidade à cena. Esta escolha cromática não só confere à obra um caráter distintivo, como também pode provocar um impacto emocional no observador, evocando

sentimentos de frescor e, paradoxalmente, de nostalgia. Esta interação de sentimentos é intensificada pelo contraponto visual oferecido pela presença vibrante de girassóis ao fundo. Dessa forma, Vincent Van Gogh nos presenteia com uma visão única da primavera, que desafia as convenções e enriquece nossa percepção da natureza.

Figura 25 – Slide 8 da produção Leilão de jardim



Fonte: <https://www.pamono.es/henri-matisse-las-mil-y-una-noches-elle-vit-aparaitre-colgante-la-nuit-1950-litografia-original>

O renomado artista Matisse presenteia-nos com sua obra “Las mil y una noches: Elle vit apairatre colgante la nuit”, uma litografia abstrata, destacada no *slide* 8. A escolha desta imagem para o *slide* foi cuidadosamente ponderada, evocando a agitação frenética de um formigueiro e justificando plenamente sua inclusão neste contexto.

A composição pictórica desdobra-se de maneira fluida da esquerda para a direita, preenchendo progressivamente o espaço visual do vídeo. Enquanto isso, o texto emerge da parte inferior do *slide*, posicionando-se habilmente logo abaixo dos vibrantes detalhes coloridos da obra de arte.

Figura 26 – Slide 9 da produção Leilão de jardim

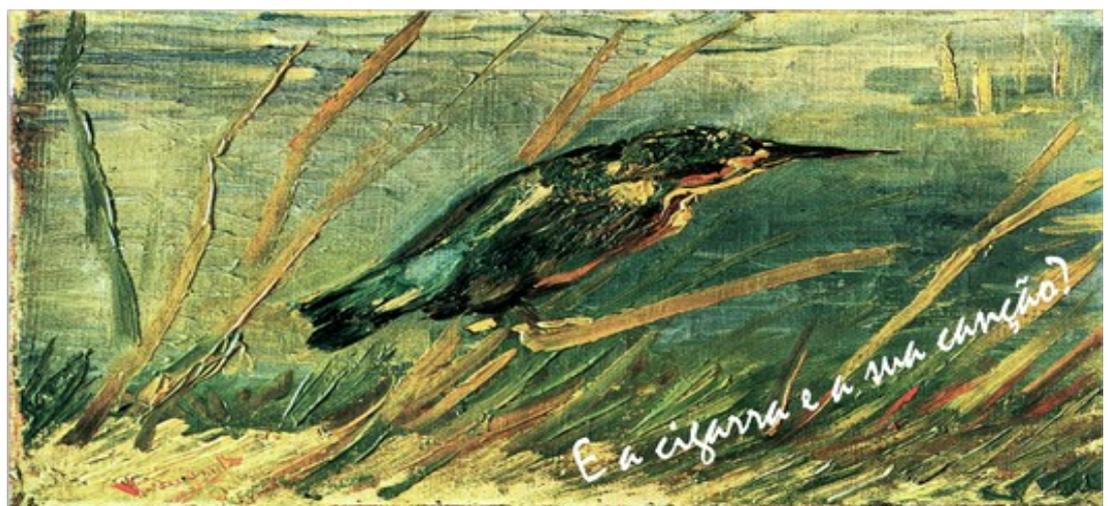


Fonte: <https://artslife.com/2018/04/24/henri-matisse-pittura-in-movimento-forte-di-bard-teatro-odalische-jazz/>

Henri Matisse concebe a presente composição da qual a representação visual surge na tela gradativamente, apresentando-se primeiro através de um círculo que se expande do centro em direção às bordas, seguido pela aparição do texto em um discreto semicírculo, proveniente da parte superior, cessando sua movimentação ao adentrar completamente a tela.

Por meio desta imagem, a intenção era de instigar questionamentos: Onde estaria o sapo? Qual seria sua localização? É evidente que esta representação não remete diretamente ao habitat do anfíbio que está sendo marginalizado. E foi precisamente esse o propósito por trás do uso desta obra – escapar do convencional.

Figura 27 – Slide 10 da produção Leilão de jardim



Fonte: <https://replicarte.com.br/products/the-kingfisher-vincent-van-gogh-10669>

A renomada obra de Vincent Van Gogh, intitulada “The kingfisher”, é destacada no décimo *slide*. A utilização de animações permite que a imagem entre suavemente pela parte

inferior da tela. Após a conclusão da entrada da figura, o texto surge do canto superior esquerdo, deslocando-se até a parte inferior direita.

Em contraste com a imagem precedente, neste caso, optou-se por um elemento que simboliza a harmonia da natureza, retratando, em particular, uma ave; e as tonalidades evocam a serenidade de um jardim ao entardecer.

Figura 28 – Slide 11 da produção Leilão de jardim



Fonte: <https://pt.wahooart.com/@/8YDHRE-Vincent-Van-Gogh-A-%C3%A1rvore-de-amoras>

A obra “Árvore de Amoras” é retratada nesta peça. A fusão desta obra com o verso do poema incita uma reflexão: “Onde está o grilo?”. A resposta surge ao perceber que ele se encontra escondido entre as folhagens. A pintura se revela após o movimento horizontal das venezianas, enquanto o texto penetra na tela a partir da parte superior, situando-se no centro da composição.

Figura 29 – Slide 12 da produção Leilão de jardim



Fonte: <https://artecartistas.com.br/biografia-de-henri-matisse-e-sua-obra/>

A obra “A Tristeza do Rei”, de Henri Matisse, é uma pintura que demonstra a utilização das técnicas de colagem e tinta gauche. Embora à primeira vista possa não parecer representar um jardim, é possível identificar figuras que remetem a folhas (como os losangos amarelos).

A pintura ganha vida no vídeo, com a formação de inúmeros quadrados dispostos de maneira aleatória, criando a ilusão de que ela está se dissolvendo. Após a composição da imagem, o texto surge no lado direito e se desloca para a esquerda.

Figura 30 – Slide 13 da produção Leilão de jardim



Fonte: <https://kuadros.com/pt-br/products/jardim-com-flores>

Como encerramento do vídeo, antes da listagem de créditos, foi incluída a pintura “Jardim com flores”, de Van Gogh. A obra é apresentada na tela imediatamente após a transição do *slide*. Cabe ressaltar que a imagem original passou por processo de edição em que foram enfatizadas as cores, dando mais vivacidade.

Figura 31 – Slide 14 da produção Leilão de jardim



Fonte: <https://www.arteeblog.com/2015/01/serie-van-gogh-borboletas.html>

A representação visual situada à esquerda da tela simboliza a ideia de transformação e renovação, personificada pela mariposa que, habilmente, se camufla entre as folhas e ostenta grandes olhos nas asas, como estratégia de defesa contra predadores, criando a ilusão de ser maior do que realmente é.

As transições e efeitos visuais que acompanham a entrada dessa imagem são idênticos aos utilizados nos *slides* 3 e 12. Após a conclusão da formação da imagem, os créditos entram em cena, sendo empregados os mesmos efeitos visuais presentes na primeira produção.

4.2.3 A Rosa de Hiroshima

Inspirada no poema “A Rosa de Hiroshima” de Vinícius de Moraes⁸, a terceira produção audiovisual nos convida a uma jornada sensorial pelos horrores das guerras. O audiovisual tem uma duração de 5 minutos e 6 segundos com 15 *slides*. O poema em questão foi composto em 1954 – com título original de A Rosa de Hiroxima, disponível em *site* oficial do poeta supracitado (<https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/rosa-de-hiroxima>). Mais tarde (1973), foi musicada por Gerson Conrad⁹ e gravada pelo grupo Secos e Molhados¹⁰, faz uma alusão ao uso da bomba atômica nas cidades de Hiroshima e Nagasaki.

Ressalta-se que este poema foi composto em época de pós-guerra, próximo à Segunda Guerra Mundial, um conflito global ocorrido entre anos de 1939 a 1945, sendo marcado pela perseguição aos judeus e pelos primeiros lançamentos da bomba atômica.

O vídeo foi construído a partir de imagens que retratam não apenas cenas de guerras, mas também momentos capturados pelo renomado fotógrafo Sebastião Salgado¹¹. As

⁸ **Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes** (Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1913 – Rio de Janeiro, 9 de julho de 1980), mais conhecido como Vinicius de Moraes, foi um poeta, dramaturgo, jornalista, diplomata, cantor e compositor brasileiro. Poeta essencialmente lírico, o que lhe renderia o apelido “oetinha”, que lhe teria atribuído Tom Jobim, notabilizou-se pelos seus sonetos. Conhecido como um boêmio inveterado, fumante e apreciador do uísque, era também conhecido por ser um grande conquistador. **Disponível em:** https://pt.wikipedia.org/wiki/Vinicius_de_Moraes

⁹ **Gérson Conradi** (São Paulo, 15 de abril de 1952) é um compositor e músico brasileiro que ficou conhecido ao ingressar, no ano de 1973, no grupo Secos & Molhados, que contava com João Ricardo e Ney Matogrosso. Foi o responsável por uma das canções mais clássicas do grupo e da época: “Rosa de Hiroshima”, um poema de Vinícius de Moraes. **Disponível em:** https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%A9rson_Conrad

¹⁰ **Secos e Molhados:** Soí uma banda brasileira da década de 1970, tendo como formação clássica João Ricardo (vocais, violão e harmônica), Ney Matogrosso (vocais) e Gérson Conrad (vocais e violão). **Disponível em:** https://pt.wikipedia.org/wiki/Secos_%26_Molhados

¹¹ **Sebastião Ribeiro Salgado Júnior:** OMC (A **Ordem do Mérito Cultural** é uma ordem honorífica dada a personalidades brasileiras e estrangeiras como forma de reconhecer suas contribuições à cultura do Brasil.. Nasceu em Aimorés, 8 de fevereiro de 1944, é um fotógrafo documental e fotojornalista brasileiro. **Disponível em:** https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebastião_Salgado

fotografias não se limitam a documentar conflitos, mas conseguem transmitir o desespero, a miséria e a luta vivenciada por populações consideradas minoritárias ao redor do mundo. Predominantemente em tons de preto e branco, essas imagens são ricas em emoções profundas, como dor e compaixão.

Uma técnica visual impressionante utilizada na transição do vídeo foi a aplicação de efeitos ondulados, iniciando no centro e se propagando em direção às bordas. Essa escolha foi feita com a intenção de evocar a sensação das ondas de choque causadas pela explosão de bombas, adicionando uma camada de profundidade e impacto à produção final.

Para enriquecer a atmosfera já estabelecida pelas imagens e transições dos slides, foi selecionada uma peça musical clássica instrumental de Albinoni¹². A composição escolhida apresenta um andamento que evoca sentimentos de sofrimento, dor e tragédia, enriquecendo, assim, a experiência audiovisual. Essa cuidadosa seleção musical foi feita com o intuito de aprimorar a narrativa visual e transmitir uma mensagem mais impactante e profunda aos espectadores.

Rosa de Hiroshima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Vinícius de Moraes

Este vídeo representa um desafio significativo devido a vários fatores. O tema central abordado no poema é o Holocausto, destacando o sofrimento vivenciado pelos judeus e, em

¹² **Tomaso Giovanni Albinoni** (Veneza, 8 de junho de 1671 – Veneza, 17 de janeiro de 1750) foi um compositor barroco vêneta, nascido na República de Veneza. Famoso em sua época como compositor de óperas, atualmente é mais conhecido por sua música instrumental, parte da qual é regularmente regravação. Massificou sua música, mas graças a seu talento melódico e estilo pessoal foi tão popular na época quanto Arcangelo Corelli e Antonio Vivaldi.

particular, mulheres e crianças, nos campos de concentração. Eles enfrentaram esse horror sem compreender totalmente a gravidade da situação, sem perceber que estavam encaminhados para a morte. A escolha cuidadosa das palavras por Vinícius confere ao poema uma qualidade estética impactante, que se destaca. Além disso, não podemos ignorar a influência da versão musical icônica do Grupo Secos e Molhados, que adiciona outra camada de significado. É desafiador separar a brilhante interpretação musical desse grupo, que está profundamente enraizada em nossa memória.

Figura 32 – Slide 1 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: <https://pixabay.com/pt/photos/rosa-vermelho-preto-e-branco-1685612/>

O início do vídeo é marcado por uma escolha artística profundamente simbólica, na qual a representação de uma rosa é o foco central. Destaca-se que, nesta representação, apenas as pétalas da rosa são coloridas em um vermelho intenso. A presença dessa imagem não foi uma escolha aleatória. O vermelho das pétalas pode representar sangue, sugerindo temas de paixão, sacrifício ou até mesmo a efemeridade da vida.

Este uso do vermelho não se limita apenas à representação da rosa, mas se estende também ao texto que acompanha a imagem, no qual as letras são preenchidas por esta mesma cor vibrante. A adição de um leve sombreado em branco às letras não só contribui para a legibilidade do texto, mas também adiciona uma camada de profundidade e contraste, enriquecendo assim a experiência visual. Importante destacar que esta imagem não se altera, mantendo-se estática ao longo da introdução do vídeo, o que permite ao espectador concentrar-se plenamente na simbologia e no significado subjacente apresentado.

Para enriquecer o impacto visual já significativo, a apresentação do título do poema e do nome do autor surgem na tela adotando a forma de uma cruz, começando a expandir-se do

centro em direção às extremidades, em que o espectador é convidado a mergulhar numa reflexão mais profunda sobre os temas e emoções evocados pelo vídeo.

Figura 33 – Slide 2 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: <http://www.souzaaranhamachado.com.br/2021/11/o-silencio-das-baionetas/>

Na imagem apresentada, é possível observar soldados em movimento no campo de batalha. No entanto, neste *slide*, não há animação que gradualmente revele a figura. Assim, a fotografia surge imediatamente após a transição, adiantando aos espectadores o que está prestes a se desenrolar.

Figura 34 – Slide 3 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/inocentes-segunda-guerra-mundial-matou-mais-civis-do-que-soldados/>

Nesta imagem, uma fotografia, podemos observar crianças posicionadas atrás de uma cerca de arame farpado, possivelmente em um campo de concentração nazista, enquanto dirigem seus olhares para algo que não conseguem compreender completamente. A escolha

desta fotografia foi motivada pela sua capacidade de transmitir a seguinte mensagem: as crianças encontram-se em um estado de silêncio total, aparentando estar hipnotizadas pela cena diante delas.

Ao ser incorporada à sequência, a imagem entra em cena com um movimento giratório para o interior, preenchendo gradualmente o espaço da tela. Em seguida, surge o texto em uma fonte de cor branca, realçado por contornos em vermelho, deslizando para cima e se posicionando no canto inferior esquerdo.

Figura 35 – *Slide 4* da produção *A Rosa de Hiroshima*



Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/quais-exposicoes-ver-no-1- semestre-tem-homem-de-2-mil-anos-escritos-egipcios-74z88xtjzmacjcw0f26d5dwoj/>

A imagem selecionada para o *slide 4* é uma peça da obra “Êxodo”, um projeto de profundidade artística conduzido pelo fotógrafo Sebastião Salgado. Entre os anos de 1993 e 1999, Salgado empreendeu uma viagem por várias nações, com o objetivo de documentar as complexas jornadas dos imigrantes. Essa viagem lhe permitiu captar, com uma sensibilidade única, a resiliência, os desafios e a luta incessante enfrentada por esses indivíduos. A motivação por trás da escolha desta fotografia específica ressoa com o intuito de transmitir as experiências daquelas crianças que foram brutalmente separadas de suas mães devido à perseguição implacável perpetrada pelos nazistas.

No que diz respeito à apresentação deste *slide*, optou-se por manter a coerência visual e estilística com o material precedente, empregando a mesma técnica de animação de entrada para a imagem. O texto, na cor branca, entra no centro vertical da tela pelo lado direito, deslizando até alcançar o extremo oposto.

Figura 36 – Slide 5 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/massacre-de-mylai-no-vietna/>

Na elaboração do conteúdo didático, escolheu-se proceder com a utilização de animações consistentes com aquelas empregadas nas seções anteriores do material apresentado. Essa decisão foi tomada visando à manutenção de uma uniformidade visual que favorece a compreensão e o engajamento do público-alvo – os estudantes. Nesse contexto, optou-se pela inclusão de uma imagem específica. A fotografia em questão exibe uma cena comovente de mulheres e crianças em fuga por um córrego. Embora esta imagem seja proveniente de um episódio distinto – o massacre de Mylai, ocorrido durante o conflito no Vietnã –, foi escolhida por sua capacidade de promover a reflexão sobre os impactos devastadores desses eventos na vida de pessoas inocentes, especialmente mães e crianças, destacando a mudança drástica de suas trajetórias em momentos de crise.

Quanto à apresentação textual acompanhante, optou-se por manter letras brancas para garantir uma leitura clara sobre diferentes fundos. Para enfatizar ainda mais a legibilidade e adicionar um tom dramático, realizou-se uma alteração na cor do contorno ou sombra dos caracteres, passando do quente vermelho para a frieza de uma tonalidade azul. A animação escolhida para a introdução do texto consiste em um movimento ascendente suave, iniciando na parte inferior da tela e parando após um curto intervalo.

A integração desses elementos – a seleção de imagens com forte carga emocional, a uniformidade das animações, a escolha deliberada de cores mais frias e o emprego de efeitos de texto – é fundamental para a criação de uma atmosfera de comoção que pode tocar a sensibilidade do público.

Figura 37 – Slide 6 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: <https://www.metroworldnews.com.br/foco/2019/07/17/exposicao-faz-retrato-humano-de-garimpo.html>

No ano de 1986, o renomado fotógrafo Sebastião Salgado dedicou 33 dias de sua vida às minas auríferas de Serra Pelada, localizadas no estado do Pará. Este local é reconhecido como a maior mina de ouro a céu aberto do globo terrestre. Uma imagem emblemática capturada durante essa visita mostra somente as pernas dos garimpeiros, simbolizando um sofrimento humano que transcende a compreensão. Ao abordar a composição visual, observamos que a imagem é introduzida na cena com um movimento de giro para dentro, enquanto o texto complementar entra na tela a partir do canto inferior direito, tomando a posição previamente estabelecida.

Com o propósito de acentuar a angústia transmitida pela cena, as letras do texto foram estrategicamente coloridas de branco e sombreadas em azul. Esta escolha de tonalidades frias busca evocar uma sensação de melancolia no espectador, aprofundando a reflexão e a empatia diante da realidade retratada.

Figura 38 – Slide 7 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: <https://pixabay.com/pt/photos/rosas-vermelho-preto-e-branco-2623749/>

A imagem do *slide 7* é composta apresentando uma cruz que emerge do centro e se estende até as bordas da figura, revelando um buquê de rosas. Um único detalhe é destaque nesse arranjo floral, no qual apenas as pétalas de uma das rosas adquiriram a cor vermelha.

Após a conclusão da figura, o texto adentra e ocupa seu lugar no canto superior direito, harmonizando-se com a imagem em questão, por sua coloração em branco e contorno das letras no mesmo tom vermelho das pétalas.

Figura 39 – Slide 8 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: <https://thehulettcollection.com/artists/80-sebastiao-salgado/works/1040-sebastiao-salgado-fireball-greater-burn-oil-field-kuwait-1991/>

A fotografia em análise não ilustra conflitos armados, mas sim a batalha contra a combustão de poços de petróleo nos campos petrolíferos do Kuwait, ocorrida em 1991. Esta obra é intitulada “Fireball, Greater Burn Oil Field” e creditada a Sebastião Salgado.

A seleção desta imagem teve como propósito servir de elo entre os versos centrais do poema, nos quais o eu lírico menciona a rosa, ícone da composição literária, por se

assemelhar a uma flor e, ao mesmo tempo, à figura que surge quando uma bomba atômica é detonada.

Figura 40 – *Slide* 9 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: Serique (2023)

O nono *slide* da apresentação não contém nenhuma imagem visual, apenas texto que se destaca em contraste com o fundo negro, que pode remeter à escuridão resultante da explosão de uma bomba atômica. Os versos adentram a apresentação em formato de rotação vertical.

As letras são predominantemente pretas, delineadas em um tom de vermelho sangue, evocando a ideia de uma herança sanguínea sombria que perdura através das gerações. Esta representação visual sugere uma profundidade simbólica, convidando à reflexão sobre as consequências históricas, culturais e de saúde desse legado marcante.

Figura 41 – Slide 10 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: <https://thehulettcollection.com/artists/80-sebastiao-salgado/works/139-sebastiao-salgado-kuwait-a-desert-on-fire-portfolio-1991/>

A imagem selecionada para integrar o décimo *slide* é parte do portfólio de Sebastião Salgado sobre os incêndios nos campos de petróleo do Kuwait. Nela, é possível contemplar a intensidade da agonia, o evidente cansaço e a difícil situação dos combatentes do fogo, bem como as condições devastadoras em que os campos petrolíferos foram deixados.

Para este *slide*, optou-se por reaproveitar as animações presentes nos *slides* 3, 4, 5 e 6, nas quais a imagem entra na apresentação através de uma rotação para dentro. O texto, desta vez, foi estilizado com preenchimento preto e uma sombra em tom de vermelho, exibindo versos que surgem a partir da parte inferior da tela e se posicionam centralizados à esquerda.

Figura 42 – Slide 11 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: <https://www.sintonizeaqui.com.br/tag/bomba-atmica/>

Nesta apresentação, o componente textual consiste em versos cujo objetivo é expressar uma condenação veemente ao uso de armamentos nucleares, especificamente a bomba atômica. Este texto é posicionado no início da sequência, emergindo a partir do lado direito da tela, preparando o aluno para a profundidade e chocante imagem que está prestes a ser apresentada.

Segue-se a esta introdução textual, uma imagem de grande impacto emocional, que é revelada de forma gradativa, iniciando sua aparição de baixo para cima, e que leva, ao todo, um intervalo de cinco segundos para ser completamente exibida. É importante mencionar que a imagem selecionada foi escolhida por sua relevância temática e por sua capacidade de evocar uma resposta emocional no espectador, reforçando, assim, o poder da mensagem veiculada pelos versos anteriormente apresentados.

Figura 43 – *Slide* 12 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: <https://pixabay.com/pt/photos/flor-rosa-preto-e-branco-contraste-5020882/>

À medida que a produção audiovisual está prestes a ser concluída, foi inserida a representação visual de uma rosa desbotada, apresentando uma aparência enferma e desprovida de qualquer coloração. Ao ser exibida, ela adquire o mesmo efeito de transição da imagem presente no sétimo *slide*, ou seja, aparece em forma de cruz se expandindo para fora, com a intenção de simbolizar o conceito de fim ou morte.

Figura 44 – Slide 13 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: Serique (2023)

Em um cenário no qual predomina um fundo de tonalidade escura, a escolha pela cor preta no preenchimento das letras e a presença de uma sombra de cor branca atribui uma profundidade singular à apresentação do texto, criando um contraste visual tanto atraente quanto funcional. Este arranjo específico surge imediatamente após uma transição entre os *slides*.

A interação com o texto se dá em um ritmo sincronizado com o tempo em que ele se mantém visível na tela. Neste contexto, a declamação dos versos ocorre não apenas como um ato de leitura, mas como uma experiência imersiva, na qual cada palavra assume um significado ampliado pela sua apresentação visual e temporal.

No momento em que se realiza a leitura do verso “sem nada”, o trecho correspondente do poema inicia um movimento suave, descendo lentamente até que se dissipe completamente do campo visual.

Em resumo, a cuidadosa orquestração de elementos visuais – como o contraste entre o preto das letras e o branco de sua sombra e o movimento deliberado do texto – trabalha em conjunto para criar uma experiência de leitura que é, ao mesmo tempo, estética e carregada de significados.

Figura 45 – Slide 14 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/historia/nos-70-anos-de-hiroshima-pesquisadores-discutem-que-levou-os-eua-detonarem-bomba-17048987> Foto: EFE/PEACE MEMORIAL MUSEUM.

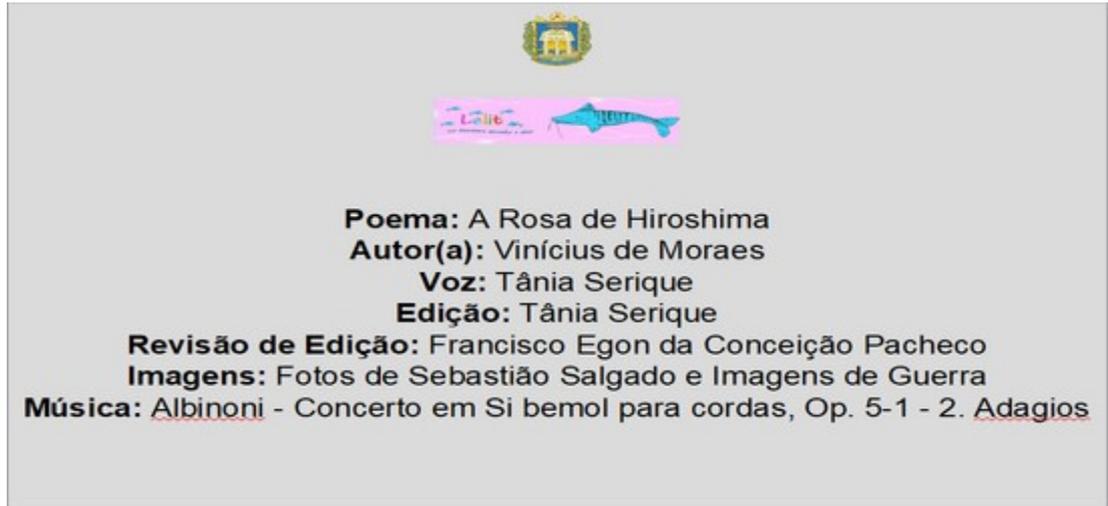
“Terra arrasada. Parte da cidade de Hiroshima após o ataque nuclear ocorrido em 6 de agosto de 1945. O edifício de pé, 160 metros a noroeste do epicentro da explosão, ficou depois conhecido como a ‘cúpula da bomba atômica’” Texto e foto disponíveis na fonte acima mencionada.

A imagem original, caracterizada por sua composição em preto e branco, foi submetida a um processo de coloração digital através do uso de softwares de edição de imagens. A escolha da paleta de cores, orientada para tons de vermelho-alaranjado, visa a simbolizar os efeitos devastadores provocados pelas explosões das bombas atômicas, representando a coloração dos locais afetados por este trágico evento histórico.

É importante destacar que a decisão de empregar tais técnicas de edição e apresentação visual não visa apenas à estética, mas também tem como objetivo educar e sensibilizar o público sobre a importância da memória histórica.

Em conclusão, a utilização da imagem editada com tons vermelho-alaranjado, aliada ao momento de sua revelação durante a apresentação, que ocorre imediatamente após a transição do *slide*, constitui uma estratégia para engajar o espectador numa jornada de compreensão e reflexão sobre um dos períodos mais sombrios da história humana.

Figura 46 – Slide 15 da produção A Rosa de Hiroshima



Fonte: Serique (2023)

No desenvolvimento e finalização de projetos audiovisuais, especialmente aqueles de cunho educacional ou informativo, é de suma importância garantir o reconhecimento apropriado a todos os envolvidos na produção. Esta prática não apenas reforça a ética profissional, mas também fortalece as relações entre profissionais do ramo, contribuindo para uma comunidade mais colaborativa e respeitosa.

Nesse contexto, o encerramento do terceiro vídeo não foge à regra e é conduzido de maneira a honrar o trabalho e o esforço de cada participante que contribuiu para a sua realização. Para tal, o último slide do vídeo desempenha um papel crucial, funcionando como um espaço dedicado à atribuição dos devidos créditos.

Este slide foi planejado para alinhar-se às produções anteriores, optando-se por um design que evoca uma sensação de sobriedade, com um plano de fundo que tende para um tom cinza azulado.

4.2.4 Da minha janela

A presente produção possui 22 (vinte e dois) *slides*, com uma duração de 5 minutos e 41 segundos e é fundamentada na narrativa do livro “Da minha janela” de Otávio Júnior¹³, com ilustrações de Vanina Starkoff¹⁴, na sua primeira edição. A obra foi publicada pela

¹³ **Otávio Júnior** (Rio de Janeiro, 1983) é um escritor, ator, contador de histórias e produtor teatral brasileiro que ficou conhecido por abrir a primeira biblioteca nas favelas do Complexo do Alemão e no Complexo da Penha, no estado do Rio de Janeiro. Nasceu e mora no Complexo do Alemão, onde faz muitos projetos com leitura, e no Complexo da Penha também. **Disponível em:** https://pt.wikipedia.org/wiki/Ot%C3%A1vio_J%C3%BAnior.

¹⁴ **Vanina Starkoff** nasceu na Argentina, mas atualmente vive no Rio de Janeiro. É formada em Design Gráfico pela Universidade de Buenos Aires, cidade onde cursou, durante 5 anos, a escola Sótano Blanco, sendo aluna de renomados artistas, entre os quais Jose Sanabria. Com livros publicados em vários países, a autora e ilustradora têm recebido importantes prêmios e menções honrosas. **Disponível em:** <http://www.editorapulodogato.com.br/colaborador.php?id=87>.

Companhia das Letrinhas, em 2019. As imagens utilizadas foram, na maioria, escaneadas diretamente do livro, com algumas delas tendo passado por um processo de edição, como recortes ou realces nas cores. Para a transição entre os *slides*, optou-se pela aplicação do efeito “dividir”, com a variante “vertical para fora”, com a duração de 1 segundo, proporcionando a sensação de uma janela se abrindo. Quanto ao áudio, utilizou-se a música “Infância”, um chorinho interpretado por um grupo feminino do Pará denominado “O Charme do Choro”¹⁵.

Todos os elementos nos *slides* foram animados com a categoria “entrada”, que determina a forma como as imagens ou textos surgem durante a apresentação. Além disso, a subdivisão “iniciar” foi configurada para “após o anterior”, com duração de 3 segundos, garantindo que a primeira imagem seja exibida logo após a transição de efeito do *slide*, seguida pela aparição sequencial dos demais dados, um após o outro.

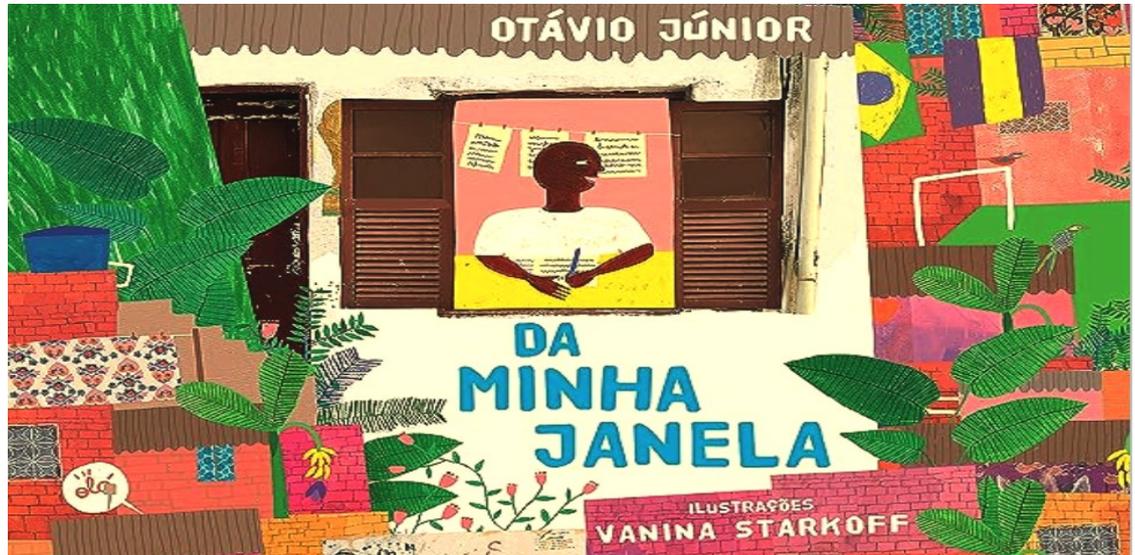
Da minha janela

Da minha janela vejo o céu estrelado e um castelo iluminado
 Vejo muitas lajes e telhados remendados
 É gente pra todo lado
 Quando está muito calor, algumas pessoas trazem o mar para suas casas e o dia fica mais fresco
 Ao cair da noite vejo muitas lajes e vaga-lumes que iluminam caminhos escuros
 Às vezes, quando chove muito, o arco-íris visita meu barraco
 E colore um dia cinzento
 Quero descobrir onde está o fim do arco-íris.
 Não por causa do tesouro:
 Quero decifrar um mistério que vale mais do que ouro...
 Da minha janela converso com meus amigos...
 Conversa que vira brincadeira.
 A nossa brincadeira preferida
 É microfone sem fio,
 Que vira funk, que vira rima
 E se transforma em poesia.
 Da minha janela escuto sons que me deixam muito triste
 Às vezes não posso ir pra escola, nem jogar bola lá fora
 Da minha janela vejo o campinho vazio,
 Que volta a encher de gente quando fecho os olhos
 Gente que sonha em fazer golaço no Maracanã lotado
 Da minha janela vejo o nascer do sol
 Vejo gente para todo lado
 Gente remendando telhado
 Que estava quebrado por causa da chuva
 Gente em busca do seu tesouro
 Gente com livros na mão, a caminho da escola
 Da minha janela
 ... vejo minha favela
 E você,
 O que vê da sua janela?
 Uma casa amarela

¹⁵ **O Charme do Choro:** Grupo de choro criado no ano de 2006, por sugestão do arquiteto e músico Paulinho Moura, na cidade de Belém do Pará. Integrado por Jade Guilhon (bandolim e violino), Dulce Cunha (flauta), Laíla Cardoso (violão), Camila Alves (violão 7 cordas), Carla Cabral (cavaquinho) e Rafaela Bittencourt (pandeiro), o nome foi sugerido pelo violonista, um dos idealizadores do grupo. **Disponível em:** <https://dicionariompb.com.br/grupo/o-charme-do-choro/>

Lá no alto da favela?
 Crianças brincando nos becos e nas vielas?
 E se sua janela fosse mágica
 E você tivesse o poder de criar coisas novas?
 O que gostaria de ver através dela?
 Otávio Júnior
 Ilustração: Vanina Starkoff

Figura 47 – Slide 1 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

Neste primeiro *slide*, foram incorporados os seguintes efeitos de animação: como efeito, optou-se por utilizar o modo “dividir”, com a direção estabelecida como “vertical para fora”. Tal efeito consiste na divisão da tela ao meio, no sentido vertical de dentro para fora, simbolizando a abertura da janela para a narrativa em questão.

Figura 48 – Slide 2 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

Já nesta segunda projeção, as animações adotadas foram as seguintes: a imagem foi animada com o efeito de “barras aleatórias” em direção “horizontal”, possibilitando sua aparição progressiva em forma de barras. Quanto ao texto, foi aplicado o efeito de “surgir” com a direção estabelecida como “da direita”, fazendo com que o texto surja após a imagem, no sentido da direita para a esquerda. Além disso, a fonte escolhida foi a *Chiller*, reconhecida por seu formato arredondado, enquanto a cor amarela foi escolhida pelo contraste com o azul e por representar uma cor associada à luz.

Figura 49 – Slide 3 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

O efeito de animação da imagem adota um estilo “veneziano”, com uma orientação “vertical”, sem qualquer tipo de atraso perceptível. Esta técnica de animação é semelhante à aparição de barras colocadas aleatoriamente, porém as barras apresentam uma espessura maior. Por outro lado, o movimento do texto é gradual, surgindo a partir da parte inferior e seguindo essa mesma direção. A disposição do texto em várias linhas foi pensada para criar uma sensação de camadas, podendo assim sugerir a imagem de telhados sobrepostos em uma favela.

Apesar das referências a lajes e telhados improvisados, surpreendentemente, o cenário está repleto de sinais de vida: pássaros voando ou descansando sobre os fios elétricos, cachos de bananas pendurados nas bananeiras, gatos perambulando pelos telhados. Esses elementos conferem dinamismo e autenticidade à cena, que ganha vida por meio da interação dos elementos naturais com o ambiente urbano.

Figura 50 – Slide 4 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

A animação da imagem apresenta um efeito “quadriculado”, com direção “para baixo”, sem atraso. Aqui, a imagem surge com vários quadrados descendo de cima para baixo até formar a figura completa. Quanto ao texto, o efeito é “surgir”, com direção “da direita”, sem atraso. A tipologia textual mantém-se a mesma dos *slides* anteriores, em cor branca para melhor contraste com as cores da imagem.

Figura 51 – Slide 5 da produção Da minha janela

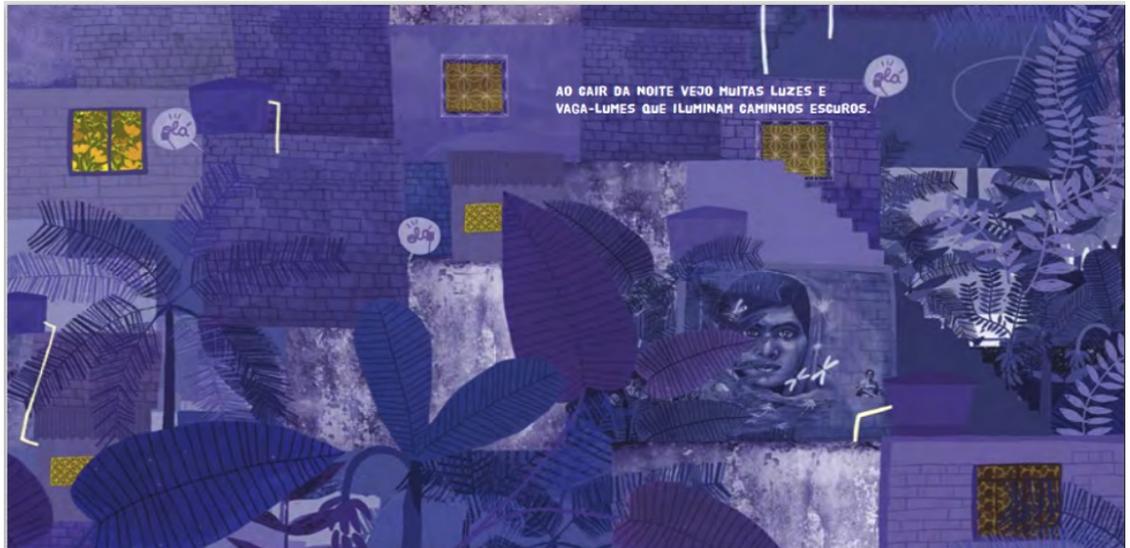


Fonte: Otávio Júnior (2019)

A animação da imagem consiste em “surgir” com direção “de baixo”, enquanto o texto também é “surgir”, mas com uma alteração do iniciar que se optou por “com o anterior”, resultando no texto surgindo junto à imagem, com direção “de cima” em ambos os casos, sem

atraso. Esses efeitos criarão um entrelaçamento entre o texto e a imagem. A tipografia utilizada permanece a mesma, ou seja, *Chiller*, em branco, buscando transmitir uma sensação de frescor.

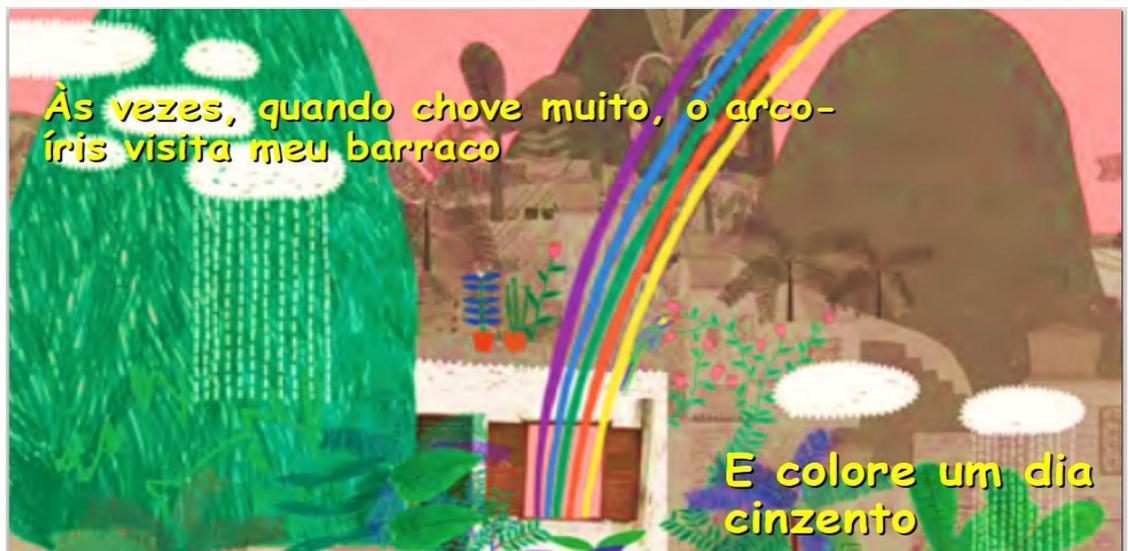
Figura 52 – Slide 6 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

Para a elaboração deste slide, optou-se pela incorporação de uma imagem acompanhada do texto extraído diretamente da página do livro em questão. A seleção desta imagem teve como objetivo proporcionar uma conexão mais imersiva com o conteúdo apresentado. No que se refere ao aspecto técnico da apresentação, a animação escolhida foi a de um “círculo”, a qual configurada para apresentar uma direção “para dentro”. À progressão da animação, o círculo gradualmente se fecha sobre a imagem.

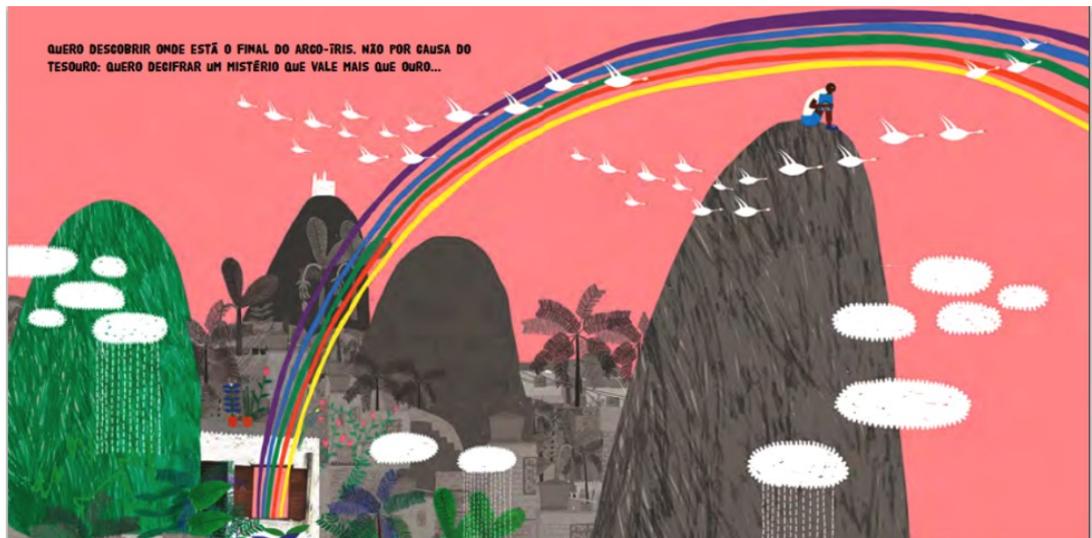
Figura 53 – Slide 7 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

A imagem selecionada para este *slide* foi um recorte da imagem original, com um tratamento de cor para torná-la mais vibrante. A animação para este *slide* foca em “intensificar e ampliar” a imagem, surgindo no centro da tela e crescendo em direção às bordas. Quanto aos textos, o efeito “surgir” com direção “da direita”, sem atraso, foi aplicado ao texto superior. O texto inferior também é “surgir”, porém com direção “da esquerda” e um atraso de 3 segundos, permitindo, assim, uma pausa para a leitura da frase anterior.

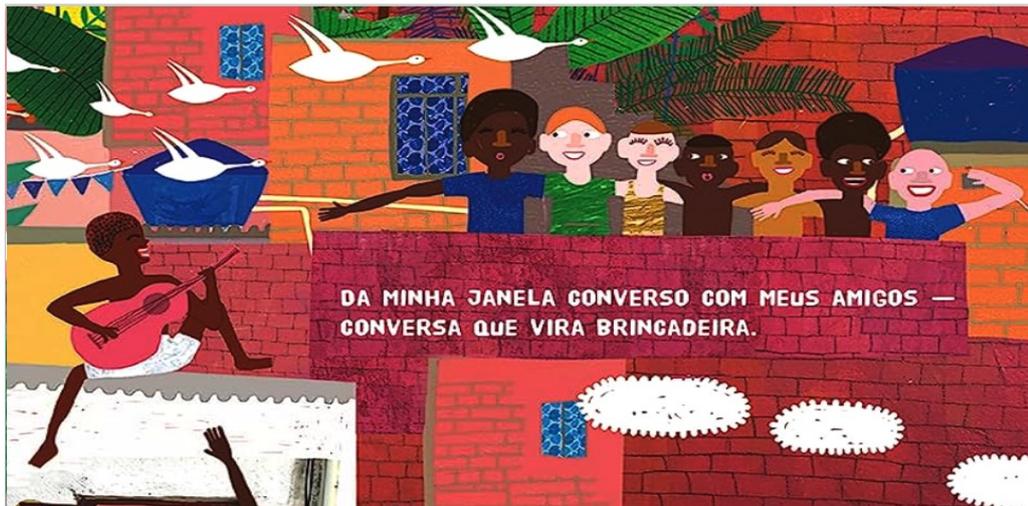
Figura 54 – *Slide* 8 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

Na presente representação, a imagem foi digitalizada com o livro aberto, resultando em duas páginas capturadas simultaneamente e posteriormente submetida a um processo de coloração. A animação aplicada visa a “expandir” a cena – neste contexto, a imagem emerge do centro para as extremidades de forma retangular.

Figura 55 – *Slide* 9 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

No seguinte *slide*, a página do livro já contendo o texto foi empregada. O efeito de animação utilizado é o “cunha”, o qual avança a partir do centro superior e se expande até a parte inferior da imagem em forma de círculo.

Figura 56 – *Slide* 10 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

A imagem presente neste *slide* foi adaptada da original do livro e teve o texto adicionado. A animação aplicada tanto na imagem quanto no texto é “surgir”, com o texto fluindo da direita para a esquerda e a imagem em direção oposta. Além disso, há uma sincronia entre o início do texto e da imagem, encontrando-se ambos no centro da página, ao final das animações.

Figura 57 – *Slide* 11 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

Uma imagem escaneada com o livro aberto foi recortada, utilizando-se uma parte da página esquerda e toda a página direita, com o texto coberto por um retângulo colorido em tom amarelo, semelhante ao da imagem. O texto foi adicionado de forma angular, com cor preta e sombra cinza claro, para que ficasse mais visível no fundo verde do cenário. A animação aplicada na imagem é em forma de “laço”, em que o elemento entra na posição vertical pela esquerda, desloca-se até a lateral oposta e retorna na posição horizontal centralizada. Quanto ao texto, foi aplicado o efeito “rotação”, com direção “vertical”, fazendo com que o elemento gire em torno de seu próprio eixo.

Figura 58 – Slide 12 da produção Da minha janela

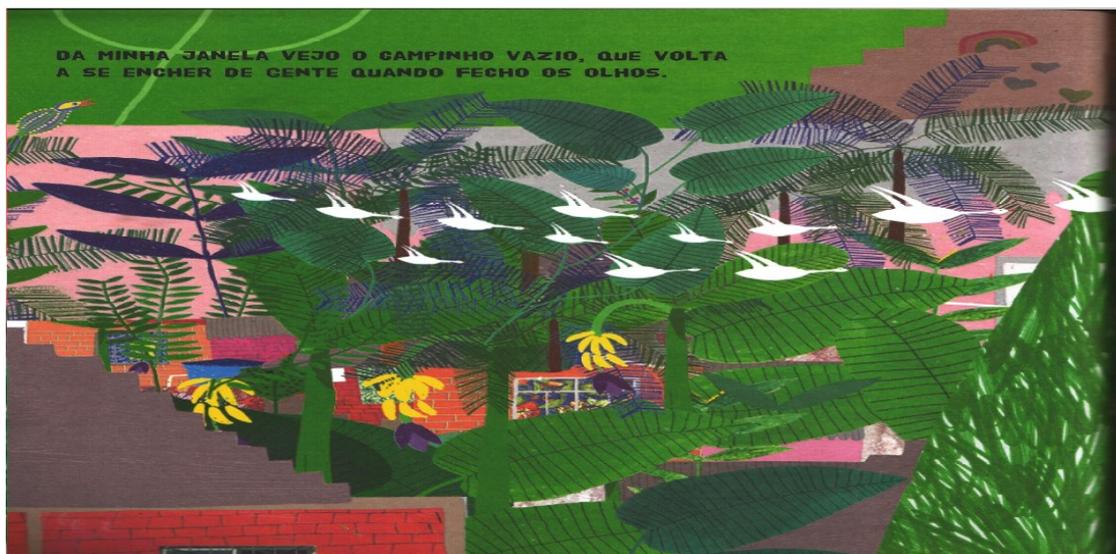


Fonte: Otávio Júnior (2019)

A imagem digitalizada do livro contendo o texto passou por um tratamento de cor. A animação, portanto, foca apenas na imagem, utilizando o efeito “ampliação” que não

direciona o movimento. Neste caso, a imagem aumenta de tamanho e logo retorna à sua forma original.

Figura 59 – *Slide 13* da produção *Da minha janela*



Fonte: Otávio Júnior (2019)

Neste ponto, a imagem do livro com o texto foi novamente utilizada. Para a animação, optou-se pelo efeito “roda”, que permite a escolha do número de raios; neste caso, foram selecionados quatro. O efeito em questão faz com que a imagem gire em torno do eixo central em quatro raios até completar a rotação.

Figura 60 – *Slide 14* da produção *Da minha janela*



Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/VYAbb0-Qbho/maxresdefault.jpg>

No *slide 14*, a imagem em questão foi obtida da internet e a ela adicionou-se um texto com o efeito de animação “surgir”, a partir da direção “da direita embaixo”, movendo-se do canto inferior direito para o canto superior esquerdo. Para a imagem, foi empregado o

efeito “bumerangue” – no qual o elemento entra pela direita em cima, desloca-se até a parte central inferior, realiza uma pequena rotação e então se abre.

Figura 61 – Slide 15 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

No dispositivo 15, foi escaneada uma imagem do livro dessa história aberto com duas páginas e, posteriormente, recortada, com foco na parte inferior da imagem. A animação aplicada tanto na imagem quanto no texto consiste em “surgir”, com a figura aparecendo da esquerda e as frases surgindo da direita, culminando no encontro harmonioso dos elementos na parte central do *slide* em questão.

Figura 62 – Slide 16 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

Nesta seção da apresentação, temos a oportunidade de observar a utilização de uma página digitalizada, oriunda de uma obra literária já contendo o texto previamente selecionado para este propósito. Este recurso foi escolhido com a intenção de proporcionar aos expectadores uma representação fiel do material de estudo em questão.

Para enriquecer ainda mais a experiência visual e garantir uma maior interatividade com o conteúdo apresentado, optou-se pela implementação de uma técnica de animação com o efeito de “venezianas”, que é caracterizado pela sua capacidade de simular uma movimentação vertical harmoniosa das linhas que compõem a imagem.

Figura 63 – Slide 17 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

A imagem composta por duas páginas do livro passou por um processo de edição de cores, além da adição do texto em letras brancas para maior destaque. A animação da imagem é de aparição com movimento descendente, enquanto a do texto, mesmo sendo de aparição, tem uma trajetória ascendente à direita, simultaneamente à descida da imagem. O efeito faz com que o texto apareça no canto direito e siga diagonalmente para cima.

Figura 64 – Slide 18 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

A imagem foi tratada com uma paleta de cores mais viva e montada a partir de duas páginas do livro. O texto foi removido da imagem original e substituído pela cor de fundo, utilizando-se um retângulo. A animação da imagem é em forma de “caixa” com direção “para fora”, fazendo com que ela surja de dentro para fora, similar a uma caixa se abrindo, enquanto o texto surge simultaneamente de cima à direita e desloca-se para o canto esquerdo inferior.

Figura 65 – Slide 19 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

A imagem também foi composta por duas páginas do livro, sendo o texto coberto por um retângulo da mesma cor do fundo original. Em seguida, o texto foi adicionado em amarelo para harmonizar com as flores e o cacho de banana presentes na ilustração. As animações aplicadas consistem na separação gradual da imagem na vertical, como se fosse uma janela se abrindo para fora e, na aparição do texto, vindo da direita.

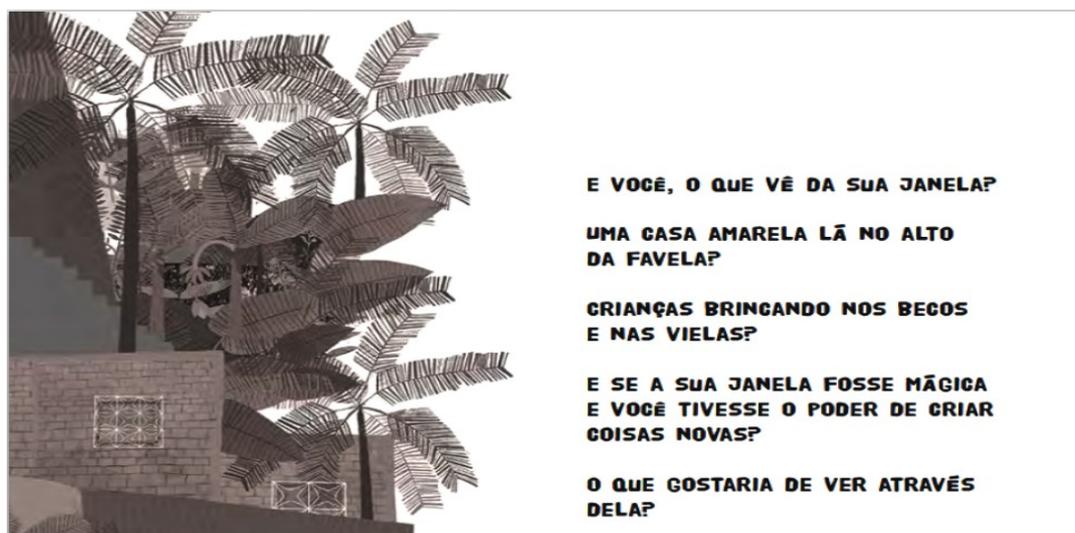
Figura 66 – Slide 20 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

Este *slide* apresenta uma imagem com um tratamento no âmbito do realce das cores. A imagem em questão exhibe duas páginas do livro, das quais foi realizada uma montagem. É importante salientar que o texto exibido já fazia parte das páginas originais do livro. A técnica de animação empregada para conferir dinamismo a esta apresentação é conhecida como “ampliar”, a qual proporciona um efeito visual de aproximação ao público.

Figura 67 – Slide 21 da produção Da minha janela



Fonte: Otávio Júnior (2019)

Neste slide, optou-se por utilizar uma imagem extraída diretamente do livro, a qual já incluía o texto. A animação selecionada para enriquecer este slide foi a “veneziana”, em movimento “vertical”. Este efeito simula o fechamento de uma cortina e foi escolhido para simbolizar o encerramento da história narrada, agregando um valor estético e simbólico ao desfecho da apresentação.

Figura 68 – Slide 21 da produção Da minha janela



Fonte: Serique (2023)

Similarmente às demais produções audiovisuais, esta encerra-se com a colocação dos créditos. É importante ressaltar que neste trabalho específico foi adotado um plano de fundo branco que, em conjunto com as letras em preto, proporciona um visual atrativo para o espectador, além de colaborar para uma experiência visual.

4.2.5 Contos de Enganar a Morte

A quinta e última produção audiovisual realizada foi a adaptação do conto intitulado “A quase morte de Zé Malandro”, um texto que faz parte do livro “Contos de enganar a morte”. Esta compilação, enriquecida com mais três envolventes histórias, é de autoria de Ricardo Azevedo¹⁶, que não só emprestou seu talento na escrita, mas também contribuiu com suas habilidades como ilustrador, utilizando a tradicional técnica de xilogravuras¹⁷ para dar vida às suas histórias.

¹⁶ **Ricardo José Duff Azevedo** (São Paulo, 1949), escritor e ilustrador paulista nascido em 1949, é autor de muitos livros para crianças e jovens. Ganhou várias vezes o prêmio Jabuti. Tem livros publicados na Alemanha, Portugal, México, França e Holanda e textos em coletâneas publicados na Costa Rica. Bacharel em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado e mestre e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Pesquisador na área de cultura popular. Professor convidado em cursos de especialização em Arte-Educação e Literatura. Tem dado palestras e escrito artigos, publicados em livros e revistas, abordando problemas do uso da literatura de ficção na escola. **Disponível em:** <https://ricardoazevedo.com.br/wp/wp/ricardo-azevedo/>

¹⁷ **Xilogravura** significa **gravura em madeira**. É uma antiga técnica, de origem chinesa, em que o artesão utiliza um pedaço de madeira para entalhar um desenho, deixando em relevo a parte que faz a reprodução. **Disponível em:** <https://www.significados.com.br/xilogravura/>

Figura 69 – Capa do livro Contos de enganar a morte



Fonte: Livro “Contos de Enganar a morte” de Ricardo Azevedo

O material didático final possui uma extensão de 16 minutos e 47 segundos, distribuídos em 16 *slides*, tornando-se o mais longo em termos de duração. As imagens utilizadas são xilogravuras obtidas da internet, acompanhadas por uma trilha incidental, composta por uma mescla de Chorinhos, interpretados no violão por Marcos Kaiser¹⁸. A escolha dessa música se baseia na representatividade do Choro como um estilo musical tipicamente brasileiro. A trilha sonora está disponível na página do músico no *YouTube*, no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=Ty4isRlrrbg&list=RDTy4isRlrrbg&index=2>.

A narração foi realizada com um tom de “leitura em voz alta”, permitindo uma transição mais pausada entre os *slides*, a fim de garantir que os estudantes tivessem tempo suficiente para acompanhar o texto.

¹⁸ **Marcos Kaiser** é um virtuoso do violão e um músico eclético. Seu repertório abrange choro, samba, bossa nova, blues, jazz, flamenco e erudito. Possui um dos maiores canais do YouTube sobre violão, com mais de 300 mil inscritos. Também é autor de dois álbuns autorais gravados “Cordas Novas” (2010) e “Traz pra Frente” (2019). Atuando como professor, criou uma escola de música online, a Kaiserplay, por onde mais de 1500 alunos já passaram. Disponível em: https://www.hyperprostrings.com.br/ENDORSERS?journal_blog_post_id=28.

Identificou-se um equívoco durante a produção que afetou, de certa forma, a qualidade da leitura e a estética do vídeo final. É relevante destacar que esse equívoco se deu ao inserir uma quantidade excessiva de texto em um único *slide*, prejudicando a experiência do espectador. Possivelmente, essa decisão foi motivada pela ideia de que, com menos *slides*, o vídeo seria mais conciso. No entanto, posteriormente constatou-se que essa suposição estava equivocada.

Somente após a exibição do vídeo aos alunos, foi possível identificar essa falha. Diante desse retorno, é provável que o vídeo passe por uma reformulação. Para aprimorar a qualidade do conteúdo, uma das medidas sugeridas é subdividir o texto em mais *slides*. Além disso, está sendo considerada a adição de mais xilogravuras, com o intuito de enriquecer visualmente o conteúdo e melhorar a estética.

Essas modificações têm como objetivo essencial garantir uma leitura mais fluída e agradável para os espectadores, além de transmitir o conteúdo de maneira mais clara e eficaz.

A partir deste ponto, ocorrerá a explicação de cada *slide*, assim como ocorreu nas produções anteriores; quais os efeitos de animações foram utilizados para a entrada das imagens e para os textos, em quais *sites* pode-se encontrar a figura.

Antes de avançarmos, é fundamental destacar a transição entre *slides*, que se distingue por sua singularidade e é conhecida como “desvanecer”. Essa transição oferece um efeito visual que permite que o próximo *slide* surja suavemente, como se estivesse emergindo de uma onda, com uma duração de apenas um segundo o que ajuda a criar uma narrativa visual coesa.

Figura 70 – *Slide 1* do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”



Fonte: https://br.freepik.com/vetores-premium/xilogravura225-sanfoneiro_49422881.htm.

Este *slide* é dividido em duas partes: uma menor à esquerda, colocou-se o título da obra e o seu autor; na parte maior, uma xilogravura de um sanfoneiro com presença de cactos

e uma ave que nos remete ao sertão brasileiro, lugar mais típico da literatura de cordel e da arte da xilogravura. A imagem do sanfoneiro anuncia com musicalidade o conto – peça desta última produção audiovisual. As animações utilizadas para este *slide* são de entrada da imagem o dissolver internamente e, para os créditos de obra e autor, o surgir de baixo de forma separada.

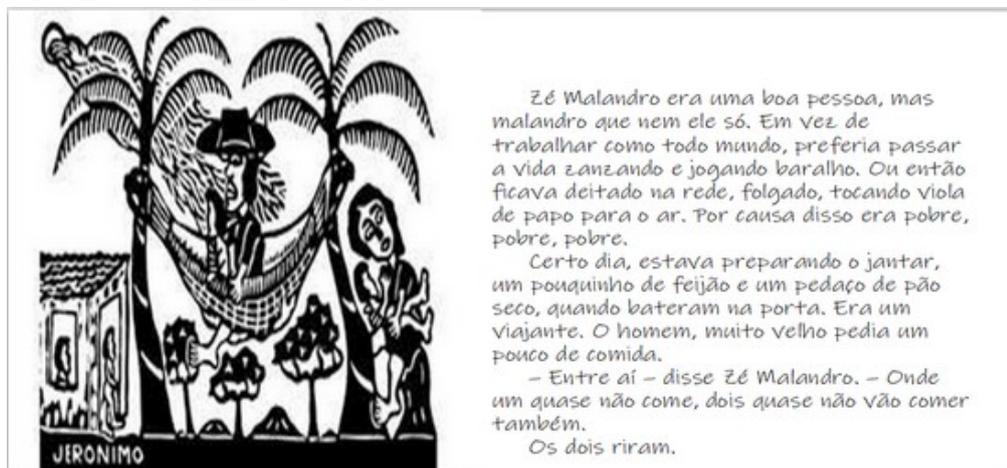
Este *slide* foi concebido para dividir-se em duas seções distintas, enfatizando a harmonia entre texto e imagem na apresentação. Na porção menor, localizada à esquerda, destaca-se o título da obra e o nome do autor, elementos fundamentais para a identificação e a atribuição da criação intelectual apresentada.

Por outro lado, na seção de maior dimensão, é exibida uma xilogravura que retrata um sanfoneiro, elemento icônico que imediatamente evoca a rica tapeçaria cultural do sertão brasileiro. Este é um ambiente frequentemente celebrado na literatura de cordel e na arte da xilogravura, traduzido através da presença dinâmica de cactos e uma ave, ambos símbolos pregnantes deste bioma único. A escolha dessa imagem não apenas enriquece visualmente a apresentação, mas também estabelece uma ponte cultural que mergulha o observador na estética e no espírito da região, tão intrinsecamente ligada à expressão artística em questão.

É importante mencionar que a imagem do sanfoneiro não serve apenas como um embelezamento estético; ela anuncia, com uma musicalidade quase tangível, o conto destacado nesta produção audiovisual. A presença dessa imagem eleva a narrativa, preparando o espectador para a experiência imersiva que se segue.

No que tange às técnicas de animação empregadas neste *slide*, foi adotada uma abordagem sutil e eficaz: a entrada da imagem é marcada por um dissolver que ocorre de maneira interna, enquanto os créditos relativos à obra e ao autor são introduzidos, emergindo de baixo em separado.

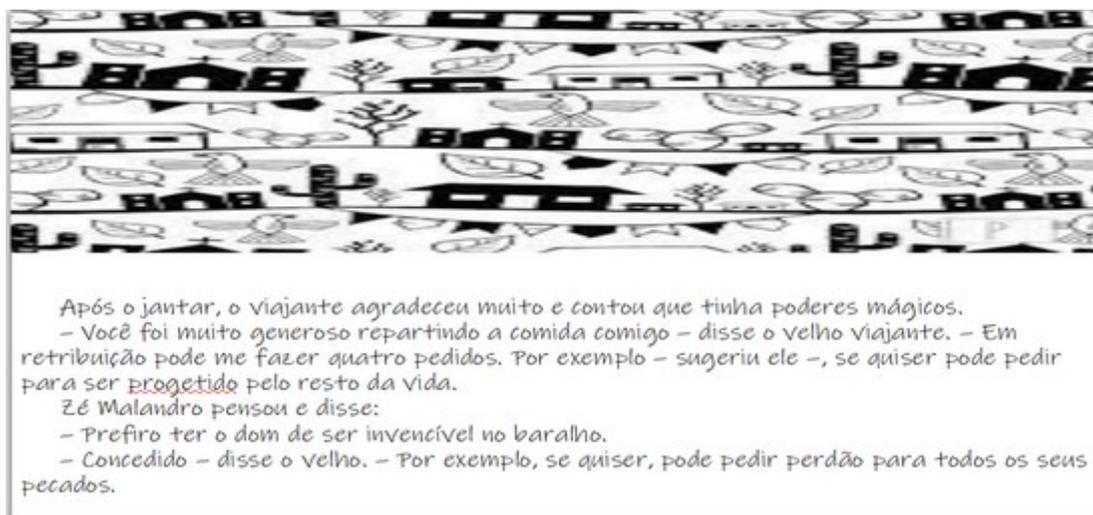
Figura 71 – *Slide* 2 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”



Fonte: <https://blogdearte.art/2022/04/14/xilogravura-de-cordel-arte-atemporal/>.

Os primeiros parágrafos da história são acompanhados de uma imagem que poderia representar o personagem principal dessa história, pois mostra um homem sentado na rede com sua viola. Esta figura adentra a apresentação valendo-se da animação “surgir” da esquerda embaixo, enquanto o texto vem da direção oposta ao mesmo tempo que a imagem.

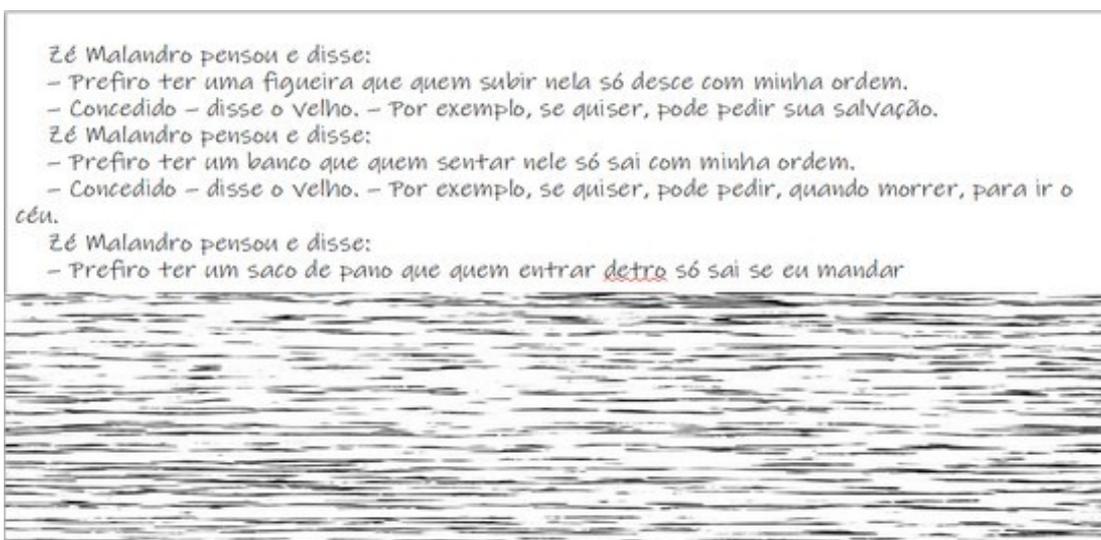
Figura 72 – Slide 3 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”



Fonte: <https://www.panolatrás.com.br/products/xilogravura>.

Neste *slide*, tanto a imagem quanto o texto surgem simultaneamente no vídeo. O texto entra pela lateral esquerda, enquanto a figura se desloca pela lateral direita, convergindo para o centro da tela.

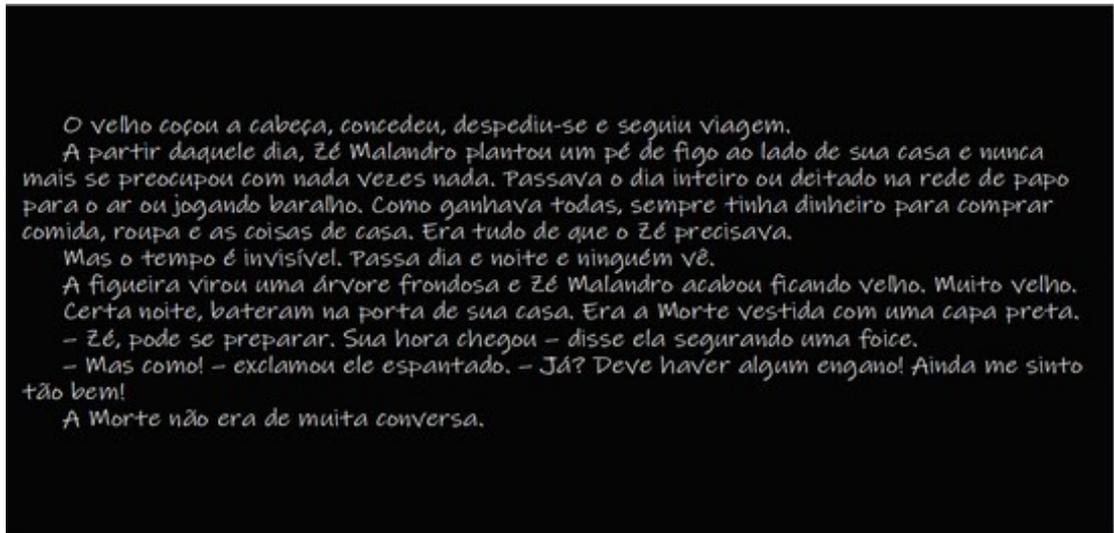
Figura 73 – Slide 4 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”



Fonte: <https://www.istockphoto.com/br/vetor/fundo-abstrato-do-vetor-para-o-uso-do-projeto-textura-do-woodcut-tra%C3%A7o-do-woodcut-da-gm1144327606-307600828>.

O *slide* 4 traz, em sua base, uma imagem que se assemelha a um rio corrente. E na parte superior o texto. A xilogravura é, na verdade, um “Fundo abstrato do vetor para o uso do projeto. Textura do woodcut. Traço do woodcut da cor preta. Desenho à mão livre. Isolado no fundo branco. Ilustração do vetor” e surge na sequência do vídeo vindo da esquerda, enquanto o texto vem da direita.

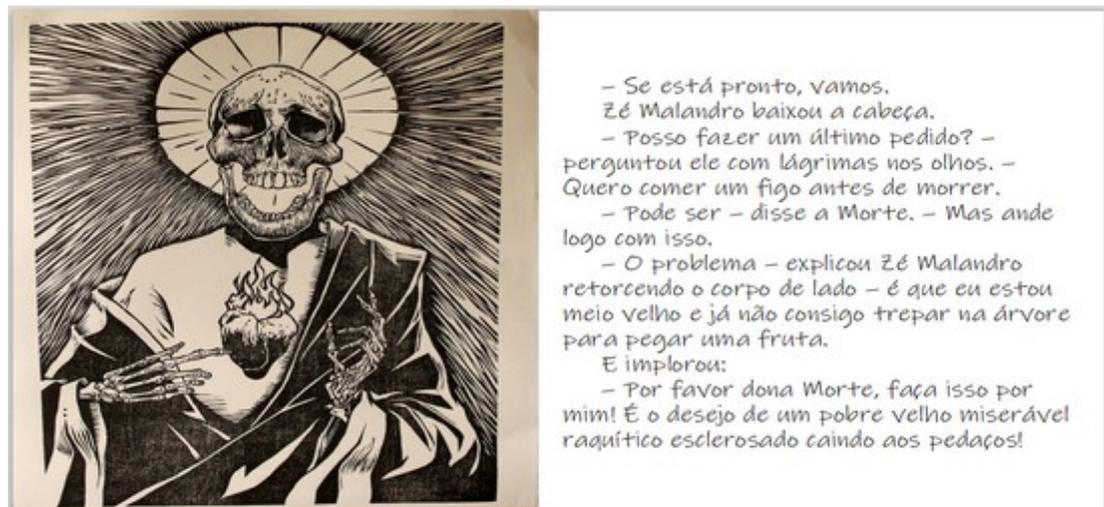
Figura 74 – *Slide* 5 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”



Fonte: Azevedo (20

O *slide* 5 traz um fundo preto e o texto na cor branca, que, apesar do contraste das cores, não facilitou muito a leitura. Muito provavelmente pela quantidade textual. Os efeitos de animação continuam com o surgir, desta vez pela parte inferior da lâmina.

Figura 75 – *Slide* 6 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”

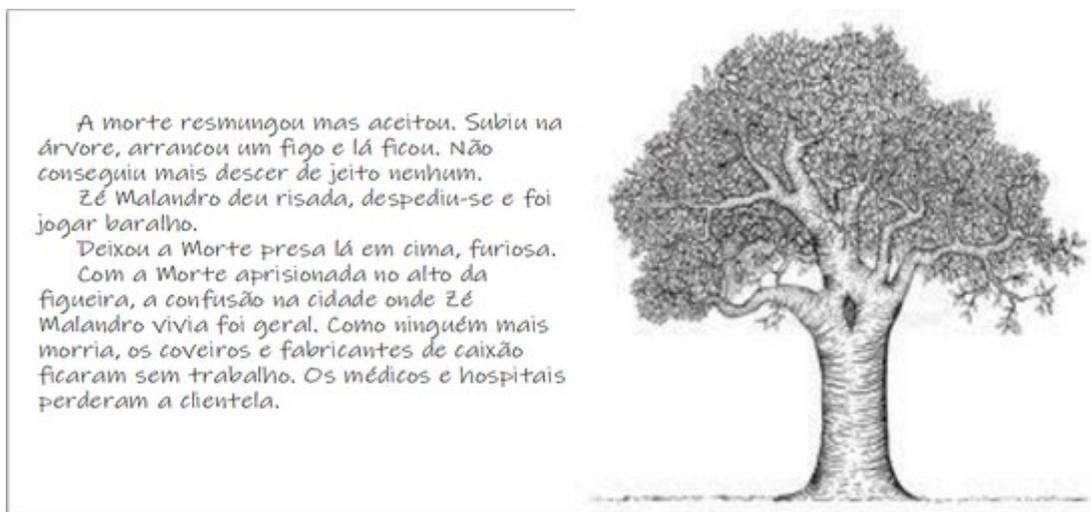


Fonte: <http://artesvisuaisudesc.blogspot.com/2014/03/xilogravura.html>.

A imagem que ilustra o sexto *slide* é denominada por “Santa Morte”. Tal xilogravura foi utilizada para retratar a primeira da “quase morte” do Zé Malandro, pois quem veio

“buscá-lo” foi a Morte. Os efeitos de animação, assim como nos *slides* anteriores é surgir pelas laterais. Neste caso, a imagem pela direita e o texto pela esquerda. Com este efeito, imagem e texto perpassam um pelo outro no centro da tela.

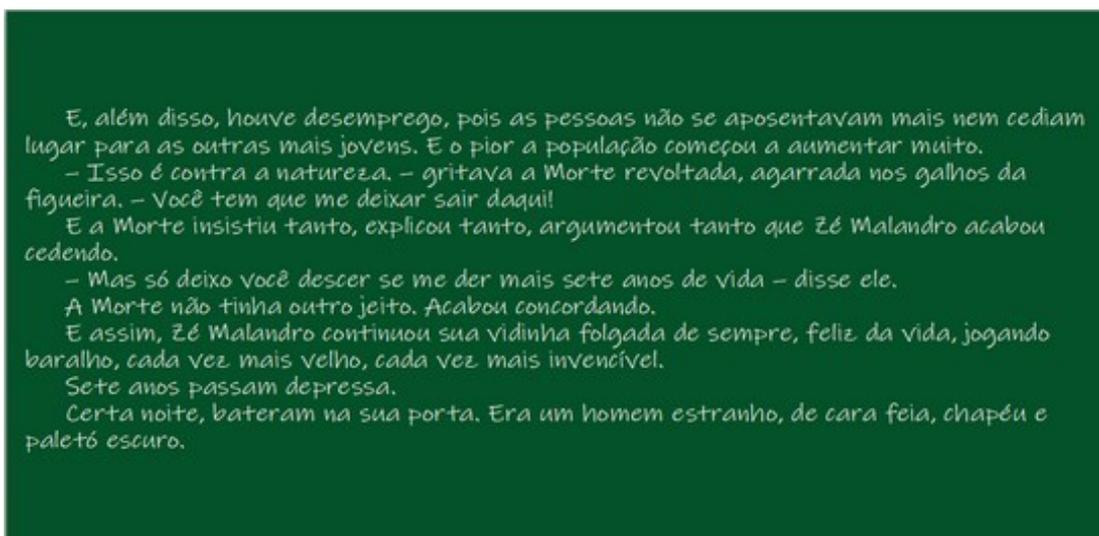
Figura 76 – Slide 7 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”



Fonte: <https://www.freeimages.com/pt/premium-clipart/woodcut-tree-6675105>.

Para esta lâmina, utilizou-se como imagem a Xilogravura *Árvore Royalty Free*. Tal figura já aparece na tela após a transição do *slide*. O texto, porém, apresenta animação de entrada, surgindo com o anterior, do alto da tela.

Figura 77 – Slide 8 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”



Fonte: Azevedo (20

O oitavo *slide* também apresenta imagem e, sim, um fundo verde e o texto na cor branca. Aqui há um leve contraste nas cores, mas por possuir uma quantidade significativa de texto, pode ter contribuído para a dificuldade da leitura por parte dos estudantes.

Figura 78 – Slide 9 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”



Fonte: <https://vejario.abril.com.br/programe-se/mar-exposicao-j-borges>.

A primeira, na verdade única, imagem realmente colorida é uma xilogravura que retrata uma dança típica do Nordeste: o forró e tem por título “Forró Nordestino”. Aqui houve um corte da parte inferior da imagem e também uma diminuição no tamanho vertical e aumento deste, na horizontal. Deixando a imagem meio distorcida. As animações permanecem no modo surgir, sendo que a imagem vem do alto, e o texto da parte inferior.

Figura 79 – Slide 10 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”

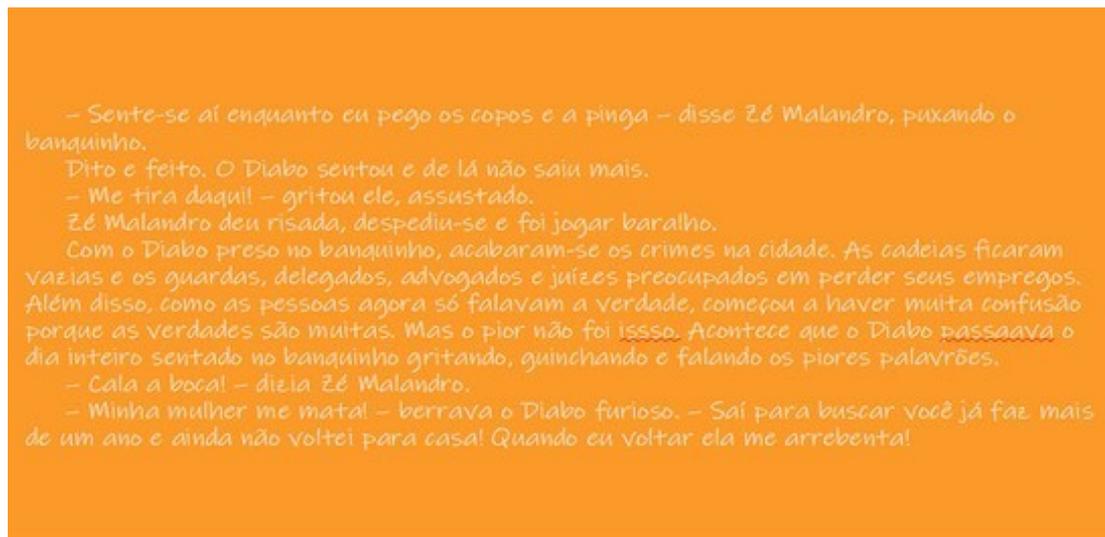


– Não venha com essa conversa mole. Já estou avisado sobre você. Vamos embora agorinha mesmo. Ou vai me pedir pra subir na figueira? Nessa eu não caio!
 Zé Malandro baixou a cabeça.
 – Posso fazer um último pedido? – perguntou ele com lágrimas nos olhos. É muito importante. É o desejo de um pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços. Queria tomar um traguinho de cachaça antes de abotoar o paletó. Você me acompanha?
 O Diabo lambeu os beiços.
 – Até que não é má ideia!

Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/exposicao-bestiario-nordestino-chega-a-juazeiro-do-norte-1.2045468>.

A xilogravura aqui apresentada pertence a Stênio Diniz, natural de Juazeiro do Norte, intitulada “O Exorcismo” – que tem umas crianças agarradas as pernas do padre, que carrega uma cruz, enquanto um ser vestido apenas com uma sunga e de aparência sombria tenta pegar garoto que tem em suas mãos uma foice. Como em quase todos os *slides*, as animações de entrada foram o surgir, desta vez a imagem e texto adentram juntos, vindo da parte inferior da lâmina.

Figura 80 – Slide 11 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”



Fonte: Azevedo (20)

Este *slide* é bastante problemático, pois, além da cor de fundo não ter grande contraste com a cor do texto, este tem uma quantidade de parágrafos bem extensa. O que, com certeza, contribuiu para as queixas dos alunos quanto a esta produção.

Figura 81 – Slide 12 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”



Fonte: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2005/jusp714/pag0607.htm>.

O *slide* 12 apresenta como figura o que parece ser um baralho, mas trata-se de um “Calendário de Pastores” Um raro calendário medieval, composto de 12 xilogravuras, reproduzidas de um almanaque francês de 1497. As animações de entrada são o efeito surgir para imagem e texto que entram ambos, ao mesmo tempo, à tela pela direita, como se fossem uma única composição.

Figura 82 – Slide 13 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”

<p>O tempo passou. No dia em que se completaram sete anos, Zé Malandro fechou a casa inteira bem fechada só deixando uma janelinha destrancada. No quarto, debaixo da janela, colocou seu saco de pano bem aberto. Naquela mesma noite, o Diabo apareceu, ele e sua mulher. A Diaba não tinha acreditado nem um pouco na história do banco e dessa vez quis vir junto com o marido. O diabo bateu na porta. Nada. Bateu de novo. Nada. Acabou descobrindo a janelinha aberta e entrou com a mulher por ela. Os dois foram parar dentro do saco de pano e lá ficaram.</p>	
--	---

Fonte: Azevedo (20)

Sobre a imagem deste *slide*, não foi mais possível verificar a fonte, não estando mais disponível na internet. Mais uma vez pode ser verificada a grande quantidade textual presente no *slide*. Para as animações, os efeitos são os mesmos da lâmina anterior, porém a entrada à tela se dá pela esquerda e da mesma forma, ou seja, juntos, texto e imagem.

Figura 83 – Slide 14 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”

	<p>Zé Malandro apareceu com um pedaço de pau na mão e começou a bater no saco. - Socorro! – berrava o Diabo. - Me acuda! – berrava a Diaba. O casal dos infernos passou o ano inteirinho dentro do saco tomando pancada todo santo dia. No fim, Zé Malandro cansou. Estava velho demais e até meio gagá. Soltou o casal de diabos que fugiu mancando apavorado. Dias depois, o Zé fechou os olhos e entregou a rapadura. Foi direto para as profundezas do inferno. Ao chegar lá bateu na porta. Apareceu o Diabo que, ao vê-lo, recuou assustado e começou a gritar:</p>
---	--

Fonte: <https://www.supercoloring.com/pt/desenhos-para-colorir/xilogravura-de-colmeia-esquisita-vintage>.

A imagem deste *slide* trata-se de um desenho de xilogravura para colorir, com um nome sugestivo de “colmeia esquisita”. Volta-se ao efeito de entrada com surgir pela direita, mantendo o surgimento de texto e imagem juntos.

Figura 84 – Slide 15 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”

– Vai embora! Aqui você não entra! Cai fora, Zé Malandro! No inferno você não fica! Sem saber direito o que fazer, Zé Malandro foi até o céu e bateu na porta. Apareceu São Pedro. O santo fez cara feia.

– Você não quis ser protegido, não quis o perdão para seus pecados, não quis a salvação nem vir para o céu. Agora, não tem jeito. Vai embora! No céu você não fica.

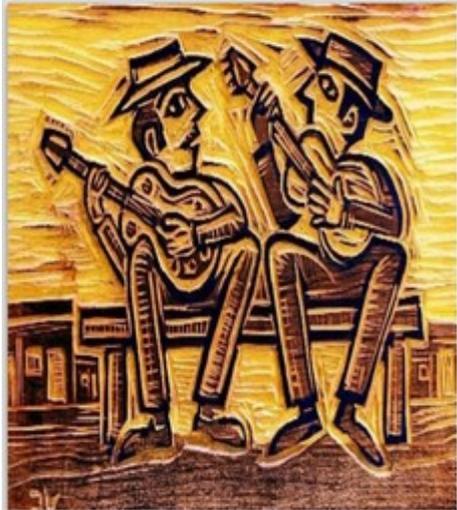
E assim, sem ter para onde ir, Zé Malandro achou melhor voltar para a Terra. Dizem que até hoje anda por aí, invencível, jogando seu baralhinho.



Fonte: Azevedo (20)

Desta imagem, também não se identificou mais a fonte. À época da elaboração do vídeo existia, porém no momento não é mais possível. É provável que estas tenham sido retiradas das mídias. Os efeitos de animações seguem com o surgir, desta vez com a imagem entrando ao vídeo no sentido diagonal da esquerda de cima, enquanto o texto vem de cima à direita. Fazendo com que se cruzem, pois surgem ao mesmo tempo.

Figura 85 – Slide 16 do vídeo “A quase morte de Zé Malandro”





Livro: Contos de Enganar a Morte
Conto: A quase Morte de Zé Malandro
Autor(a): Ricardo Azevedo
Ilustrador do livro: Ricardo Azevedo
Editora: Editora Ática
Voz: Tânia Serique
Edição: Tânia Serique
Imagens: Xilogravuras - Diversos
Música: Chorinhos Diversos no violão –
 Marcos Kaiser

Fonte: <https://www.desfrutecultural.com.br/projeto-xilogravura-e-literatura-de-cordel-de-valderio-costa/>.

O último *slide* tem como imagem dois violeiros. Esta, posicionada à esquerda da tela, adentra ao vídeo com a formação aleatória de vários quadrados até se completar. Após a figura formada, adentram, do lado esquerdo, emergindo, os créditos, da mesma forma que nos demais materiais didáticos.

5 INTERVENÇÃO E IMPACTOS

5.1 Intervenção

A colega de mestrado, Francisca Oliveira da Cruz, conduziu a intervenção pedagógica. Esta atingiu cerca de 70 estudantes, distribuídos em duas turmas do 6º ano, da Escola Municipal Dr. Ulysses Guimarães, localizada na rua Anfrísio Nunes, no bairro Independente I, na cidade de Altamira, região Oeste do Pará. O mencionado bairro enfrenta significativos desafios tanto em termos de infraestrutura, como socioeconômicos e de segurança. Considerada de grande porte, a escola oferece as modalidades de educação infantil, ensino fundamental I e II para, aproximadamente, mil crianças e adolescentes.

Esta intervenção ocorreu no 2º semestre do ano letivo de 2023, durante as aulas de Língua Portuguesa, consistindo na aplicação de atividades relacionadas a leituras e estudos de textos do gênero literário, incluindo poemas e contos. Essas narrativas foram utilizadas como eixos norteadores para o estudo da experiência estética literária.

O plano de intervenção foi dividido em 20 etapas distintas, das quais cinco incluíram a exibição dos vídeos. Especificamente nos blocos 3 - “Leilão de Jardim”; 4 - “A quase morte de Zé Malandro”; 5 - “A Rosa de Hiroshima”; 9 - “Da minha janela”; e 12 - “A Bailarina”.

Conforme consta no projeto de intervenção da professora Francisca, o Bloco 3 foi planejado para abranger uma gama diversificada de conteúdos didáticos, tendo a apresentação de um vídeo inspirado no poema “Leilão de Jardim”, mais precisamente no segundo encontro. Essa escolha pedagógica não só envolveu os estudantes com uma mídia visualmente atrativa, mas também ajudou a explorar conceitos de linguagem e literatura.

Dentro do escopo dos conteúdos trabalhados pela professora, destacam-se elementos fundamentais da linguagem e expressão poética, tais como o uso de rimas, tanto na interioridade dos versos quanto em suas terminações, a exploração de onomatopeias como recurso estilístico para emulação de sons naturais ou artificiais dentro do texto, e a prática da leitura individual, que não apenas fomenta a fluência verbal, como também estimula o desenvolvimento da compreensão leitora autônoma.

Além disso, a análise de adjetivos e substantivos, fundamentais na construção de imagens e na evocação sensorial por meio do texto, ofereceu aos alunos um panorama sobre como elementos, aparentemente simples da gramática, podem ser empregados de forma criativa para enriquecer a narrativa.

A produção foi projetada não apenas como uma oportunidade para a aplicação prática dos conceitos estudados, mas também como um meio de estimular a capacidade dos estudantes de expressar suas próprias visões de mundo de maneira criativa e autêntica, através da poesia.

Os objetivos traçados para este segmento do currículo foram pensados para transcender a simples memorização de regras gramaticais, buscando, em vez disso, o aprimoramento significativo da desenvoltura oral dos estudantes na leitura de poemas. Isto não apenas como um fim em si mesmo, mas como ferramenta de expressão pessoal e cultural. Buscou-se, portanto, o desenvolvimento da capacidade de reconhecimento de rimas, da percepção do ritmo, essenciais na apreciação e na criação literária, promovendo, assim, uma imersão profunda tanto na estrutura quanto no espírito da poesia.

Este bloco representou, assim, um compromisso com a formação integral dos estudantes, visando não apenas ao desenvolvimento de habilidades linguísticas e literárias, mas também ao fomento de uma capacidade de apreciação artística, cultural. Através de uma abordagem que intercala teoria e prática, os estudantes foram convidados a embarcar em uma jornada exploratória pelo universo poético, no qual a linguagem não se restringe a um mero veículo de comunicação, mas se expande como uma forma de arte, expressão e descoberta.

No âmbito da educação linguística, o trabalho com os conteúdos de oralidade, juntamente ao estudo e à aplicação de figuras de linguagem, como a comparação, a metáfora, a personificação, consiste em um aspecto fundamental para o desenvolvimento de competências comunicativas eficazes. Ademais, a produção textual se apresenta como uma ferramenta indispensável na consolidação dessas habilidades, permitindo aos estudantes não apenas a expressão de ideias de modo claro e coerente, mas também a exploração da criatividade, da sensibilidade estética.

Nesse contexto, com o objetivo de aprimorar as habilidades de leitura e interpretação, bem como estimular a observação da subjetividade presente nos textos em prosa, propôs-se no bloco 4, durante o segundo encontro, uma atividade centrada na produção audiovisual “A Quase Morte de Zé Malandro”, de Ricardo Azevedo. Esta escolha visou proporcionar aos alunos uma experiência imersiva, por meio da qual pudessem não só apreciar a riqueza literária da narrativa, mas também analisar as múltiplas dimensões que compõem o vídeo, incluindo a sonoridade musical e o impacto das imagens visuais.

O recurso à produção audiovisual foi pensado para ampliar o entendimento dos alunos sobre os mecanismos narrativos e estilísticos presentes na literatura, incentivando uma aproximação mais crítica e reflexiva. Por intermédio desta atividade, objetivou-se facilitar a percepção dos alunos quanto à forma de diferentes elementos, como as imagens e a música, podem interagir com o texto

escrito, enriquecendo a experiência de leitura e contribuindo para uma compreensão mais aprofundada do conteúdo.

Além disso, a atividade foi concebida para inspirar os estudantes na produção de um poema original, partindo da base narrativa apresentada. Este desafio criativo teve como propósito encorajar os alunos a explorarem as possibilidades expressivas da linguagem poética, bem como experimentar a subjetividade e a interpretação pessoal, elementos essenciais na criação literária. Dessa forma, busca-se não só estimular o desenvolvimento de habilidades linguísticas e literárias, mas também fomentar a capacidade de análise crítica e a expressão individual dos estudantes.

Em suma, a incorporação de recursos audiovisuais do ensino da língua portuguesa, especialmente em conjunto com o estudo de técnicas literárias junto à prática da produção textual, constitui uma estratégia pedagógica de grande relevância. Ao oferecer às aulas oportunidades de interação com materiais variados, enriquecedores, estabelece-se um caminho para uma compreensão mais abrangente e profunda da complexidade e da beleza da linguagem humana.

No decurso do quinto segmento da intervenção educacional, foi orquestrada uma exposição abrangente acerca da intrincada relação entre a poesia e a História, alinhando-se, assim, com um dos principais propósitos estabelecidos para esta fase. Adicionalmente, este objetivo foi ampliado para incluir a distinção criteriosa entre metáforas e comparações, bem como para aprofundar a compreensão sobre a linguagem poética e o manejo sofisticado da palavra dentro da estrutura de um poema.

A proposta adotada neste bloco buscou não apenas elucidar conceitos abstratos por meio de explanações teóricas, mas também fomentar uma apreciação mais rica, detalhada das nuances que permeiam a criação poética. Este enfoque permitiu aos participantes cultivarem uma sensibilidade aguçada para com a estética literária, além de desenvolver uma percepção mais apurada da história como uma fonte inexaurível de inspiração artística.

Neste contexto, destaca-se, particularmente, a abordagem pedagógica implementada durante o primeiro encontro. Foi selecionado o poema “A Rosa de Hiroshima”, uma obra que, lida pela professora, serviu não apenas como um momento de deleite literário, mas também como um ponto de partida para uma profunda investigação cultural, histórica. Através de uma metodologia interativa, foi organizada uma roda de conversa por meio da qual os participantes foram encorajados a explorar, discutir a linguagem poética empregada pelo autor, o contexto histórico subjacente ao poema, bem como o significado de termos menos comuns encontrados no texto. Este diálogo aberto e participativo proporcionou uma rica troca de perspectivas, interpretações, enriquecendo significativamente a experiência de aprendizado.

Além disso, tal enfoque permitiu aos estudantes uma imersão não apenas na análise literária, mas também em um exercício de empatia histórica, oferecendo um vislumbre das potencialidades da literatura enquanto instrumento de reflexão sobre as complexidades da condição humana, das vicissitudes da história. Cabe ressaltar que o vídeo foi exibido no segundo encontro reforçando que, ao entrelaçar literatura, história e análise crítica, esta abordagem procura não só instigar a curiosidade intelectual dos alunos, mas também contribuir para a formação de indivíduos mais conscientes, críticos, sensíveis ao seu entorno cultural e histórico.

Em suma, esta fase do programa foi caracterizada por um esforço consciente de transcender a mera transmissão de conhecimentos, visando à construção de um espaço interativo que estimula a reflexão crítica, o diálogo e a apreciação profunda das artes literárias em sua interação com o contexto histórico. Este enfoque pedagógico evidencia o compromisso com uma educação integral, que reconhece, valoriza a complexidade da experiência humana e a multifacetada expressão da criatividade.

O vídeo intitulado “Da minha janela” constituiu a peça central da apresentação no nono segmento da intervenção didática em questão. Este módulo específico foi desenhado para promover uma abordagem alternativa à leitura individual, ao mesmo tempo em que se debruçava sobre os conceitos fundamentais e a estrutura subjacente à narrativa. Entre os objetivos primordiais deste bloco, destacam-se: a introdução ao poema narrativo como forma literária, a análise da intencionalidade subjacente às escolhas do autor, a compreensão aprofundada da estrutura que caracteriza um texto poético narrativo e, não menos importante, o estabelecimento de conexões pertinentes entre o texto em análise e a sua ressonância com a organização social.

O processo de dissecação, de apreciação deste material audiovisual, deu-se no contexto da primeira atividade do encontro inicial, momento durante o qual a educadora responsável adotou uma metodologia particularmente engajadora. Inicialmente, procedeu-se à exibição do vídeo, sendo a visualização acompanhada por uma leitura pausada, criteriosa, realizada pela professora, de modo a facilitar a assimilação dos conteúdos por parte dos alunos. Seguidamente, com o fito de reforçar a compreensão e o envolvimento dos discentes, o vídeo foi novamente apresentado. Nesta feita, contudo, a experiência foi enriquecida pela participação de todos os presentes, que juntos realizaram a leitura do material, fomentando, assim, uma atmosfera de aprendizado colaborativo.

Este enquadramento didático não só permitiu uma imersão significativa no universo literário em questão, como também propiciou um terreno fértil para a discussão crítica e o desenvolvimento de habilidades analíticas nos alunos. A interação dinâmica com o texto

poético narrativo pode não apenas estimular a apreciação estética, literária entre os participantes, mas também incitar uma reflexão mais profunda sobre as múltiplas camadas de significado presentes na obra, bem como sobre a sua relevância no contexto da sociedade contemporânea. Por conseguinte, o módulo não somente cumpriu com os seus objetivos educacionais específicos, mas também contribuiu para a formação de indivíduos mais conscientes, críticos, sensíveis às nuances da expressão literária e ao seu impacto no tecido social.

O Bloco Doze constitui uma iniciativa didática projetada com o intuito de fomentar competências cruciais nos alunos, tais como a oralidade, a produção textual. Este módulo é estruturado de maneira a abarcar uma vasta gama de atividades que estimulam não apenas a capacidade de leitura crítica e a interpretação de textos diversificados, mas também a apreciação da riqueza subjetiva presente tanto em prosa quanto em verso. Adicionalmente, uma tarefa de destaque deste bloco é a criação de uma composição poética que se inspira numa narrativa, promovendo, assim, uma profunda interação entre a recepção e a produção literária.

No cerne do primeiro encontro da décima segunda unidade, foi colocada em prática uma série de exercícios de leitura selecionados. Estes foram concebidos não apenas para aprimorar as habilidades de compreensão textual dos estudantes, mas também para prepará-los para uma experiência cultural subsequente. A atividade-chave deste período preparatório foi a apreciação da produção audiovisual intitulada “A Bailarina”, uma adaptação cinematográfica baseada numa obra de Cecília Meireles, originária de seu livro “Ou isto ou aquilo”. É importante notar que esta peça foi selecionada para complementar, ampliar os temas explorados nas sessões de leitura e interpretação de texto. Esta projeção ocorreu no terceiro segmento do segundo encontro, servindo como um ponto culminante das atividades do bloco, por meio do qual os alunos tiveram a oportunidade de visualizar a aplicação prática dos conceitos discutidos em uma obra literária transposta para o meio audiovisual.

Este enfoque multifacetado não só enriquece o processo educativo, fornecendo aos alunos uma compreensão mais aprofundada e contextualizada dos textos literários, mas também incentiva o desenvolvimento de uma apreciação mais holística das artes. Ao inter-relacionar a leitura, a análise literária e a experiência audiovisual, o Bloco Doze estabelece um ambiente de aprendizado dinâmico, estimulante, preparando os estudantes para uma participação mais engajada, reflexiva no mundo cultural ao seu redor.

5.2 Impactos

No contexto educacional contemporâneo, a inserção de multimídia em processos de aprendizagem vem se destacando como um recurso pedagógico de significativa relevância. Nesse sentido, a análise da recepção de cinco produções audiovisuais específicas por parte de um grupo de alunos surge como um estudo valioso, oferecendo *insights* sobre preferências e eficácias na absorção de conteúdo educacional através de diferentes meios.

Figura 86 – Print da transcrição da professora de relato oral de um dos seus estudantes

3. Os livros me encantam. A mistura das palavras, com as imagens e as cores é maravilhoso. Gostei muito dos vídeos que a professora apresentou. Os mais lindos foram leilão de Jardim e A bailarina. Tinha até música. Ficou maravilhoso.

Fonte: Cruz (2023)

De maneira ampla, pode-se afirmar que as cinco produções audiovisuais foram bem acolhidas pelo corpo discente. Durante a avaliação, uma parcela dos estudantes expressou uma clara predileção pela modalidade audiovisual em detrimento do material escrito. Este fenômeno pode ser atribuído à riqueza sensorial proporcionada pelos vídeos, que integram estímulos visuais e auditivos, de forma a criar uma experiência de aprendizado mais envolvente, dinâmica.

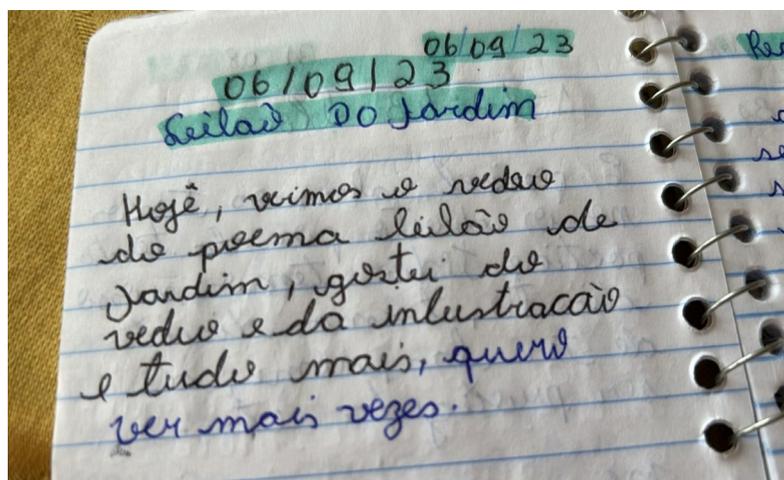
Os participantes deste estudo destacaram, em particular, a forma como as produções audiovisuais conseguem harmonizar o uso de palavras com elementos visuais, como imagens e cores, além da seleção musical cuidadosa. Tais elementos, quando combinados, não apenas facilitam a compreensão, a retenção do conteúdo apresentado, mas também contribuem para a criação de um ambiente de aprendizado estimulante, agradável. Essa sinergia entre diferentes estímulos sensoriais potencializa o engajamento do estudante com o material educacional, favorecendo processos de memorização e entendimento.

É imperativo, portanto, proceder a uma análise da recepção de cada um dos blocos de vídeo, observando-se a ordem em que foram apresentados aos alunos. Essa avaliação permitirá não apenas compreender as preferências e percepções individuais dos estudantes em relação a cada peça audiovisual, mas também identificar padrões de recepção que possam informar práticas pedagógicas futuras. Tal análise deverá considerar diversos fatores, incluindo a clareza da comunicação visual e verbal, a eficácia da integração entre texto, imagem, som, bem como a capacidade de cada produção de capturar e reter a atenção do aluno ao longo de sua duração.

É essencial destacar que a adequação e eficácia de recursos audiovisuais como ferramentas de aprendizado devem ser avaliadas continuamente, à luz das necessidades, das expectativas, das características cognitivas dos alunos. Este processo contínuo de avaliação, adaptação é fundamental para garantir que o potencial educacional dos meios audiovisuais seja plenamente explorado, contribuindo, assim, para a promoção de experiências de aprendizado mais ricas, diversificadas e efetivas.

Em relação à análise do vídeo intitulado “Leilão de jardim”, inspirado na obra de Cecília Meireles, cabe destacar, inicialmente, a relevante apreciação positiva por parte dos espectadores no que tange aos aspectos visuais empregados e à qualidade literária do texto. É evidente que a fusão da literatura e do audiovisual, quando bem executada, tem o poder de enriquecer a experiência do espectador, proporcionando-lhe uma nova perspectiva sobre o trabalho literário. Neste contexto, os efeitos visuais adotados no vídeo parecem ter cumprido com êxito a função de capturar, manter a atenção do público, ao mesmo tempo que complementam e exaltam a beleza inerente ao texto de Cecília Meireles.

Figura 87 – Foto do Diário de bordo de aluno da professora Francisca



Fonte: Cruz (2023)

Por outro lado, foram levantadas algumas críticas por parte de estudantes, que apontaram para desajustes específicos entre algumas das imagens apresentadas e o conteúdo textual. Um dos exemplos citados diz respeito à representação visual escolhida para o verso “E este sapo que é jardineiro?”, que, segundo a percepção de alguns espectadores, carecia de uma correlação mais explícita, coesa com a imagem de um sapo, comprometendo a clareza da mensagem pretendida e a compreensão integral do poema.

Figura 88 – Slide 8 de Leilão de Jardim



Fonte: <https://www.pamono.es/henri-matisse-las-mil-y-una-noches-elle-vit-aparaitre-colgante-la-nuit-1950-litografia-original>.

No *slide* em questão, é criada uma expectativa de que, em algum momento, o espectador/leitor irá se deparar com a imagem de um sapo, uma vez que o texto questiona se deseja adquirir este anfíbio. Entretanto, conforme mencionado na seção terciária 4.2.2, a figura do sapo não é exibida. A representação presente no *slide*, na verdade, não se assemelha nem um pouco a um jardim. Essa quebra de expectativa pode ser vista como um elemento enriquecedor para o desenvolvimento estético dos jovens, incentivando a reflexão crítica e a apreciação da arte de forma mais profunda e significativa.

Uma das observações da análise destaca que a presença de um jardim em ambiente residencial desempenhou um papel significativo no estímulo do interesse pela leitura e pela visualização do audiovisual. O contato com a natureza artística exibida foi capaz de cativar o indivíduo, enriquecendo sua experiência sensorial de forma marcante.

Figura 89 – Print da transcrição do relato oral

1. Meu texto preferido foi leilão de jardim pq minha casa tem muitas plantas e flores e minha mãe ama muito todas elas e eu amo muito minha mãe. Li o texto e gostei e quando assisti o vídeo fiquei encantada com tantas imagens lindas.

Fonte: Cruz (2023)

A representação em análise consiste em uma captura da transcrição do relato oral de um adolescente feito à professora durante os encontros da intervenção. A professora, por sua

vez, transcreveu o relato e repassou-o à pesquisadora responsável pela produção do vídeo em questão.

O projeto de adaptação do conto “A quase morte de Zé Malandro” para um formato de vídeo educativo foi desenvolvido com o intuito de explorar as potencialidades multimidiáticas. O processo de concepção deste material didático envolveu uma série de decisões críticas e estilísticas com o objetivo de realçar a narrativa envolvendo o público-alvo. Uma das escolhas centrais no desenvolvimento deste projeto foi a utilização de xilogravuras como principal recurso visual.

A técnica da xilogravura, reconhecida por seu caráter expressivo, sua forte conexão com a tradição cultural brasileira, especialmente no que se refere à literatura de cordel, foi selecionada para conferir ao vídeo uma dimensão estética que remetesse ao universo temático do conto. A predominância da cor preta nas ilustrações foi adotada não apenas por sua relação intrínseca com a técnica da xilogravura, mas também por seu simbolismo associado à temática da morte. Essa opção estética, embora considerada por alguns alunos como bastante sombria, foi escolhida para ressaltar a atmosfera peculiar do conto, mergulhando os espectadores em um universo visual que dialoga intimamente com a narrativa.

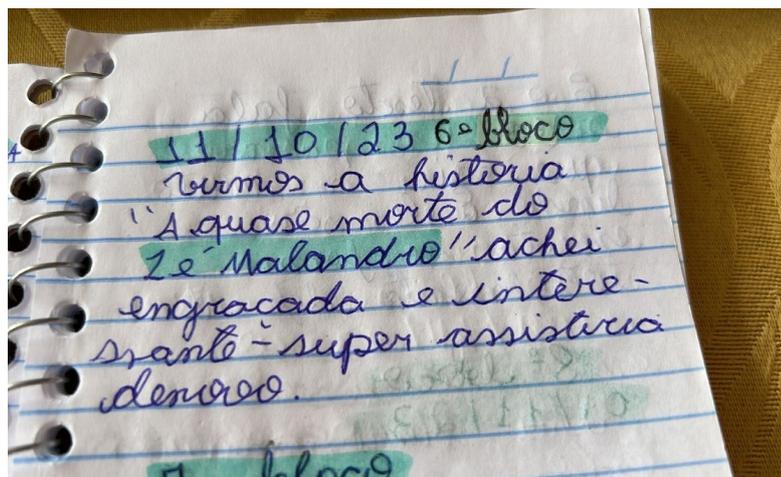
Figura 90 – Print da transcrição da professora de relato oral de seu aluno

4. Prefiro assistir as histórias nos vídeos pq num gosto de muito de ler, principalmente as histórias mais longas como a Quase morte do Zé malandro. As imagens num eram bonitas, eram bem escuras, não gostei delas, mas a história é muito engraçada.

Fonte: Cruz (2023)

Ademais, o projeto buscou aprimorar a experiência auditiva do público através da seleção da trilha sonora. Optou-se pela incorporação de diversas músicas de chorinho clássico, um gênero musical que, além de estar profundamente enraizado na cultura brasileira, possui uma sonoridade que vem ao encontro da leveza e da comicidade intrínseca ao personagem Zé Malandro. Tal escolha revelou-se acertada, visto que a sonoridade foi um aspecto amplamente apreciado pelos alunos, que destacaram a habilidade com que a música complementava a narrativa, enriquecendo a experiência e ampliando a imersão no universo do conto.

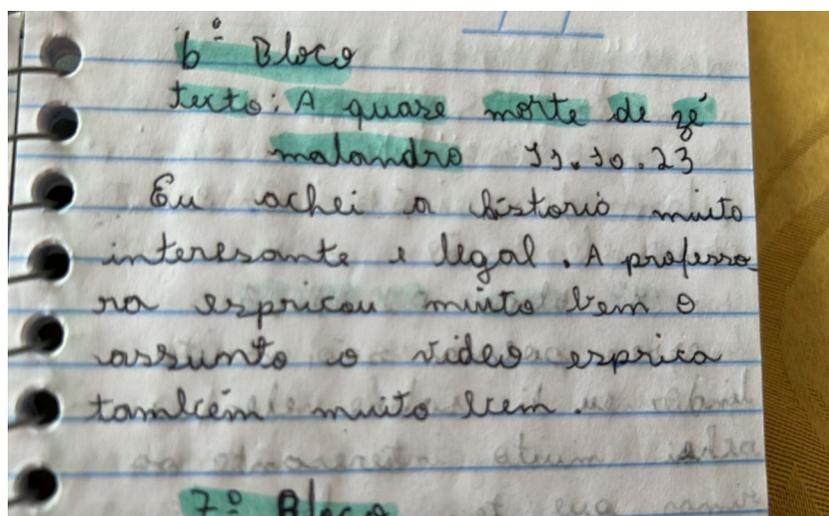
Figura 91 – Relato em diário de bordo de discente



Fonte: Cruz (2023)

Outro ponto positivo foi a entonação utilizada na leitura do texto, elemento crucial para a transmissão eficaz do humor e da ironia característicos da história. A modulação de voz e a interpretação expressiva foram aspectos trabalhados para garantir que o tom da narrativa fosse captado, apreciado em sua plenitude.

Figura 92 – Relato em diário de bordo de outro discente



Fonte: Cruz (2023)

No entanto, algumas observações críticas foram levantadas em relação ao comprimento do texto empregado no vídeo. Embora a intenção tenha sido preservar a riqueza narrativa e detalhista típica do conto, compreende-se que a extensão do texto pode ter impactado a dinamicidade do vídeo, possivelmente afetando o nível de engajamento dos

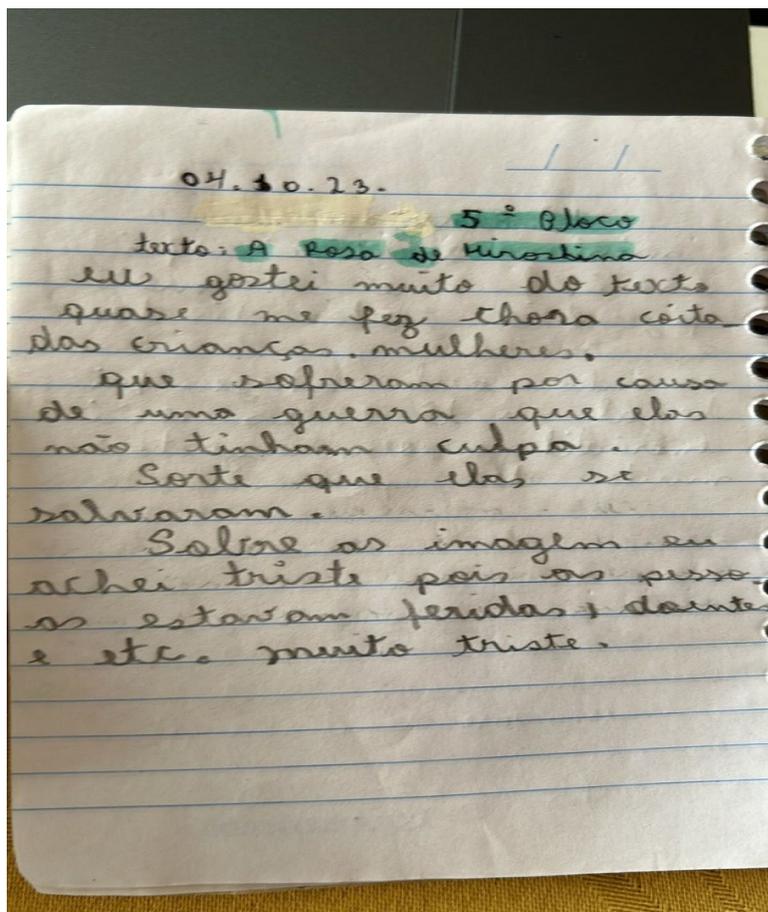
alunos. Essa reflexão é valiosa, indicando a necessidade de equilibrar a fidelidade textual e a fluidez audiovisual em futuras produções.

Este dado reforça a importância destacada na quarta seção, referente à preparação do material didático. Sugere-se aqui que a distribuição do conteúdo seja realizada em um maior número de *slides*, além da inclusão de um maior volume de figuras, particularmente as coloridas. Esta prática visa a aprimorar a experiência estética dos alunos, contribuindo, assim, para um ambiente de aprendizagem mais enriquecedor e cativante.

A apresentação subsequente que os alunos tiveram a oportunidade de assistir, foi a produção intitulada “A Rosa de Hiroshima”, cuja execução foi planejada para ocorrer no quinto bloco do programa. Este segmento, em particular, parece ter sido o que mais profundamente ressoou entre os alunos, dada a sua abordagem ponderada, introspectiva sobre uma temática tão delicada quanto a dos massacres da II Guerra Mundial. A escolha deste assunto, por si só, demonstra uma intenção clara de não apenas educar, mas também de provocar uma reflexão crítica nos participantes sobre eventos históricos de grande magnitude junto as cicatrizes deixadas por eles na sociedade.

A seguir, apresentaremos alguns depoimentos recolhidos após a exibição, que evidenciam o impacto significativo que o vídeo teve sobre o público. Estas reações são testemunhos da eficácia com que o segmento conseguiu tanto engajar quanto emocionar os espectadores, sublinhando a importância de abordar temas de grande peso histórico e social em contextos educacionais. Os depoimentos capturam não apenas as impressões imediatas dos alunos, mas também refletem como o segmento provocou neles uma maior conscientização e compreensão sobre as consequências devastadoras dos massacres na história humana.

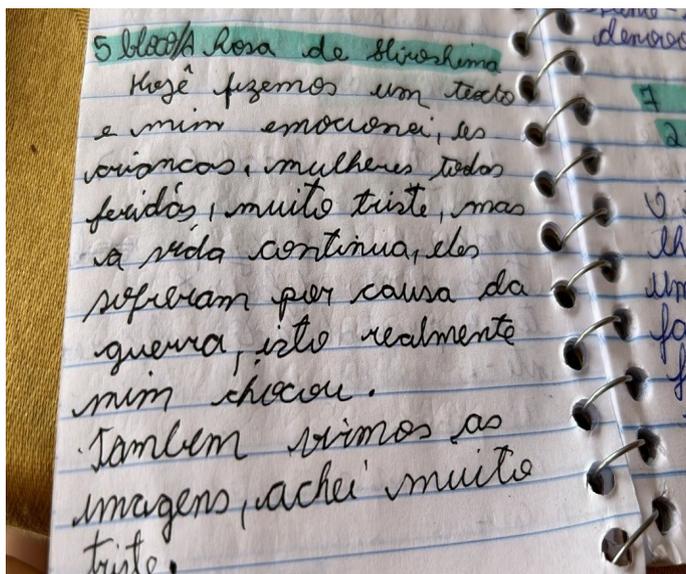
Figura 93 – Relato em diário de bordo de discente sobre A Rosa de Hiroshima



Fonte: Cruz (2023)

É fundamental destacar que a inclusão de “A Rosa de Hiroshima” como parte do programa não foi uma escolha feita de ânimo leve. Ao contrário, representou uma decisão com o objetivo de enriquecer o conteúdo pedagógico do evento através de uma abordagem que fosse, ao mesmo tempo, informativa, sensibilizadora e profundamente humana. Através desta peça, procurou-se promover uma educação holística, que transcendesse o aprendizado factual, estimulasse nos alunos uma reflexão mais profunda sobre os valores humanitários e a importância da paz, da empatia em um mundo frequentemente marcado por conflitos e violência.

Figura 94 – Relato sobre as atividades de “A Rosa de Hiroshima”



Fonte: Cruz (2023)

Em suma, “A Rosa de Hiroshima” não foi apenas mais um segmento no programa do evento; foi, de fato, um marco que destacou a relevância, a necessidade de tratar de temáticas desafiadoras com a seriedade e o respeito que merecem. Os depoimentos coletados após sua exibição servem como um lembrete poderoso do papel que a educação tem na moldagem de uma consciência crítica e humanitária nos jovens, preparando-os não apenas como estudantes, mas como cidadãos conscientes, responsáveis no mundo.

Figura 95 – Relato oral de discente colhido pela professora Francisca

2. A leitura e o vídeo de hoje me deixaram muito triste, porque falava de uma bomba que foi jogada em cima de uma cidade. Destruiu tudo. Tive muita vontade de chorar quando vi as imagens das mães carregando nos braços as crianças bem magrinhas e doentes. Foi muito triste.

Fonte: Cruz (2023)

Figura 96 – Relato oral transcrito pela professora Francisca

5. hoje assistimos o vídeo de um poema que se chama Rosa de Hiroshima. Não gostei. Foi horrível. As imagens das crianças sofrendo que vi me deixaram muito triste

Fonte: Cruz (2023)

Os depoimentos registrados nos diários de bordo e nos relatos orais evidenciam o impacto emocional significativo que o vídeo causou nos estudantes. É notável como a produção em questão conseguiu estabelecer momentos de catarse nos participantes dos encontros.

No que diz respeito à recepção da produção assistida no nono bloco, intitulada “Da minha Janela”, os alunos demonstraram um elevado nível de atenção e apreciação. Nesta produção, foram enfatizados diversos pontos positivos, sem menção aos aspectos negativos. Os alunos destacaram as cores vibrantes das letras, a envolvente música de fundo (um delicado chorinho, interpretado por um grupo feminino do Pará, chamado Infância), a entonação cativante da voz na leitura do texto, bem como os eficientes efeitos visuais durante a apresentação e transição das imagens.

Adicionalmente, eles elogiaram a caracterização dos personagens e a interação escritor/leitor, elementos essenciais do livro. É importante ressaltar que o material audiovisual incorporou imagens e ilustrações presentes na obra, apresentando momentos em que o texto foi reproduzido fielmente e outros em que conteúdo já existente na obra foi explorado de forma criativa.

Todos os relatos mencionados foram comunicados verbalmente à docente durante a visualização do vídeo, sem registros escritos nos materiais de aula. Entretanto, tendo em vista que um dos propósitos deste módulo era desenvolver um texto que abordasse a pergunta formulada pelo autor do poema narrativo, a professora compartilhou o conteúdo redigido por uma das alunas:

A minha janela é bem pequena. Da minha janela que fica no meu quarto dá pra ver o céu azul cheio de nuvens quando eu tô deitada na cama. Gosto também de ficar sentada nela olhando para uma rua que passa bem pertinho dela. Vejo muitas crianças brincando. Animais correndo. Um grande jardim com lindas flores na calçada da casa da minha vizinha. Da minha janela também dá pra ver uma grande área de mata verde onde as guaribas cantam todos os dias de tardezinha. Gosto de ficar na minha janela esperando meu pai chegar do serviço e meu irmão chegar da escola (Texto O / aluna 15: Da minha janela).

A última produção apresentada aos estudantes foi exibida no 12º bloco e recebe o título “A Bailarina”, presente no mesmo livro (“Ou isto ou aquilo”) do 1º vídeo assistido - “Leilão de jardim”, de autoria de Cecília Meireles.

Este vídeo foi altamente apreciado pela audiência, que destacou a significativa contribuição da trilha sonora para a fluidez e harmonia da produção audiovisual. Além disso, os estudantes também comentaram sobre a utilização das cores e das imagens, que, como mencionado anteriormente, pertencem a Tchaikovsky e Degas, respectivamente.

Um dos pontos fortes ressaltados pelos alunos foi a facilidade de leitura e compreensão do texto, aspectos que foram muito bem recebidos. No entanto, eles sugeriram que as cores das fontes utilizadas poderiam ser mais escuras, pois as consideraram muito claras.

Durante a análise, foi notado que um relato específico expressava grande apreço pelo vídeo que narra a história de uma menina que sonhava em ser bailarina e dançava incansavelmente. A autora desse relato ressaltou a qualidade encantadora das imagens e a maravilhosa trilha sonora que desperta o desejo de dançar.

Figura 97 – Relato em diário de bordo de outro discente

6. Hoje foi muito legal o vídeo que a professora trouxe pra gente assistir. Era a história de uma menina que queria ser bailarina. Ela dançava e dançava. As imagens são encantadoras e a música maravilhosa dar até vontade de dançar também.

Fonte: Cruz (2023)

É interessante notar que o trabalho da professora Francisca Oliveira da Cruz começa e termina com as produções baseadas nos poemas de Cecília Meireles: “Leilão de jardim” e “A Bailarina” que estão no livro “Ou isto ou aquilo”.

Por todo o exposto, é possível ponderar que os resultados gerais atenderam às expectativas previamente estabelecidas. Entre eles, a capacidade dos alunos de se concentrar na exposição das produções audiovisuais, o despertar da curiosidade em relação ao conteúdo do livro apresentado nos vídeos, o interesse subsequente de ler as obras discutidas nos vídeos.

6 APRENDIZAGENS E RESSONÂNCIAS

Após a realização de um estudo sobre o campo da Estética, da leitura literária e da importância do audiovisual, e de como todos esses elementos contribuem para a formação dos estudantes para além da simples instrução escolar, pode-se apontar algumas aprendizagens e/ou ressonâncias.

O estudo do percurso da Estética como ciência revelou-se de valor inestimável. Este exame possibilitou compreender que a Estética sempre esteve intimamente ligada ao conceito de Belo, a apreciação da Beleza. Assim sendo, torna-se claro que o estudo da Estética atua como uma ferramenta pela qual pode-se observar a evolução da nossa percepção do Belo, da Beleza ao longo dos tempos. Em outras palavras, a Estética sempre se dedicou ao estudo da beleza e do que é considerado belo em diversos contextos históricos.

Este estudo demonstrou ter uma importância crucial para alcançar-se uma melhor compreensão dessa temática. Além disso, revelou-se de extrema relevância para os profissionais da educação trabalharem com uma perspectiva de formação histórico-social para seus alunos, indicando múltiplos caminhos a serem percorridos.

No que se refere ao ato de leitura, é possível afirmar que esta habilidade é inerente ao ser humano desempenhando um papel de extrema importância na comunicação verbal, bem como na transmissão de informações e ideias. Ademais, a leitura possibilita a participação ativa na sociedade, o acesso a uma variedade de conhecimentos e a contribuição para a preservação do acervo de saberes da humanidade.

Entretanto, a abordagem da educação brasileira em relação à leitura literária tem sido questionável, uma vez que se concentra primordialmente no estímulo ao hábito de leitura, em detrimento da oferta de experiências literárias enriquecedoras.

A leitura transcende a mera decodificação de palavras, pois envolve a compreensão, interpretação, transformação por parte do leitor. Constitui-se como um meio para a aquisição de conhecimento, o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico, a obtenção de uma compreensão mais abrangente do mundo que nos cerca.

Infelizmente, a valorização plena da leitura ainda não é amplamente reconhecida devido ao seu histórico como um instrumento de poder e exclusão social. Até os dias atuais, observa-se a manipulação de indivíduos com baixo nível de escolarização por parte daqueles que detêm o poder. A importância da alfabetização e do acesso à educação de qualidade ressalta-se como pilares fundamentais para o desenvolvimento social, intelectual de uma nação.

A linguagem audiovisual desempenha um papel crucial na comunicação, no processo educacional contemporâneo. Conforme a educação avança, é importante explorar outras formas de linguagem, como a visual, oral, audiovisual, como ferramentas valiosas para a compreensão e interação dos estudantes. A junção de som e imagem no audiovisual permite transmitir mensagens de maneira abrangente.

Ao integrar elementos visuais e sonoros, o material audiovisual pôde tornar a informação mais atrativa, de fácil assimilação para os alunos. Em vez de depender exclusivamente de texto escrito ou falado, os estudantes puderam se envolver com imagens, música, efeitos visuais, estimulando sua criatividade e reforçando a compreensão dos conceitos apresentados.

A utilização de recursos audiovisuais como complemento para ampliar o conhecimento dos alunos se mostrou extremamente benéfica, proporcionando momentos de catarse, fruição, contribuindo significativamente para o desenvolvimento acadêmico dos estudantes.

Figura 98 – Prints do relato da Professora Francisca Oliveira que aplicou os vídeos (1)

7. Ao analisar a resposta dos alunos à visualização dos vídeos, a professora identificou uma distinta elevação no nível de engajamento de certos alunos, especialmente quando comparado com a sua interação com materiais, como os textos impressos, particularmente ao se considerar aqueles que não incluíam ilustrações ou quaisquer formas de enriquecimento visual. Fatores como o uso estratégico de imagens, a incorporação de cores vibrantes e a seleção cuidadosa de trilhas sonoras nos vídeos contribuíram significativamente para capturar e manter a atenção dos alunos.

A professora concluiu que a incorporação de vídeos não só enriquece a experiência de aprendizado, como também pode ser um poderoso aliado na promoção do envolvimento dos alunos com o material didático, potencializando assim, os resultados educacionais.

Fonte: Cruz (2023)

Figura 99 – Prints do relato da Professora Francisca Oliveira que aplicou os vídeos (2)

Tais achados reforçam a necessidade de integrar recursos multimídia ao currículo educacional, sobretudo ao abordar obras ou conceitos que, tradicionalmente, são apresentados de forma textual e desprovida de elementos visuais estimulantes. Este estudo de caso sugere uma reflexão sobre as práticas pedagógicas vigentes e aponta para a necessidade de uma abordagem mais diversificada e inclusiva no processo de ensino.

Fonte: Cruz (2023)

O desenvolvimento de material didático constituiu uma jornada extremamente enriquecedora para a pesquisadora, impondo a necessidade de uma incansável busca por novos conhecimentos. Isso se fez necessário para a realização de produções audiovisuais que conseguissem integrar, de forma harmoniosa, diversas manifestações artísticas. A complexidade desse processo reflete a importância de considerar a arte em suas múltiplas facetas, buscando sempre a complementaridade entre elas para criar materiais educativos que não apenas informem, mas também inspirem, engajem os estudantes em uma experiência de aprendizagem profunda e significativa.

A escolha por utilizar recursos audiovisuais na intervenção pedagógica, especificamente por meio da utilização dos vídeos produzidos, foi baseada na premissa de que tais ferramentas poderiam servir como catalisadores para uma aprendizagem mais engajada e eficaz. Após a análise dos impactos desses recursos no processo de ensino-aprendizagem, foi possível concluir que eles contribuíram significativamente para uma formação estética mais sólida. Tal conclusão foi alcançada ao verificar o quanto a percepção dos discentes em relação aos temas abordados evoluiu, demonstrando que o uso de produções audiovisuais potencializou a capacidade dos estudantes de apreciar, de refletir criticamente sobre o conteúdo apresentado.

É importante ressaltar que tais ferramentas audiovisuais desempenharam um papel fundamental ao possibilitar que os estudantes ampliassem seus horizontes de conhecimento e desenvolvessem uma postura crítica frente a temas de complexidade variada, incluindo assuntos polêmicos, como conflitos armados, questões sociais e ambientais. Essa abrangência temática não apenas favorece o aprofundamento do conhecimento, mas também estimula o desenvolvimento de valores éticos, empáticos nos alunos, capacitando-os a compreender e intervir de maneira consciente na realidade que os circunda.

Além disso, é digno de nota que, embora a intervenção e os vídeos tenham abordado temas que demandam reflexão e criticidade, também houve um cuidado para incluir

conteúdos que proporcionassem momentos de deleite e entretenimento. Essa abordagem equilibrada entre o educativo e o lúdico foi fundamental para garantir que o processo de aprendizagem fosse também uma fonte de prazer e inspiração, cultivando não apenas o intelecto, mas também o bem-estar emocional dos estudantes.

Portanto, a experiência de integrar as artes por meio de produções audiovisuais no contexto educacional revelou-se uma estratégia didática valiosa e uma prática transformadora. Ela evidencia a importância de abordagens pedagógicas inovadoras que valorizem a interdisciplinaridade e a criatividade, ampliando as possibilidades de aprendizagem e contribuindo para a formação integral dos estudantes como indivíduos críticos, conscientes e emocionalmente engajados com a realidade à sua volta.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, Mariana de Cássia; DUARTE, Newton. A Função da Arte e da Educação Escolar a partir de György Lukács e da Pedagogia Histórico-crítica. Campinas-SP: **Revista HISTEDBR on-line**, n. 68, p. 208-223, jun 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr>. Acesso em: 15/08/2023
- AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a Morte**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2003
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. 6. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis: sobre leitura e crítica**. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2012.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao Revés do avesso: leitura e formação**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ler literatura – viver e aprender**. No prelo.
- CAIRUS, Brigitte Grossmann. **Estética e Arte**. Indaial: UNIASSELVI, 2018.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2011.
- CARDÔSO, Cristina; ORTEGA, Raquel, transl. TESO, P. **Desenvolvimento de projetos audiovisuais: pela Metodologia DPA** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2016, 334 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/fn55z/pdf/teso-9788574554488.pdf>. Acesso em: 10/09/2023.
- CASTRILLÓN, Silva. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.
- CASTRO, José Acácio. Estéticas do Renascimento. *Humanística e Teologia*. 35:2 (2014) p. 237-249. Porto: **Revistas Científicas da UCP**, 2014. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/issue/view/573>. Acesso em: 10/06/2024.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. Estética na Filosofia Medieval [Aesthetics in medieval Philosophy]. **Revista Ágora Filosófica**, v. 11, n. 1, p. 11-30, 2011.
- COSTA, Ricardo. **Estética**. Vitória: EDUFES, 2016. *E-book*.
- COUTINHO, Laura Maria. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. Profuncionário – Curso técnico de formação para os funcionários da educação. Brasília – DF: Universidade de Brasília, 2006.

- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.) **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- KONDER, Leandro. **As artes da palavra: elementos para uma poética marxista**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura**. São Paulo. Companhia das Letrinhas, 2011.
- MACHADO, Eliany Salvatierra. A produção audiovisual na Educação Básica: implicações e atravessamentos. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 44, n. 1, 2018.
- MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustração: Odilon Moraes. 7. ed. São Paulo: Editora Global, 2012.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 9. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.
- MORAES, Vinícius. **Rosa de Hiroshima**. Disponível em: <https://www.viniciusdemoraes.com.br/>. Acesso em: 16/06/2023.
- MUANIS, Felipe de Castro. **O audiovisual na contemporaneidade: uma linguagem mundializada**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2005.
- NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- OTÁVIO JÚNIOR, **Da minha janela**. Ilustrações: Vanina Starkoff. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2019.
- PINHEIRO, Hélder (Org). **Pesquisa em Literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- PIRES, Eloiza Gurgel. **Algumas reflexões sobre educação e meios audiovisuais**. Travessias, v. 3, n. 2, 2009.
- PIRES, Eloiza Gurgel. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. **Educação e pesquisa**, v. 36, p. 281-295, 2010.
- INTRODUÇÃO a estética: teoria estética e vanguarda. Publicado pelo Canal Conexão filosófica. Professor Marcos Ramon. [S.l: s.n], 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pT7Oaxra5vg>. Acesso em: 14 fevereiro 2024.
- REYES, André *et al.* **A BNCC e a formação leitora na educação básica**. 1. ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2024.
- SILVA, Airton Marques da. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. rev. Fortaleza: EDUECE, 2015.
- SILVA, Edna Lúcia da. MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. Atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUTTO MAYOR, Ana Lucia de Almeida; SOARES, Verônica de Almeida. A produção audiovisual na escola: relatos e reflexões – revisitando as relações entre imagem e palavra no contexto escolar. *In*: LOBO, Roberta. **Crítica da imagem e educação: reflexões sobre a contemporaneidade.** Rio de Janeiro: EPSJV, 2010, p. 209-232.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética.** 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.